Revista Literalivre ©

ISSN: 2595-363X

Distribuição Gratuita

Vol. 04 - nº 20 - Mar./Abr. de 2020

ISSN 2595-363X

Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 4, nº 20 - Mar./Abr. de 2020.
ISSN 2595-363X
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo: Ana Rosenrot
Endereço: Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antônio – Jacareí/SP - CEP: 12.309.360

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

© Todos os direitos reservados

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Caros(as) amigos e amigas, estamos enfrentando um período muito difícil para a humanidade e hoje, mais do que nunca, a arte se tornou uma grande aliada para nos ajudar neste momento de temor e incerteza.

A 20ª edição da LiteraLivre está no ar com uma importante missão: proporcionar leitura de qualidade e diversão a todos que estão em casa e ajudar a amenizar os efeitos do isolamento.

Vamos juntos criar uma corrente literária capaz de encurtar ainda mais a distância entre os povos. Se não for possível estar fisicamente ao lado dos amigos, que estejamos lá através de nossos contos, poemas e crônicas. E não se esqueçam de usar os recursos tecnológicos de forma construtiva: enviem fotos, áudios, vídeos, e-books, etc… Espalhem alegria!!

Quero agradecer aos autores de todo o mundo, que estão presentes nesta edição, aos leitores que sempre nos acompanham e aos que estão nos conhecendo agora.

Cuidem-se!! Fiquem bem física e mentalmente! Tenham esperança de que dias melhores virão!!

Esta edição é dedicada a dois grandes amigos, que de perto ou de longe, foram muito importantes para mim e para a arte: o jornalista e radialista Carlos Roberto Monteoliva e o cineasta José Mojica Marins. Vocês sempre viverão em suas obras! Obrigada!!

Ana Rosenrot
Editora-chefe

COVID-19

Doença causada pelo coronavírus 2019

INFORME-SE.

COVID-19 é uma doença respiratória nova que foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na China. **Atualmente,a transmissão se dá principalmente de pessoa a pessoa.**

*Os sintomas podem aparecer entre **1 e 12 dias** após a exposição ao vírus.

Quem tem maiores riscos de ter a doença agravada?
- Adultos com mais de 60 anos
- Pessoas com doenças preexistentes, como diabetes e cardiopatias

Como a doença é transmitida?
- Pelo contato pessoal próximo com pessoas infectadas ou por meio de tosse ou espirro de pessoas infectadas.
- Ao tocar objetos ou superfícies contaminadas e em seguida tocar a boca, nariz ou olhos.

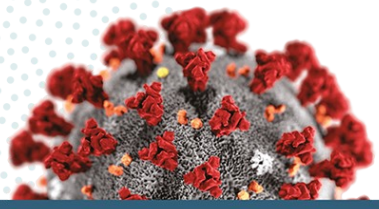
Até o momento,não há vacina nem tratamento específico, somente tratamento de sintomas. Os casos graves podem precisar de oxigênio suplementar e ventilação mecânica.

PREPARE-SE.

Informe-se por fontes confiáveis.

Lave as mãos frequentemente com água e sabão ou use álcool em gel.

Cubra a boca com o antebraço quando tossir ou espirrar ou utilize um lenço descartável e, em seguida, jogue no lixo e lave as mãos.



AJA.

Evite contato físico com pessoas que tenham sintomas de gripe.

Evite tocar os olhos, o nariz e a boca com as mãos sem lavá-las.

Evite compartilhar copos, pratos ou outros artigos de uso pessoal. Limpe e desinfete os objetos e superfícies que muitas pessoas tocam com frequência.

Se você viajou a áreas onde circula o vírus ou esteve em contato físico com alguém diagnosticado ou que apresente febre, tosse ou dificuldade para respirar, busque atendimento médico de imediato. Não se automedique.

Nota: Orientações podem mudar quando houver mais informações sobre a doença.
Fevereiro 2020.

OPAS
Organização Pan-Americana da Saúde
Organização Mundial da Saúde
Escritório Regional para as Américas

INFORME-SE. PREPARE-SE. AJA.
www.paho.org/bra

Neste Número:

Haikai Engraçadinho....5
Jorginho da Hora....5
Artista do Mês....6
José Mojica Marins....6
Coluna CULTíssimo....7
José Mojica Marins, o eterno "Zé do Caixão"....7

Autores

Adriane Neves....12
Alberto Arecchi....13
Aline Eni....17
Allan Fear....18
Almir Floriano....21
Ana Maria Fázio de Freitas....23
Ana Maria Rodrigues Oliveira....24
Ana Paula de Oliveira Gomes....25
Ana Rosária Soares da Silva....27
Anderson Falcão....28
Antônio Jefferson Teixeira Sousa....30
Belmiro Dias António Mouzinho....31
Brenda Andujas....33
Bruno Ribeiro Marques....34
Caique de Oliveira Sobreira Cruz....35
Caliel Alves....38
Carlos Jorge Azevedo....39
Carmem Aparecida Gomes....40
Carmen Mariana Santos de Barros....41
Caroline Cristina Pinto Souza....43
Catarina Dinis Pinto....45
Clarice de Assis Rosa....46
Cláudia Gomes....49
Claudio Marcio Fernandes....51
Cleidirene Rosa Machado....52
Clélia Jane C. Dutra....53

Conceição Maciel.....57
Daniela Genaro.....58
Davi da Motta.....59
David Leite.....61
Diana Pinto.....66
Di Tonini.....67
Eduard Traste.....70
Edweine Loureiro.....71
Eni Ilis.....72
Erick Muguliua.....73
Fabiane Braga Lima.....75
Fernanda Caleffi Barbetta.....76
Francisco Cleiton Limeira de Sousa.....78
Gabriel Alves de Souza.....79
Gedeane Costa.....80
Gonçalo José Teixeira de Sousa.....81
Heitor Nunes.....85
Hélène de La Dauphin.....87
Hélio Campos.....89
Helison Cavalcante.....91
Henrique Duarte Neto.....95
Hilda Maria Fázio Pontes.....96
Hudson Henrique.....97
Irane Castro.....99
Iris Ferreira da Silva.....100
Isabel Cristina Silva Vargas.....101
Ivaldo J. S. Braz.....103
Januário Esteves.....104
Jessyca Santiago.....105
Joalison Silva.....106
Joaquim Bispo.....109
Joedyr Bellas.....111

José Lucas Brito Souza....113
Juliana B....116
Júnior Pires....119
Kimberlly Isquierdo Bongalhardo....123
Kíssila Muzy....124
L. S. Danielly Bass....126
Léa Costa Santana Dias....128
Leandro Costa....129
Leandro Emanuel Pereira....130
Lis Souto Maior....131
Lucas Dias....132
Lucas Mateus Trindade Farias....133
Lucas Ramon Porto de Assis....134
Luís Amorim....135
Luís Laércio Gerônimo Pereira....139
Luiz Roberto da Costa Júnior....141
Luizza Milczanowski....142
Mahya Santana....144
Mairon Neves de Figueiredo....145
Marcio Araujo Lage....146
Marcos A. Cavalcante....149
Marcos Andrade Alves dos Santos....150
Marcos Nunes Loiola....151
Maria Elza Fernandes Melo Reis....152
Maroel Bispo....153
Mateus Bonilha Mendes....154
Nercy Grabellos....156
Nilde Serejo....157
Olivia Aila Marinho da Silva....159
Ovidiu-Marius Bocsa....160
Pâmela Rodrigues....161
Patricia Hradec....162

Paulo Cezar Tórtora.....165
R. Sofia.....172
Raimundo Nogueira Soares.....173
Regina Ruth Rincon Caires.....175
Ricardo Ryo Goto.....179
Riga.....182
Robison Sá.....184
Rogerio Luz.....185
Ronaldo Dória Jr.....186
Rosa Acassia Luizari.....188
Rosangela Maluf.....189
Rose Paz.....194
Rosely Frazão.....196
Rosimeire Leal da Motta Piredda.....199
Sigridi Borges.....200
Tâmara Ramalho da Silva e Tristan Nathanael Veras Pedrosa.....201
TAT (Thiago Alexandre Tonussi).....203
Tauã Lima Verdan Rangel.....204
Thiago Gonçalves Souza.....205
Tristan Veras Pedrosa.....206
Ubaldo Muller.....209
Vera Raposo.....210
Vinícius Fonseca.....211
Wagner Azevedo Pereira.....213
William Fontana.....214
Lançamento do E-book E-Antologia: O Lado Poético da Vida.....218
Participem do Projeto “Cartas para a Vida”.....219
LiteraAmigos.....220
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....227

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

À luz do dia
sabiá enquanto canta
o gato espia

Haikai Engraçadinho

Jorginho da Hora
Simões Filho/BA

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

José Mojica Marins
(Cineasta Brasileiro)

Conheçam mais sobre o artista na Coluna CULTíssimo.

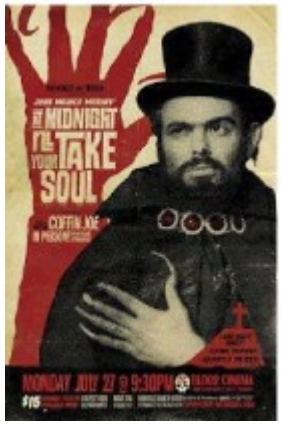
Coluna CULTíssimo

José Mojica Marins, o eterno "Zé do Caixão"

Texto publicado originalmente em 2013 na Revista Varal do Brasil e integrante do livro Cinema e Cult – vol. 01 – Atualizado em 2020.

Nesta edição quero fazer uma homenagem a um grande ícone do cinema brasileiro, que nos deixou em 19 de fevereiro de 2020; apresentarei a genialidade de um ator e cineasta, pouco conhecido por seu nome verdadeiro, mas cultuado pelo personagem sádico e misterioso que nasceu de um pesadelo de seu intérprete: *José Mojica Marins*, o *Zé do Caixão*.

Nascido em uma fazenda e filho de atores circenses espanhóis, *José Mojica* apaixonou-se por cinema assistindo a filmes na sala de projeção do Cinema em que seu pai trabalhava, muito criativo, montava peças de teatro com bonecos e fantasias feitas de papelão; começou a fazer cinema aos 12 anos de idade após ganhar uma Câmera V8 e não parou mais, montou uma escola de interpretação e aos 17 anos, já tinha a própria companhia de cinema: a *Companhia Cinematográfica Atlas*.



Em 1955, tentou realizar o filme experimental *Sentença de Deus* por três vezes (vários acidentes impediram seu término), mas o filme ficou inacabado e em 1958 lançou: *A Sina*

do Sinaleiro, um faroeste caboclo (chamado de Western Feijoada), uma obra importante, mas desprezada (como sempre) pelos historiadores do cinema nacional. Após outros projetos e participações, em 1963, *José Mojica* teve um sonho que mudaria sua vida: sonhou que estava sendo arrastado por um homem todo de preto que o levava para o túmulo; este homem se tornou um dos mais famosos personagens da história do terror: um coveiro chamado *Josefel Zanatas*, o enigmático e aterrorizante *Zé do Caixão*.

A composição do personagem foi um mix de *Drácula* (de *Lugosi* é claro), *Nosferatu* (pelas unhas enormes) e algumas características tradicionais brasileiras. A obsessão em encontrar a mulher perfeita (não fisicamente, mas intelectualmente superior) para ser mãe de seu filho, leva o odiado agente funerário a matar qualquer pessoa que cruze seu caminho e tente impedi-lo; assim nasceu o primeiro sucesso trash brasileiro, que atravessou fronteiras e ganhou o mundo (recebendo em inglês o nome de *Coffin Joe*).

Zé do Caixão é um personagem único, que transcende as telas e passou a fazer parte do folclore brasileiro e da vida de seu criador, que adotou o estilo de *Josefel* e criou um universo próprio, com filmes, programas de T.V. e múltiplas aparições; apesar de duramente censurado durante a ditadura militar, vários produtos foram lançados com seu nome: o *VW 1600* – fabricado de 1969 a 1970 da *Volkswagen*, o "popular *Zé do Caixão*"; o *Marafo* (pinga) *Zé do Caixão "A Pinga que Matou o Guarda"* (daí a expressão); o "*Desodorante Mistério":"Espanta qualquer odor"* (muita gente precisa); a marchinha de carnaval de 1969 *Pagode Macabro* e até foi tema de um HQ. "*O Estranho Mundo de Zé do Caixão*"; que também foi o nome de um programa de entrevistas apresentado por Mojica e transmitido pelo *Canal Brasil* (o programa estreou em 2008 e teve 7 temporadas). Quem viveu nos anos 90, com certeza acompanhou o saudoso "*Cine Trash"*(1996-1997), uma sangrenta sessão de filmes de terror trash exibidos de segunda a sexta-feira, onde "Zé do Caixão" fazia as honras como apresentador; com direito a famosa "praga do dia".

Seu terror perfeito e sugestivo (principalmente para quem tem medo de animais peçonhentos e nojentos) assusta no sentido amplo da palavra, causa críticas, mas vale cada segundo, pela genialidade e perseverança de seu criador que filmou em 1964 "*À Meia Noite Levarei Sua Alma*", seguiu com "*Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver*", lançado em 1967 e completado graças a muita persistência em 2008 (quarenta anos depois do último) com "*Encarnação do Demônio*", altamente violento e corajoso.

Em 2015, a vida de Mojica foi contada na minissérie de 6 episódios, "Zé do Caixão", onde o cineasta foi vivido pelo ator "Matheus Nachtergaele".

Quando se mistura a grandeza de um homem empreendedor e a perfeição imperfeita de um personagem, cria-se a verdadeira arte do cinema e da vida. Para terminar, sugiro aos "fortes" de plantão que promovam uma sessão particular com esses três filmes cultíssimos destes homens incríveis *José/Josefel,* que mais do que nunca serão eternos e boa diversão (e arrepios).

Sinopse: *"À Meia-noite Levarei Sua Alma"* (Brasil-1964) *At Midnight I'LL Take Your Soul* (título em inglês) é dirigido e protagonizado por José Mojica

Marins, conta a História do sádico e cruel coveiro Zé do Caixão (José Mojica) que pretende gerar um filho perfeito para dar continuidade ao seu sangue. Mas sua mulher não consegue engravidar e ele, obcecado, acaba violentando a mulher do seu melhor amigo. A mulher violentada, enlouquecida pela vergonha, quer se suicidar para regressar do mundo dos mortos e levar a alma de Zé do Caixão. Um filme trágico sobre crime e vingança pós mortem. Recebeu o Prêmio L'Ecran Fantastique pela originalidade e o Prêmio Especial no Festival de Cine Fantástico e de Terror de Sitges.

Direção: José Mojica Marins **Gênero:** Terror – (18 anos)

Sinopse: ***"Esta Noite Encarnarei no teu Cadáver"*** (Brasil -1967) – É a continuação do filme anterior, onde o coveiro Zé Do Caixão continua sua busca obsessiva: encontrar a mulher ideal para gerar seu filho perfeito – após sobreviver ao ataque sobrenatural no desfecho de *À Meia Noite Levarei Sua Alma*. Com ajuda do fiel criado Bruno, ele rapta seis beldades, submetendo-as a terríveis sessões de tortura. Somente a mais corajosa poderá ser a mãe de seu precioso filho. No entanto, o coveiro comete um erro imperdoável ao assassinar uma moça grávida. Atormentado pela culpa, ele tem um pesadelo no qual é levado para um inferno gelado, onde encontra todas as suas vítimas.

Direção: José Mojica Marins **Gênero:** Terror – (18 anos)

Sinopse: ***"Encarnação do Demônio"*** (Brasil-2008) – Retornando após 40 anos de prisão, Zé do Caixão (José Mojica Marins) volta às ruas decidido a cumprir sua missão: encontrar uma mulher que possa gerar seu filho perfeito. Caminhando pela cidade de São Paulo ele enfrenta leis não naturais e crendices populares, deixando um rastro de sangue por onde passa.

Direção: *José Mojica Marins* ***Gênero:*** *Terror – (18 anos)*

A série está disponível gratuitamente no youtube(cortesia do Canal Space)
Link:

https://www.youtube.com/watch?v=pKQaQ32KKFU&list=PLChjkzhrXCD9orotsVf3pE9wyR1MM3BeW

Para contato e/ou sugestões:

anarosenrot@yahoo.com.br

Baixem e leiam meu livro "Cinema e Cult – vol.01":

https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6514745

Adriane Neves

Florianópolis/SC

Passos dominicais

No meu sonho

Antes do beijo a rejeição

Logo veio a paixão

Fechar a porta e janela

Evitando que interrompessem

A emoção

Conhecer tua rua

Ao conhecer a minha

Avistamos minha mãe do portão

Avistando saudosa a casa da sua mãe

Subimos com prosas poéticas

Segurando tuas mãos

Vários olhares

Vozes da intriga

Mas quem liga?!

Já é tarde!!

Moramos num coração!!

Alberto Arecchi
Pavia – Itália

A Marcha dos Pífaros

Era um ritmo pulsante de tambores e flautas, pífaros e tambores. Começou a amanhecer, vinha do céu, cedo, na manhã daquele remoto mês de novembro. Do céu... "Mas de onde?" Vocês poderiam perguntar. Eu não sei, ninguém sabia. Começou suavemente, um estrondo distante, como um trovão. A cidade inteira foi acordada por um bumbo, e logo em seguida pelo início de uma alegre execução. O ritmo enchia os ouvidos, trovejava no crânio e batia nas têmporas. Você sentia vontade de acordar, de sair de casa e começar a andar com um passo constante. Como no quartel uma vez, no momento do serviço militar, quando, após o alarme, antes do pequeno-almoço, fizemos os exercícios para começar o dia. Parecia a marcha de um exército de tempos antigos, um dos ritmos alegres que empurravam massas coloridas de camponeses, que usavam pouca roupa, apenas alimentados e mal armados, para marchar em direção à morte, a escorregar ou saltar em piques ou contra tiros. A cidade inteira estava se movendo ao ritmo da marcha, e mil tambores, milhares de pífaros, e talvez algumas trombetas fora de ordem, em contraponto, chamavam as pessoas a deixar suas casas, para derramar para as ruas, avançar para os parques, e em seguida ainda, sem interrupção, se afastando das áreas residenciais.

A menina Lisa ouviu o chamado dos tambores. Saiu para o jardim e olhou para o céu. Imediatamente sentiu o desejo de ir para a rua, para se juntar ao rio de gente andando, como se todos estivessem hipnotizados. Todos se movendo na mesma direção, mas ninguém sabia para onde. Os caminhantes estavam indo, um após o outro, como se tivessem ouvido o apelo do Velho da Montanha. Andavam como as crianças do conto de fadas, por trás de um flautista que não estava lá. Eles não foram, no entanto, para saltar em um rio. Começavam em

consenso a definir na mesma direção. Saiam da cidade, foram determinados para a estrada principal. Logo eles se encontraram marchando em fileiras cerradas. A música estava se movendo, levando o povo de caminhantes em direção a um destino misterioso.

O ritmo animava as pessoas. Todos caminhavam decididos, alguém com passo mais pronto. Havia aqueles que se moviam como correndo em um parque. Alguém esboçava movimentos de dança, inspirado pelos ritmos da marcha que pareciam descer do céu. Andaram, andaram até ficar cansados. Em seguida, eles começaram a se organizar melhor. Ao longo do caminho, todos ofereciam comida e refrescos. Também o grupo se acrescentou com outros viajantes. Pontes e viragens, corcundas e solavancos, e comprimentos retos, campos e arrozais, canaviais abandonados. O mundo inteiro fluía em ambos os lados do longo caminho. A estrada acabou, mas isto não conseguiu parar o ritmo acelerado, que instava as pessoas a caminhar, cada vez mais, para se aventurar no desconhecido. Eles continuaram ao longo de um caminho de terra, de uma pista, em uma floresta selvagem. Subiram, ajudando-se uns aos outros, sobre as rochas que dominavam o vale. Chegaram ao topo, eles olharam para o mundo a seus pés, e foram além, sempre seguindo o apelo mágico de pífaros e tambores. A Lisa se divertia muito em contato com o mundo colorido de tantas pessoas felizes.

Chegou o momento em que a multidão alcançou aquilo que parecia um obstáculo intransponível. Na frente de todas essas pessoas, havia uma grande extensão de água calma, apenas ondulada pelas vagas de uma brisa suave. O ritmo que tinha levado a marcha nesses dias se tornou mais leve, um rolo de bateria no fundo com uma doce melodia do vento. As flautas prevaleciam naquele tempo, dominando os pífanos. Os mais capazes olharam em volta, juntaram madeira e outros materiais, e começaram a construir barcos. Todos aprenderam e foram capazes de trabalhar com as mãos.

A grande frota navegou no mar, empurrada pelos ventos, atraída pela música misteriosa. Lisa passou em um barco que parecia ser feito de papelão colorido.

Não se preocupava por sua segurança, mas apenas pela "beleza" do meio de transporte. Ela vivia esses momentos como um grande piquenique, onde todos se amavam e todos estavam jogando, e o jingle vindo do céu fortalecia o seu sentimento.

Quarenta dias, quarenta noites. Não houve inundação, não houve tempestade. Em mar calmo navegaram, com o favor do vento. A música celestial os acompanhava sempre, agora mais suave, outras vezes com tons mais fortes. As pessoas já não andavam. Alguém remava, alguém estava a pescar, outros cuidavam da vida diária das pequenas comunidades que se formaram nos barcos. Lisa fez amizade com as pessoas em seu barco. Eram todas pessoas agradáveis e fizeram-na sentir-se à vontade. Finalmente, chegaram a uma ilha remota. Uma ilha cheia de grandes recursos, em que não havia armas, nem petróleo, nem plástico, nem dinheiro.

Desembarcando na nova terra, navios e barcos se desfizeram. Era como se tivessem sido planejados apenas para uma viagem só de ida, e para a duração certa. Umas estavam vazando, as outras perdiam peças. Os homens desistiram e decidiram se instalar no lugar que tinham alcançado. Era uma espécie de paraíso terrestre, virgem, cheio de água e frutas. Agora o ritmo celestial havia-se transformado em uma espécie de música de fundo suave, apenas articulada, quase misturada com o farfalhar das folhas. Os recém-chegados olharam em volta e se espalharam por toda parte, procurando um lugar para se instalar. Eles começaram a construir cabanas, fazer amizade com os animais locais, crescer algumas plantas. Nunca mais souberam o que tinha acontecido no mundo que haviam deixado para trás. Não sentiram nenhuma nostalgia pelas moradias urbanas, por carros e televisores. Andavam ocupados, em vez, de cultivar e colher os frutos da terra e de viver em paz com seus vizinhos. Não ouviram mais a música celestial de pífaros e tambores, na verdade não foi ouvida mais nenhuma música misteriosa. Com o tempo, os habitantes da ilha feliz estavam convencidos de que a história da "Grande Marcha" não era nada mais que um

mito do passado distante, contado pelos anciãos para ensinar o amor mútuo e a fraternidade.

A geração de marcha, agora, se foi. Somente a pequena Lisa é a última sobrevivente. As lembranças de sua infância são nubladas e ela não fala com ninguém de quando ela era uma criança. Mora em sua pequena fazenda, e uma vez por semana, nos dias de festa, ela vai para a aldeia. Os jovens brincam e dançam em uma pista improvisada. Às vezes, quando a música é muito rítmica, a Lisa vira seus olhos para o céu e é absorvida, como fosse em êxtase, como se estivesse hipnotizada pelo ritmo ou pela memória.

Um amigo meu – cético – diz que esta é uma fábula, um mito do passado, e que hoje já você não pode mais navegar para novas terras. O curso das informações, no mundo, nos faz parecer que não há mais segredo nenhum, e que fica conhecido cada cantinho e recanto do planeta. Ontem, no entanto, ouvi chegando do céu um rolo distante de tambores, e pareceu-me que canas de pífanos afinassem suas notas. Os habitantes da região que envolve o grande deserto estão saindo de suas casas e iniciam, em pequenos grupos, em filas ainda quebradas, andando de frente a pé para o mar de areia, na esperança de chegar a uma terra sonhada. Andam sonhando um futuro de riqueza, onde não há falta de água ou alimentos. Eles se movem em direção a um mundo brilhante, motivado pela solidariedade. Em que faltem apenas a violência e a opressão do homem pelo homem. Quais as dificuldades que eles vão encontrar ao longo de sua jornada?

Que tipo de mundo vão encontrar no outro lado?

Aline Eni

Guará 1 – Brasília/DF

Cicatriz

Ela é linda
Ela é louca
Ela é intensa
Um lobo solitário a contemplar a lua
Com a força de um leão
Uma mulher forte

Uma menina indefesa
Uma criança assustada que foi muito ferida
Quer ser amada
Merece ser tratada com delicadeza

Ela quer amor
Um que afaste toda essa dor
Ela quer sentir-se especial
Ao olhar não espelho não viu que é sensacional

Insegura
Crua
Ás vezes dura
Cicatrizes que o tempo não cura
Ela recua
Mas quando volta
Vem de alma nua
Se a ferida se abre
Tristeza no peito invade
É meu prazer despir sua armadura
E ter de volta a sua alma nua.

https://www.facebook.com/linnyeny/

https://www.instagram.com/alineeniescritora/?hl=pt-br
@alineeniescritora

Allan Fear

Belfegor

Jéssica exibiu um sorriso meio sem jeito quando Justin, seu namorado, lhe presenteou com aquele lindo e exótico gato semelhante a uma onça.

– É um filhote de onça? – Indagou Jéssica ao segurar o felino cuja pelagem era idêntica à de onças pintadas.

– Este gato é de uma raça chamada Bengal, parecem mesmo pequenas onças. – Explicou o namorado acariciando a cabeça do felino que ronronava nos braços de Jéssica. –Espero que goste dele, meu amor!

– Ele já tem nome? – Indagou Jéssica olhando nos faiscantes olhos do gato.

– Sim! Ele se chama Belfegor! – Disse Justin exibindo um largo sorriso e o felino miou em seguida como se respondesse ao nome pronunciado.

***

Jéssica havia adorado o gato e teve de insistir com seus pais para que a deixassem ficar com ele, mas havia um pequeno problema: Jéssica era alérgica a pelos de gatos.

Mas como Belfegor havia sido um presente tão carinhoso do namorado, seus pais aceitaram o animal, com a condição de que ele fosse criado do lado de fora de casa.

Logo Jéssica viu que Belfegor era manso e queria sempre ficar em seu colo, ela permitia isso até que sua alergia atacasse e ela começasse a espirrar.

Naquela noite, após terminar suas lições do colégio, a jovem Jéssica se deu conta de que Belfegor estava aninhado em seus pés. Ela pegou o gato nos braços e o levou para o lado de fora.

Jéssica foi para a sala assistir TV, gostava de ver Twiligh Zone às 21 horas.

Lá fora uma chuva começou a cair. Relâmpagos estalavam nos céus jorrando suas luzes fantasmagórica no vidro da janela da sala.

– Ahhh!- Gritou Jéssica quando o gato pulou em seu colo. – Belfegor!! Não pode assustar desse jeito sua mamãe. Você tem sua caminha na garagem, vamos, vá dormir e não tenha medo da chuva.

Jessica se levantou do sofá surrado de vinil e levou o gato no colo para a garagem onde ela havia preparado uma aconchegante cama numa caixa de papelão para o felino. Ela o depositou ali e voltou para dentro de casa fechando a porta.

Mas novamente, após alguns minutos, o gato irrompeu pelas trevas do aposento e pulou no colo de Jéssica. Ela começou a espirrar e devolveu o felino à sua caminha, certificando-se de fechar todas as janelas da residência.

Mas novamente a cena se repetia. O felino dava um jeito de adentrar a casa. Mas por onde ele estava entrando?

Jéssica se certificou de que não havia nem sequer um basculante aberto, foi então que, pela sexta vez, ela pegou Belfegor nos braços e quando ia levá-lo para fora, o felino sibilou e a arranhou.

– Aiiii! - Jéssica gritou e soltou o animal para em seguida ver os filetes de sangue vermelho-brilhante escorrem por seu braço.

O pai de Jéssica apareceu segundos depois na cozinha e indagou: -O que diabos está acontecendo aqui filha?

– O gato está entrando dentro de casa, mas eu fechei tudo, não seu como ele faz isso. – Disse Jéssica.

– Eu sabia que esse bicho era uma má ideia. – Rosnou o pai de Jéssica e levou a mão para pegar o felino quando este o arranhou e saiu em disparada casa adentro.

O pai ergueu a mão e encarou os arranhões que faziam seu sangue fluir avidamente.

Com a mão ferida enrolada em papel toalha pai e filha procuraram por toda a casa pelo animal, mas não encontram nem sinal do felino.

– Mas como diabos esse gato saiu da casa? – Indagou o pai de Jéssica confuso. –Vamos olhar lá fora.

Quando Jéssica e seu pai foram na garagem, encontraram Belfegor morto, ao que tudo indicava o animal havia tentado subir em uma janela que daria para a cozinha, mas acabou arrastando várias caixas de ferramentas que caíram sobre ele. Enterrado nas costas do felino havia uma broca de furadeira.

Após momentos de angústia e tristeza, Jéssica foi para seu quarto tentar dormir, mas sabia que teria pesadelos com a visão macabra do gato morto. Ela se sentia culpada por não o ter deixado passar a noite dentro de casa, afinal a tempestade o assustara.

Jéssica se deitou e puxou o edredom até cobrir a cabeça. Lá fora a chuva continuava a cair. Os trovões retumbavam ao longe. Ela sentia seu corpo frio como gelo.

– Ãhhh??? – Jéssica sentiu algo pular sobre seu peito. Então ela ouviu o ronronar e quando, cautelosamente retirou o edredom de sua cabeça, fitou, na penumbra do aposento, Belfegor sentado sobre ela.

Os olhos do felino faiscaram um brilho infernal e ele exalou um miado fantasmagórico que a fez sentir todo seu corpo se arrepiar.

Jéssica sentiu o calafrio do pavor gelar o sangue em suas veias enquanto encarava o gato morto e pôde finalmente entender como aquele animal estava adentrando a casa mesmo com portas e janelas fechadas.

Pobre Jéssica, ela havia solucionado aquele mistério, mas agora ela tinha um problema: como ela faria para que Belfegor ficasse do lado de fora da casa?

Almir Floriano
São Paulo/SP

Analogia

Sempre tive verdadeiro fascínio pelas mulheres.
Tendo eu já tido um percurso etário significativo e ter tido contato com tantas delas, nunca me interessei cegamente por aquelas genéricas, ou fictícias.
Não sei que gosto elas têm, também nunca me interessei por descobrir. Possa ser que eu não tenha prestado atenção em suas nuances.
As mulheres exalam beleza e encanto, ao ponto de enfeitiçar aqueles que delas se aproximam!
São donas de raras belezas e enfeitam a vida com seu charme.
Claro que existem exceções!
Em todo jardim onde a beleza prevalece, também são encontradas ervas daninhas que vivem à sombra e às custas daquelas que se sobressaem.
Assim também são as mulheres na minha visão analítica.
No entanto, de um modo geral, elas são encantadoras; por onde passam

espalham seu perfume e encantos, para delírio de quem sabe apreciá-las e para desespero dos pobres de espírito que não conseguem enxergá-las!
Ultimamente meu coração tem sido povoado por uma dessas criaturas maravilhosas!
Desde que meus olhos a viram serpenteando toda sua graça, meu coração tem sido vítima do efeito fulminante que sua beleza exerce sobre mim.
Quando aparecem na vida da gente e encontram a porta aberta, o efeito é devastador, não há como resistir aos seus encantos! Invadem seu "estado de espírito" e tornam-se "Governadoras" do seu corpo.
Seu mandato pode ser curto, ou estender-se ao longo do tempo! Gostam de ter o poder da decisão e dificilmente aceitam ser comandadas.
Também com tantos atributos, quem ousaria contrariá-las?!
São flores lindas e delicadas, devem ser tratadas com leveza, suavidade e carinho. São alguns segredos essenciais que um bom jardineiro deve saber para poder manuseá-las.
Não há tempo determinado para o seu cultivo, elas florescem o ano todo!!!

*** Texto do meu livro de autoajuda:**
www.clubedeautores.com.br/book/236801--METAMORFASES

Ana Maria Fázio de Freitas

Assis/SP

Como é grande o meu engano

Quando penso que deixei de te amar
Eu percebo que te amo com loucura.
Não consigo sem ti me imaginar,
Minha alma em meus sonhos te procura.

Quando penso em ir embora e te deixar,
Ao teu lado uma força estranha me segura.
Já nem sei mais se devo ir ou se devo ficar,
Pois os meus olhos só te enxergam com ternura.

Quando penso em minha vida recomeçar,
Partir para sempre, para bem longe, te esquecer,
Meu coração em desespero começa a se agitar,
Não adianta agir contrário ao seu querer.

Quando cansada da fadiga deste amor,
Sonho encontrar nova paixão, me refazer,
É tua imagem que me enche de calor,
Percebo então que sem ti não sei viver.

Quando penso em desistir, seguir em frente.
Mudar meu rumo, construir um novo ninho,
A tua imagem serpenteia em minha mente,
A cada passo eu tropeço em teu caminho.

Ana Maria Rodrigues Oliveira

Lisboa – Portugal

Decesso camaleónico

A morte espaventosa suspendeu atmosferas corrosivas
Sobre as cabeças dos gigantes tricotando cachecóis
Para abafar gargantas no forno dos desertos
Assinou um pacto de limite temporal em neutra paisagem
Para que as folhas de outono se transformassem
Em fungos berrantes nos recônditos obscuros da floresta virgem

O passamento abraçou a dor dos enfermos e prometeu
Que a prole sobreviveria às garras do bicho homem no inferno
Permanecendo enlouquecido e afundado em milhões de cérebros
Implodindo numa chuva de caruncho em noite gelada e húmida de inverno

A morte trajou-se de mansinho e instalou-se
Perto dos andarilhos estáticos sobranceiros ao declive
Onde os fósseis dos dinossauros selaram as galerias dos defuntos
Suspensas dos penhascos ancestrais
Antes da esperteza delinquente e manhosa
Ser coroada pelos povos acabrunhados e ignorantes
Cobardes cabisbaixos e rastejantes

Enfeitou-se o óbito de pechisbeque e tilintou por entre os canais
Batendo sonoro nas paredes lar de ratos dançarinos
Que desvendam outras extensões diversos corredores
Provocando com golpes pantomineiros
Os sobreviventes da contaminação que ascendem soberbos
De destrutores borlistas a galhofeiros roedores

Ana Paula de Oliveira Gomes
Fortaleza/CE

Real Ordinário

Em feira (supostamente) beneficente, encontrou ferramenta de R$ 1,00. Sacou R$ 50,00 para pagar o objeto inominado, porém, de múltipla utilidade. Com ele, marcaria o couro inclusive.

A recebedora do pagamento, no entanto, desconfiou da fidedignidade da cédula. Assaz suspeita aquela operação! Como alguém se interessaria por insólito instrumento? Por que trocar R$ 50,00? Branqueamento de capital? Muita realeza para um bocado ordinário por demais...

A operadora fez caras e bocas geométricas, milimétricas, econométricas. Com olhar atravessado, virou e desvirou o papel-moeda. Riscou-o com a caneta verificadora. Inusitadamente, o dinheiro passou no teste. De fato, tratava-se de moeda fiduciária.

Que pena, preparada já se encontrava para aplicar os rigores da lei no flagrante facultativo! No espaço-tempo, de malgrado, mister passar o troco: duas cédulas de R$ 20,00 somadas a uma de R$ 5,00 e a duas de R$ 2,00, entre estas, uma se apresentava rasgada. Ação e reação:

"-Minha senhora, é o seguinte: troque esses R$ 2,00 por uma cédula íntegra. Não lhe dei dinheiro avariado. Exijo o meu troco direito!"

"-Meu senhor, todo mundo aceita essa cédula. Além do mais, aqui é caridade."

"-Caridade com tudo vendido?! Caridade seria se a senhora me doasse o apetrecho. Não sou todo mundo. Todo mundo é muita gente. Faça o seguinte: já que é caridade, tome seu mísero troco, devolva meus R$ 50,00 e me entregue a ferramenta."

Entrementes, a fila se intensificou. Lamentos, rangeres de dente. De quando em vez, palavrões até! Sem alternativa, a relutante senhora permutou os R$ 2,00. Em quem confiar?

Abençoada desconfiança! Desconfiar é imaginar... E não existem fronteiras à imaginação!

https://engenhodeletras.blogspot.com/

Ana Rosária Soares da Silva

Caxias/MA

Amor morto

Quando o silêncio me furtar a voz
E meus olhos não enxergarem os teus
É sinal que tua falta Amor,
Já não faz chorar os olhos meus

Quando a noite me vier escura
E o dia não der mais clarão
É sinal que tua falta Amor,
Encheu de pedra o meu coração

Quando a lua eu não puder tocar
E o sol não me der mais calor
É sinal que tua falta Amor,
Eu já não sinto, tornou-se em dor

Se meus versos não falarem mais
A poesia não descer em mim
É sinal que tua falta faz,
O meu Amor não pertencer a ti.

Se tua música eu ouvir tocar
E nela eu, não encontrar você
É sinal que tua falta Amor,
Foi a causa do nosso Amor morrer.

Anderson Falcão
São Paulo/SP

Sabonete

Sempre achei os cosméticos itens interessantes, tenho atração por suas embalagens, fragrâncias e, claro, os efeitos que produzem no corpo. Minha mãe, que é uma aficionada em cosmetologia, compra vários; usa até a metade, depois diz que não presta e deixa no armarinho do banheiro, vez outra alguém usa escondido. O creme fica lá, até depois do vencimento. Um belo dia ela acorda enfezada, junta tudo, joga no lixo e compra uma nova remessa logo em seguida, como uma espécie de peregrinação, e tem inicio uma nova fase de testes.

Um dia desses, fui numa loja, caríssima, em busca de um sabonete líquido que uma amiga de rede social indicou. O produto é sem parabenos, sem óleo mineral, sem gordura animal, quase que sem sabonete também. Comprei.

Lá estou em casa, lendo uma daquelas revistas científicas, a edição trazia uma matéria curiosa sobre a fabricação de sabonetes, descobri que esses produtos têm em sua composição um ingrediente chamado *lauriléter*. Esse tal de *lauriléter* é responsável pela produção de espuma, que pode ter um efeito de placebo na sensação de limpeza, e também carrega toda "loção hidratante" que nossas glândulas sebáceas produziram, por isso precisamos encher a cara de hidratantes, pra repor o que o lauriléter carregou.

Achei um insulto. Nós adultos temos que nos preocupar em trabalhar, estudar, construir uma vida digna e dar uma boa educação para nossos filhos e como se não bastasse, agora tem o lauriléter! A sociedade exige que os jovens lutem na guerra, que protestem por um país melhor, por um mundo justo e igualitário, mas ninguém se importa que estão fabricando sabonete que tem lauriléter!

Vou até o banheiro, pego o frasco do sabonete e leio o rótulo:

Composição: água, lauriléter sulfato de sódio…

O filho da mãe tem até sobrenome, quanta ousadia.

Anos de evolução para desenvolvermos glândulas sebáceas seguem escorrendo cotidianamente nos enxágues para dentro do ralo, por conta de *sabonetinhos*. No meu desembolsei cinquenta e nove reais e noventa centavos. Vou até o banheiro, seguro o pote que ainda tava na metade e ameaço atirá-lo na lixeira.

Pausa.

Respiro fundo, o guardo no armarinho, encosto a porta do banheiro, volto pra sala, pego a revista e ligo para o número impresso na contracapa.

"Editora… meu nome é Jéssica, em que posso ajudar?"

"Alô! Jéssica, eu quero cancelar a minha assinatura…"

Antônio Jefferson Teixeira Sousa

Itapipoca/CE

É de comer?

Felicidade é coisa de se comer?
Mesmo que nem todo paladar sinta sabores agradáveis.
Sempre é difícil agradar todos paladares.
O que importa mesmo é se, pelo menos, um é cativado.

Peço sua mão para vir aqui e dançar junto de mim.
Encosta.
Aperta.
Afrouxa.

A felicidade não cabe em um potinho.
Mesmo assim, estou disposto a dançar a vida junto de ti
E comermos da alegria
Enquanto não piso no seu pé nesta cirandinha.

https://www.recantodasletras.com.br/autores/sousajefferson

Belmiro Dias António Mouzinho
Quelimane, Província da Zambézia – Moçambique

Deslumbramentos

A prontidão da esteira anuncia a súplica pelo naufrágio encravado no corpo de mulher para aquecer a alma nua
Desprenda-se do cais da timidez
Alumia-me com a cor do teu chão húmido e apoteótico seus olhos refletidos no horizonte, como se dentro de mim os teus pés nus sapateassem a luminosidade da flor que se revela por entre nossos rios interiores.

Não há peso que não se meça na melodia do encanto,
a noite transfere o epicentro de minha euforia
No ritmo da eternidade ouço o meu nome soprado pelo vento e são já dois corpos a deriva capotando incontáveis mortes na estrada da eterna paixão.
o meu verso tem o teor de sua língua
porta entre aberta…

reinventada névoa na mulher que soluça inumanos voos melancólicos
por isso solto o cântico de ação de graças porque o amor tem o refrão da penitencia
as palavras são tambores redondos que ardem na vibração da pele e nas mãos quentes e habilidosas
a cama sai assobiando os mais escancarados desejos e o pano da noite encobre os sussurros nos incontáveis delírios.
Nota por nota vou esculpindo a incandescência que desabitou nos corações entornados no betão do ciúme
Desencantamentos

Paixões não correspondidas.
Na voz da esperança adoecida
Há corações encravados pelo medo de se magoar
É o medo semelhante ao luto, que nos encerra por dentro e impede de recomeçar sob protesto de não colher traumas e dor mais profunda
Porque quando a solidão adormece no rumor da ira, congela os sentimentos mais nobres
Mas é o amor o combustível que ressuscita corações e incendeia a paixão que adormeceu
O amor aquece a lua e lhe dá motivos para ressurgir mais uma noite
É o amor o mais completo poema descrito nas batidas do coração,
a clemência de seus andaimes deslizam nas delicadas mãos das mães
e cada substância que conhece sua génese

Brenda Andujas
Maringá/PR

Objeto frágil

Tenha cuidado
quebro facilmente
num pequeno deslize
viro pedacinhos
vidro estilhaçado
cacos espalhados
e não há colagem
que dê jeito
tal como penas pretas
que se espalham
em um dia nublado

https://www.instagram.com/brendaandujas/?hl=pt-br

Bruno Ribeiro Marques

Divinópolis/MG

Corpo

a sua língua
s u a
saliva

enquanto seus os olhos
s a l i v a m
lágrimas

a pele chora
sal
esporra
espinha

pelos poros
brotam pelos

pela pele
nua
escorre a luz
da lua

enquanto corre
pela rua
a lágrima de quem chove

https://www.facebook.com/brunorybeiromarques/

instagram: @bruno_ribeiromarques

Caique de Oliveira Sobreira Cruz

Salvador/BA

A inominável personificação da literatura

Sobre aquela fatídica e ensolarada tarde no campo, seguem breves e singelas notas de um pretenso conto. Estava eu a passar naquele cenário incomum para indivíduos caseiros e avistei duas pessoas, uma delas jogando os cabelos reluzentes ao vento, o sol peneirado por sombras de árvores que carregavam folhas avermelhadas refletia uma luz brilhante diante da sua loira cabeleira, a moça corria pra lá e pra cá, sentindo a natureza, respirando e transpirando os ares, o cheiro das rosas, descalça com os seus pequeninos e belíssimos pés de calçado número 36, ela sentia o macio da grama extremamente esverdeada, havia vida em todos os lados, em todo canto, o cantar dos pássaros nos provava isto, nos fazia conjecturar que assoviavam racionalmente para completar o panorama daquele fausto. Uma cena apaixonante e cinematográfica, os olhos dela cintilantes da cor de mel fitavam-me de uma maneira muito forte, razão pela qual resolvi parar e admirar o contexto, o destino havia reservado que ela estivesse com os óculos em uma das mãos, revelando os irradiantes olhos e, na outra, carregava as suas sapatilhas.

A segunda pessoa que estava lá, ao seu lado, não era menos resplandecente, entretanto, não corria, apenas filmava com uma câmera de última geração os momentos marcantes vividos pela primeira pessoa, a inominável. Registrando cada passo dela e fazendo ela dar risada cada vez mais para que se enquadrasse ao ângulo da filmagem. Bom, os terceiros ao redor, que também curtiam o ambiente e reparavam as cenas descritas, provavelmente devem ter pensado apenas que era uma doidinha serelepe, saltitante sem razões últimas, que sujava seus pezinhos na grama de maneira desleixada, uma verdadeira birutinha desvairada. Mas, lamentavelmente, a minha mente é um pouco poética e a forma que demonstraste estar vivendo aquele espaço só me fez pensar em alguma personagem que estaria ali, como uma espécie de livro poético ou mesmo um romance hollywoodiano, embora eu não fosse muito fã da sétima arte norte-americana, em verdade, a detesto.

Ela mantinha-se sorridente como se estivesse experimentando cada particularidade do lugar, ou melhor, ela era parte da paisagem, em conjunção e sintonia absoluta, de forma que parecia ser a própria natureza em pessoa. Senhorita, você é pura poesia! Nunca imaginei que lhe enxergaria por lentes tão

poéticas em minha vida, mesmo após 4 anos conhecendo-a, aquela tarde foi a primeira vez que ao lhe ver senti um frio na barriga, coração acelerado, leveza de espirito e etc. Se me contassem que eu poderia te ver como uma poesia humana há anos atrás, eu daria boas gargalhadas e chamaria isto de uma subjetivação fora da realidade, apenas meras abstrações, às vezes o meu mecanicismo fala mais alto, porém, sentimentos espontâneos tendem a nos surpreender.

Foi neste elevado patamar que tudo aquilo me veio à cabeça. Você parecia verdadeiramente uma literatura ambulante, a sua altivez e a sua alegria eram estonteantes, dignas de um espetáculo antológico, talvez o único concretamente possível nesta "Sociedade do Espetáculo", definida por Debord. Tive uma catarse estética e fiquei deslumbrado, meus glóbulos oculares interpretavam por intermédio de estímulos luminosos que você era a própria reencarnação da Julieta, da Alice, da Iracema, da Macabéa, da Anna Karenina, da Gabriela escrita pelo camarada Jorge Amado, e, especialmente, da Carlota a quem Werther tanto se devotou na obra de Goethe. Urge, então, a necessidade de superar esta imagem poética que fiquei da inominável, pois a vida continua e segue caminhando a passos largos, como em uma ampulheta, o tempo se esgota rapidamente ao cair da areia, os relógios não nos servem mais, e tudo que era sólido em algum momento se desmancha pelo ar, Goethe diria que o home é muito fugaz, transitório e frágil.

Porém, este lapso temporal não se deu comigo, acomete-me um sentimentalismo exacerbadamente senil e infantil, contraditório, eu sei, decrépito e novo ao mesmo tempo, já disse em algumas ocasiões que a dialética está em tudo que me cerca, mas o fato inconteste é que tudo aquilo não me sai da mente. Maldita natureza! Maldita fotógrafa! Maldito sol! Maldita grama! Malditos olhos! Maldito sorriso!!! Por falar na fotógrafa, ela filmava como uma profissional, entretanto, eu nunca fui daqueles que acreditam na substituição dos humanos pelas máquinas, neste caso, confio mais no registro feito pela minha memória, tenho certeza que o meu cérebro captou muito mais os elementos profundos que nós presenciamos lá do que o mero aparelho digital. Foi um baque muito forte, fiquei sem compreender o que estava acontecendo naquele espaço e comigo mesmo, paralisado, estático, só conseguia lhe enxergar em uma poesia, foi tudo muito instantâneo e autêntico, você floresceu do nada de forma esplendorosa!

A vida prega dessas peças. Por um segundo eu passaria direto e não veria nada disto, perderia uma cena esteticamente perfeita. Por outro lado, também não ficaria idealizando-a com tamanha abstração, como uma fonte de energia deslumbrante, uma exuberância sem igual, delicadeza ao mesmo tempo que força, uma elegância natural. Uma idealização quase que platônica de uma

mulher incorporada à natureza, sendo feita desta, mas também expressando-a em suas mais singulares graciosidades, inexistentes nas vidas urbanas. Ela me trouxe uma sensação de essencialidade que eu queria esquecer um pouco, pelo cansaço e exaustão de várias questões pessoais que naquele momento só me legavam o ódio. Caros leitores, eu não estou doido, não. Mas é que, para mim, foi um estarrecimento muito estranho e espontâneo, sabe? Magnificamente excepcional.

Minha querida inominável, eu tinha uma imagem de você mais concreta e real, como uma mulher com suas qualidades e defeitos, cuidadosa com os outros, mas que às vezes se torna chata por excesso, tentando me enquadrar, mesmo que com razão, ou aquela inquieta que deixa as pessoas inquietas, não consegue ficar parada, não cessa suas risadas e trejeitos, sorrindo sempre para alegrar o ambiente/ mesmo quando deixava os outros sem graça sem querer. E, de repente, eu vi que, por um instante, você poderia ser ainda muito mais do que aquela pessoa de coração enorme com terceiros. Veio na minha consciência, em frações de segundos, um contraste entre a percepção que eu tinha de você anteriormente e aquela nova, de uma abstração idealista, perfeita, como se realmente fosse uma cena de filme em que a "princesa" ou sei lá o quê que os roteiristas fantasiam, deixou a todos encantados em um mundo fantasmagoricamente perfeito e belo, divergindo do real. Como se você tivesse brotado de todos os livros que li, não sei explicar direito, é como se eu visse concretamente a forma de personagens que somente havia lido. Sabe aquele vácuo entre o que está escrito e o que se pensa sobre aquilo? Não existem figuras em boa parte dos livros que tive acesso, fica sempre uma dúvida, uma lacuna que sua imaginação preenche, mas que nunca se encerra, pois você não tem a resposta definitiva sobre qual a forma concreta que as personagens realmente têm. Mas quando te vi ali, foi como se tivesse germinado para mim, a forma concreta da literatura, eu vi na sua imagem, a escrita, e na escrita, a sua imagem.

Deves estar me denominando de gentil, mas não é a verdade, eu sou apenas poético, você quem me inspirou, você é a arte da qual eu fui o mero tradutor. Portanto, apesar dos pesares, tenho muito a lhe agradecer, inominável, por ter personificado tão contundentemente a forma última e definitiva da poesia e da literatura, jamais lerei com as mesmas lentes reduzidas de antigamente, fecharam-se as lacunas. Muito obrigado!

Caliel Alves

Araçás/BA

Sortílego

— Bom dia, Sr. José.

A voz chegou branda aos ouvidos de José. Ele acordou com o sereno entrando porta adentro em sua casinha de taipa. Tinha um único cômodo que servia como um quarto, cozinha e sala. Não reconheceu a figura na porta. Se assemelhava a uma sombra. Depois de esfregar os olhos de remela, finalmente acordou. O homem cordial sentou-se num tamborete sem ser convidado.

José ficou impressionado com o ilustre visitante, o homem loiro usava um terno preto com caimento perfeito e sapatos lustrosos. Os olhos eram de um azul profundo e hipnótico. O chapéu-panamá concluía o seu vestuário.

— Oxente! Eu acordei tarde foi? Quem é o senhor seu moço?

— O galo ainda não cantou — disse a visita em tom sinistro. — Você quer sair dessa vida de miséria, Sr. José? Sonhe em ser um fazendeiro, talvez?

A pergunta tirou a atenção de seu José do mistério daquela chegada repentina. O seu pensamento se voltou para a pergunta e uma curiosidade lhe assaltou.

— Como, meu senhor?

O loiro tomou a sua mão e com a ponta do dedo esquerdo inscreveu:

— Jogue seis macacos, seis veados e seis ovelhas... se quiser mudar de vida. Para confirmar o que falo, quando sair de casa, o senhor verá um carro verde passar em frente à sua porta, esse é o sinal definitivo de sua sorte.

Seu José nunca havia tentado a sorte em jogos de azar, mas tinha certo nível de conhecimento do jogo do bicho, aquela jogada era um absurdo! Talvez, nem fosse possível jogar aquela configuração. O galo então cantou, fazendo seu José perder o rumo dos pensamentos de vez. Quando se virou, o seu visitante havia sumido. Se levantou, escancarou a porta e pôs o rosto para fora.

Como lhe foi dito, um carro verde passou na porta, não lhe parecia mais uma visagem, seu José esperou o automóvel sumir atrás da ladeira, fez o sinal da cruz e bateu a porta. Não jogou e viveu o resto da sua vida pobre, consumido por aquele mistério.

https://www.facebook.com/pg/CalielAlvesdossantos/about/

Carlos Jorge Azevedo

Santa Marinha do Zêzere-Baião- Portugal

Carrossel

Ninguém diria que ao rodar
O carrossel embriaga
Entre tanto voltear
Disfarça-se qualquer chaga…

As voltas no carrossel
Escondem a realidade
Não são só rosas e mel
Simulam-nos a verdade

Ombreiam quase colados
Os mais díspares intentos
Giram juntos, irmanados,
Parecem ir desatentos!

No meio de mais uma volta
Entre tal ruído reinante
Espreita bem desenvolta
A morte, essa farsante!

Perversa crava o punhal
No inocente coração
Depois do golpe fatal
Mistura-se à confusão…

https://www.facebook.com/yolanda.azevedo.3

Carmem Aparecida Gomes

Ipameri/GO

Pescador de Paciência

Desbravar as curvas da vida, superar o imprevisto...
E dar carona para o destino.
O segredo?
Não é correr contra o tempo e sim tentar concorrer com o tempo.
O segredo?
É se transformar num pescador de paciência.
A infelicidade é dosada na medida certa da felicidade.
Nem para mais e nem para menos.
Ninguém se encontra vacinado contra o infortúnio que se esconde em cada curva
Que deixamos para trás.
Depois da infância somos peças de xadrez trocadas de lugar pela grande mestre
VIDA.
O segredo?
É escolher entre o erro e o acerto.
Trabalho? Encontre outro... Ou outra atividade.
Superar amores passados e paixões rápidas.
E o que durou apenas milésimos de segundos...
Superação!
Continue desbravando as curvas da vida e se torne herói pescador de paciência.

Carmen Mariana Santos de Barros

Curitiba/PR

Meu Hobby é Minha Necessidade

Escrever não é um hobby
ou simples forma de lazer
é uma necessidade
que habita o meu ser

Sou tempestade em oceano,
vendaval em pleno Atlântico
Sou poesia em meu ser
desesperada com o viver

Sou quente e frio ao mesmo tempo
Sou dissabor e muito alento

Sou primavera, outono, inverno,
e me transformo num inferno

Sou emoção e sobrecarga,

sou brisa leve que te afaga

Sou contratempo e ilusão
que só aflige o coração

Sou teu refúgio e perdição
Só não segure a minha mão

Tenho medo desse mundo
que me fez um vagabundo
que se põe a escrever
enquanto o mundo exige o ter

Ser ou não ser é a questão
que sobrepõe a tal razão

Não é fácil ser sensível
nesse mundo tão cruel

Se tu vales o sobrenome que
constaram num papel

Escrever é meu refúgio
em meio a tantas confusões
É abrigo bem seguro
de minhas próprias emoções

Caroline Cristina Pinto Souza
Botucatu/SP

Meu Eu Rebelde

Na arte da criação, eu me rebelo
Certos rascunhos em vão, a inspiração num duelo:
Luta paulatina, grafite versus papel
A ideia, insulina, o poético vazio tão cruel!

Espadas num desconforto: borracha em excesso
Branco do sulfite (morto!), triste vagueza (confesso!)
A lapiseira perseverante, resgata sílabas perdidas
Tropa lexical avante, minha mente aquecida.

Na ala direita, o ávido acento grave
Sem suspeita, crase como peça-chave;
Na fusão de duas vogais, um toque potente
Sem mais, divergindo o passivo do agente.

Gramática donzela, campo de trocadilhos
A Normativa - ainda que sentinela, sem destituir o seu brilho.
Através de rimas diversas, fortaleço a lírica voz
Como toda alucinada versa, excluo o reto eu, invisto no "nós".

E assim, por ventura, uma poeta de romance
Em plural postura, olhos num relance,
Já que imagino, um deus grego
Componho hino, quarto pronome em emprego:

Somos amarrados aos recursos de linguagem
Ambíguo punhado, tantos nós (selvagem!) -
Unidos, desagregados, inimigos, enamorados
Poética antítese dada, sem ela, ocas rimas, um na - da!

Em retorno ao casal: suaves sons, sussurros serenos
Aliteração nupcial, consoantes tons, literário terreno.
Na ressonância, nossa carícia, numa delícia
Em concordância, flores cores de nossos amores (seria malícia?)

Desfocar decido dessa geração segunda
Devaneio desvalido, ternura me afunda.
Retorno ao meu eu trovador, puro e solene
Cantigas sem pudor, cupida sirene.

Tantos contos a desabrochar, uma infinidade criativa
Trechos escritos como lar e a poética locomotiva...
O meu eu rebelde, se despede;
O meu eu manso, em avanço!

Catarina Dinis Pinto

Amarante Portugal

Grão de saudade

Guardo na mão,
Pequenos grãos de areia
Que se vão diluindo
No tempo, em forma
De desilusão secular.
Fecha-se o ciclo,
A vida aos círculos,
A respiração torna-se pesada
E o coração apenas desassossego
Saudade do que não te pode tocar.

https://www.facebook.com/Autoracatarinadpinto-254206278801280/
https://www.facebook.com/catarina.dinisramos

Clarice de Assis Rosa

Ituiutaba/MG

Demência excruciante de uma mulher

Em uma casinha simples, de estrutura precária, morava um casal com seus seis filhos. Sônia, a dona da casa, era uma mulher guerreira, trabalhava sozinha para sustentar seus filhos, enquanto seu marido passava dias embriagando-se e, quando chegava em casa, era somente para espancá-la e aos filhos, arrancando dali o pouco dinheiro obtido com muito sacrifício.

Dona Sônia vendia salgados e doces, feitos por ela, nas ruas, de porta em porta e, apesar das dificuldades, nunca reclamava da vida, pelo contrário; agradecia a Deus por ter força suficiente para trabalhar, criar seus filhos e tolerar a agressividade do marido, que era na verdade um fardo em sua jornada.

As pessoas que a conheciam, lamentavam sua sorte. Sofriam mais que ela própria, ajudavam-na da forma que podiam, ora com alimentos, ora com roupas e remédios.

Os filhos foram crescendo, vendo o sacrifício da mãe para criá-los e conseguir o sustento da família, vivenciando a brutalidade do pai, que despejava todas as suas amarguras neles e na pobre mulher.

Mesmo apesar de conviverem com tudo isso, aprenderam a ter fé e acreditar que as coisas ainda iriam melhorar, como a mãe sempre dizia, e ouviam atentamente quando esta lhes pedia para estudarem, esforçarem-se, ressaltando que isso seria muito importante para que , futuramente, tivessem uma vida melhor que a atual.

Infelizmente,nem todos os filhos herdaram a força desta mãe e, geralmente , as pessoas não aprendem com a experiência dos outros, muitos precisam ter suas próprias vivências, ver e sentir suas próprias emoções para poderem perceber o que lhes fazem bem e o que lhes prejudicam. E foi assim que seu filho

caçula conheceu o mundo das drogas.

Luizinho não dava importância aos exemplos que tinha em casa, não reconhecia os esforços da mãe em obter ,dia após dia ,o sustento da família, e começou a se envolver com más companhias, a princípio por curiosidade em saber como era a vida das pessoas fora do círculo familiar em que vivia, depois por prazer mesmo, sentia-se onipotente por andar com as figuras mais temerosas do bairro , despertando medo e afastamento das pessoas. A maioria era usuária de drogas e o que ele acreditava ser temor, engendrado nas pessoas, nada mais era que pena. As pessoas tinham pena das mães destes meninos, do desgosto e infelicidade que deviam sentir.

O caminho para as drogas foi curto, ele tinha a mentalidade limitada e fraca, destoava-se dos seus irmãos, parecendo-se mais com o pai. Começou a roubar, junto com os ditos "amigos", para conseguir sustentar o vício; arrombava carros, roubava aparelhos de som, celulares. Ora os vendia, ora os trocava por drogas. E sempre prometia a si mesmo que não faria nunca o que a maioria dos seus amigos faziam: "roubar dentro da própria casa", pois apesar de não ter dado valor aos sacrifícios que a mãe fizera para conseguir manter a família,ele não queria que o pouco que tinham fosse subtraído de casa.

Não pôde cumprir sua promessa e, mesmo com relutância, começou a roubar dentro de casa. Seu vício era maior que o pouco que lhe restara de dignidade e respeito.

A família, como sempre, foi a última a saber. A mãe, na sua simplicidade e ignorância, não conseguia entender os motivos que levaram seu filho a entrar nesse mundo e, por vezes, recusava-se a aceitar que fosse verdade, preferindo acreditar que tudo era um mero engano e em breve tudo seria esclarecido, afinal, tinha criado todos os seus filhos da mesma forma, não seria possível que um deles pudesse seguir esse caminho.

Com o passar do tempo, a família foi desistindo de tentar fazer com que Luizinho abandonasse o vício. Ele optou por esta vida, uma vez que não aceitava

ajuda, tampouco reconhecia-se como dependente químico. Era o desgosto da mãe, que a única coisa que fazia era pedir a Deus que não permitisse que as drogas tirassem a vida do seu filho.

Os irmãos foram crescendo e cada um tomou um rumo, trabalhando para ajudar a mãe na manutenção da casa. Dona Sônia, secretamente, dava o pouco dinheiro que obtinha a seu caçula, mesmo sabendo que era para sustentar seu doloroso vício, pois não suportava vê-lo roubar.

O pai, em uma das suas saídas, não retornou mais à casa, o que foi um problema a menos para a família, pois o pouco tempo em que este passava em casa era somente para brigar e subtrair da família o pouco dinheiro que haviam conseguido a muito custo.

Souberam tempos depois que ele estava morando com outra mulher.

Apesar das orações da mãe e de todas as medidas tentadas para fazer com que Luizinho abandonasse o vício, este não teve outro fim, senão o esperado; mergulhou de tal forma nesse mundo de fantasia e ilusão que, não conseguindo mais sustentar o próprio vício, foi morto a tiros por um traficante o qual acreditava ser amigo.

Dona Sônia não se conformou com a morte do filho. As amigas tentaram de todas as formas confortá-la, mas tudo foi em vão. A princípio, ela não aceitava a morte, depois passou a não acreditar.

Mesmo tendo o apoio da família, um filho é sempre insubstituível e apesar da força daquela mulher, de todas as lutas que passara na vida e vencera, essa dor foi fatal.

Até hoje, mesmo após tanto tempo, se passarem na porta da casa daquela mulher, é possível ver uma senhora, bem velhinha, magricela, corcunda, a gritar pelos arredores da casa :

— Luizinho, ó Luizinho, chega de brincar de esconder que o almoço já tá na mesa, vem logo, meu filho, senão esfria.

Cláudia Gomes

Feira de Santana/BA

A última noite

A última noite
Foi a mais perversa noite
De toda a minha vida.

Senti o toque das suas mãos
Como se fosse uma partida
Como se fosse um voo mais alto e longe de uma condor.
Senti as suas mãos
E o breve desejo de parar o tempo
Para juntos
Para sempre
Pudéssemos ficar.

Foi a mais intensa noite
Da nossa despedida
Senti o toque do teu olhar
Dizendo-me... Partida

Partiu.

Mas o tempo
Tão apaixonado por razões do coração
Entrou em cena
E fez nevar,
Onde havia fogo,
E fez queimar,

Onde havia gelo,
E encurtou a distância
Onde tudo era infinito
E fez surgir
O que tudo era despercebido!
E fez semente
No chão pobre e adormecido
E fez nascer
As cores das mais lindas roseiras
Ao amanhecer!
E no meio dessa roseira
Entre perfumes e cores
O orvalho derreteu-se
E
A última noite
Sombria e fria
Virou uma estrela!

Claudio Marcio Fernandes

São Paulo/SP

Devaneios de um Caminhante Solitário

Há algum tempo, sempre que saio de casa, me vem a ideia deste conto.

Alguém que um dia sai de casa, andando sem rumo, sem direção. Durante o trajeto ele vai relembrando toda a sua vida, erros, fracassos e todo o resto. Ao final, fica claro que ele está deixando tudo para trás. Resolveu sair de casa e andar, andar, andar...

Hoje não foi diferente. Saí de casa com essa idéia(fantasia?desejo?). Mas, ao contrário deste meu personagem, não saí sem rumo. Tinha um encontro com Márcia.

Quem me vê andando de forma tão decidida com certeza faz uma idéia errônea a meu respeito. Percorrer a pé uma distância tão grande sempre me deu a impressão de conseguir superar algo. Apesar da sensação de liberdade(há tempos não fico preso em um congestionamento), é curioso como o impacto de cruzar com pessoas que vem em sentido contrário é maior. Será maior para todos ou apenas para mim? Ver todo um mundo em movimento, e boa parte dele em sentido contrário, é como assistir a um filme. Um longo plano sequência. Vejo histórias, imagino histórias, personagens que ocuparão meus pensamentos por um bom tempo.

O cenário de hoje foi o mesmo de uma semana atrás e de outros tempos. Outros atores. Muitos personagens conhecidos. O mesmo expectador.

Cleidirene Rosa Machado

Catalao/GO

Os Pés Descalços do Cinderelo

Aconteceu uma vez e novamente vem acontecer
Teimo em não acreditar, e tento e quero de novo tentar
Tornei-me um sapato sem um pé para calçar
Tornei-me um sapato sem um número para entrar

Onde está o Cinderelo com aquele pé que entrava macio?
Onde está o Cinderelo com aquele pé que entrava gostoso?

Meu sapato servia no pé que eu quisesse calçar.
Meu sapato era mágico e pela noite toda eu podia dançar.
Se eu estivesse mesmo em um conto de fadas
Se eu pudesse ser o sapatinho do Cinderelo...
Opss, onde está o Cinderelo?

Diante de mim, apenas os irmãos feios do príncipe!
É preciso cortar o calcanhar de um deles para meu sapato calçar.
É preciso cortar os dedos do outro deles para o meu calçado calçar.
É impossível passar meu sapato por todos os pés.
Onde está o Cinderelo?

Deus! Meu Deus! Lhe peço com fervor! Traga de volta o pezinho
Se eu tentar forçar um outro pé entrar,
Pode ser que eu é que venha a sangrar,
Quanta ironia do destino, tão ele, aquele mesmo pé...
Já não serve mais no delicado sapatinho.

Clélia Jane C. Dutra

Contagem/MG

Essas peneiras

Minha casa, a primeira, era cheia de gente. Doze pessoas, entre elas oito filhos (uma escada de 15 a 2 anos), meus pais, minha avó paterna e minha tia, irmã caçula do meu pai. A casa era envolvida por um quintal bem grande, com muitas árvores. Na verdade não me lembro delas claramente. Só não esqueço a mangueira enorme onde deixei a Márcia, minha boneca, por uma noite inteira. Chorei na cama, sofrendo por ela, quantos perigos!

A Márcia existe até hoje, na casa da tia Preta. Um dia a mostrei ao meu filho, Ricardo. Ele ficou espantado. Disse-me que ela parecia um membro da família Adams.

Lembro-me também do banquinho de madeira que ficava perto do poço de água (cisterna), onde à noite a mamãe nos reunia para contar histórias. Tínhamos direito de escolha. A mais votada era a da princesa que foi transformada em pombinha, quando a bruxa enfiou-lhe um pente de enfeite, nos cabelos. Até o Adelmo, nosso vizinho endiabrado, ficava quietinho e vinha deleitar-se com esses momentos.

A casa ficava, aliás, ainda está lá, entre a Avenida Amazonas e o córrego onde a fábrica Itambé despejava seus dejetos. Era simplesmente um fio de água com fedor de leite azedo. Porém na época das águas, ele transformava-se. Ficava ruidoso, aterrorizante, varria suas margens, arrancando as beiradas e amassando o capim. Seu leito subia e invadia as casas, dentre elas, a nossa.

Jamais tive a oportunidade de ver minha casa inundada, pois ao primeiro sinal de transbordamento, os meninos menores eram enviados à casa da tia Virgínia.

Tia Virgínia, irmã do meu pai, desde aquela época, mora na Rua das Princesas. O local pode ser considerado um pico em relação ao vale em que a nossa moradia foi construída. A casa simples, repleta de primos, parece que se expandia ao receber os desabrigados temporários. A tia, pequena e com uma disponibilidade quase elétrica, espalhava colchões e cobertores pela sala. Depois nos servia biscoitos com leite quente.

Papai ficava de cabeça quente, nessas ocasiões. Tanto que acabou com o nosso belo quintal e levou, dois ou mais anos, para construir um sobrado na

parte de cima do lote, de frente para a Avenida Amazonas. Nunca mais fomos ameaçados pelo minúsculo e horrendo córrego.

As enchentes, de certa forma, para mim eram uma aventura. Quando as águas baixavam e ficavam fora de casa, colocávamos pela janela da cozinha, barquinhos de papéis coloridos para navegar no mar barrento. Porém nenhum irmão mais velho deixava o mais novo ir lá fora. Um protegia o outro. Por exemplo, a Tânia era a minha maior protetora, inclusive fora dos limites de casa.

Eu era bem magrinha, posso dizer, seca. Com os olhos castanhos e os cabelos lisos, geralmente curtos, para evitar os piolhos que vagavam livres pela escola. O contraste era a Tânia, cheinha, cara redonda, cabelos encaracolados, olhos verdes e sardas. Acredito que a "Clara e a Gema" começou naquela época.

Abro um parêntese para explicar o significado da "Clara e a Gema". "Clara e Gema" foi uma designação que arrumamos para nós, pois é o sinônimo perfeito para a nossa união. Pensamos em outra forma, como "Unha e Carne" ou "Metades da Laranja", porém a referência ao ovo traduziu melhor a nossa interação.

Minha irmã, três anos mais velha, ditava ordens e eu obedecia, não por medo, mas por ser uma espécie de discípula dela. Como já disse, ela zelava por mim, inclusive na escola. Tânia me buscava todos os dias, pois seus dez anos lhe conferiam essa responsabilidade.

Recordo-me de um episódio engraçado. Eu era a menina que aparecia com novidades na escola. Isto ocorria, porque meu querido irmão Kleber, sempre me dava presentes. Ele, que nos deixou tão cedo, cavou uma cratera nos nossos peitos que jamais será fechada.

Na época, Kleber tinha quinze anos e trabalhava nos supermercados Merci. Portanto, trazia-me novidades que eu exibia na sala de aula. Primeiro foi um lápis com uma vassourinha na ponta. Todos os colegas erravam de propósito, somente para usarem a borracha e pedirem emprestada a vassourinha, para limparem os cadernos e as carteiras. Depois foi a caixa de lápis de cor, grande, com doze cores. Ninguém tinha igual, porque no Bazar Regina, loja do bairro, só vendia com seis cores e ainda por cima pequena.

Na sala de aula, a carteira era dupla e geralmente a Hilda sentava-se ao meu lado. Magra como eu, a Hilda tinha as nádegas grande, o que lhe conferia a aparência de uma formiga. No dia em que cheguei com a caixa de lápis nova, os olhos da minha vizinha brilharam. Quando pedi à professora Miriam, para ir ao banheiro, Hilda aproveitou. Ao voltar, percebi que havia ficado sem as minhas adoráveis cores.

Não perguntei a ela, pois já tinha um braço roxo, resultado de um beliscão ao recusar o empréstimo da vassourinha. Passei o restante da aula quietinha. Acredito que naquela época é que foi inventada a frase: "Vingança é um prato que se come frio".

Ao bater o sino (era sino), indicando o término da aula, Hilda foi embora tranquilamente, feliz, saltitante. Avistando a Tânia, contei-lhe o ocorrido. Ela correu, jogou a pasta da "ladrinha" no chão, abriu-a e confiscou meu pertence. Depois lhe deu um empurrão e um aviso claro: "Nem olhe mais para a minha irmã!" Deu certo, pois não consigo mais lembrar-me de ter sido perturbada por ela.

Além de guarda-costas e extremamente caridosa, minha irmã guardava vingança dentro dela. A caridade dela se alastrava ao desapego das coisas. Ela gostava de doar os seus pertences e muitas vezes os meus. Esses momentos eram os únicos em que eu ficava irritada com ela. A Eliete, prima que tinha o corpo semelhante ao meu, vez por outra exibia um vestido que até pouco tempo dormia em minha gaveta, esperando sair para uma festinha. Quando eu a via com ele, fazia tudo para ser restituída, mas a lourinha branquela dizia que ganhado não é roubado. Portanto não tinha que ser devolvido.

Tânia era vingativa com quem a incomodava. Isso incluía o nosso vizinho Adelmo, irmão da Meirinha e filho da D. Ivete. A vizinha mãe nunca via o que o "filhinho-da-mamãe" fazia. Se capeta tem idade, naquela época ele era criança.

Adelmo fazia maldades mil: batia nos nossos cachorros, jogava pedras na nossa casa, quebrava vidraças, deitava no chão para ver a cor das nossas calcinhas, ficava na cerca dos fundos mostrando "as suas coisas" para nós. Acreditamos até hoje, que foi o danado quem deu um fim no nosso passarinho, Rolinha, que ficava solto e voava para a gaiola ao anoitecer.

Tânia odiava as traquinagens do vizinho e sempre que tinha oportunidade, dava-lhe rasteiras, unhadas, beliscões.

Apesar de tanto atrito, existiam momentos de trégua. Eles ocorriam, geralmente, em quatro ocasiões. Quando tinha festas lá em casa, como as fogueiras de São Pedro, onde a Meirinha e o Adelmo eram convidados; no início da noite para escutar as histórias da mamãe; quando a D. Ivete fazia salgadinhos e nos enviava um pratinho para provarmos e também era tranquilo quando a Tânia e o Adelmo mostravam um ao outro sua coleção de latas.

A coleção de latas funcionava assim: toda lata que esvaziasse, de doce de leite, goiabada, ervilha ou outras, nas respectivas casas, eram lavadas, enxugadas e entrava para a coleção. De tempos em tempos eles se reuniam, eu ia junto, para ver quem tinha mais latas e as melhores. Não havia juiz, porém,

éramos justos ao aceitarmos a vitória do merecedor. Aquele que estava em declive, lutava para conseguir mais latas para a próxima averiguação.

No terreiro da cozinha, a divisão entre os dois lotes, era de cerca de arame farpado. Papai resolveu murar, como no terreiro da porta da sala, para termos mais liberdade. Um grupo de pedreiros trabalhou toda a manhã, retirando a cerca e fazendo o alicerce de concreto.

Durante todo o trabalho diurno dos pedreiros, a Tânia só ficou olhando com um sorriso enigmático o quintal do vizinho, vendo o Adelmo brincando com sua coleção. Disse-me que depois explicaria. Ao parar o serviço para almoçar na copa da minha casa, ficamos sozinhas, uma vez que o Adelmo também tinha sido chamado pela D. Ivete, para comer. O território estava livre. Eu, "pau-mandado", "cupincha", "capanga" esperei a ordem da "minha senhora", que não tardou.

— Jane, vamos aproveitar que o Adelmo foi almoçar e pegamos as latas dele. Traga todas para cá.

Aos tropeções, carregamos as latas, fazendo das saias, sacolas. Em duas viagens levamos todas para o porão. Então, ela furou uma por uma, no fundo, usando um prego e martelo. Depois, recolocamos tudo no mesmo lugar e fomos almoçar.

Confesso que não consegui saborear a comida como minha irmã. Tive medo das consequências. Pois não fui a mandante, mas fui cúmplice.

Soubemos exatamente a hora da constatação da tragédia, pois o choro foi um estrondo.

Mamãe, olhos azuis, apaziguadora como sempre, ficou possessa. Deu razão a ele. Prometeu-lhe todas as latas que se esvaziassem até sua coleção ficar maior que a da Tânia.

Consolado, com os olhos vermelhos e inchados, ele disse:

— Ainda bem, porque não tenho nada para fazer com "essas peneiras".

Conceição Maciel

Capanema/PA

O encanto do sabiá

Há que se sentir
O cheiro que vem do mar
A brisa da beira-mar
O vento que toca o luar
O beijo a encantar
O toque do teu olhar
O verso que vem de lá
No vôo do Sabiá.

Há que se ouvir
A prosa no teu falar
O canto que aqui há
O verso a declamar
A alegria no teu cantar
O amor a declarar
A beleza e o encanto
No canto do Sabiá.

Há que se olhar
A beleza em cada lar
O amor no teu cantar
O carinho no tocar
O pássaro a voar
As nuvens a vagar
A Poesia a declarar
O encanto do Sabiá.

Daniela Genaro

São Paulo/SP

Maresias

Com o mar de Maresias,

eu fiz duas poesias:

areia e sal.

A água coloquei num baldinho

junto aos meus peixinhos

imaginários,

agora de palavras.

Até hoje brinco com eles quando vou

à praia...

Davi da Motta
Rio de Janeiro/RJ

Visualizado

[21:33] Oi.

[21:33] Eu sei, faz um bom tempo que a gente não se fala, mas de quem é a culpa disso?

[21:35] Me desculpe, eu não sei manter contato. Mas isso não significa que eu não goste de você ou que eu tenha te esquecido. Faz um tempo que você não me sai da cabeça. Na verdade eu tenho te visto em vários lugares. Decidi finalmente te escrever para evitar a loucura. Não sei se dará certo, mas…

[21:37] Passei mais de uma semana ensaiando o que escrever ou como te abordar. Sabe como é, para alguém que – como você costumava dizer – tem jeito com as palavras, às vezes passo tempo demais escolhendo e perco mais, muito mais, que só tempo. Mas você já sabia disso, não é?

[21:38] Eu queria saber como você está, e como anda a sua nova vida. Vi que você conseguiu aquele emprego que queria, parabéns, afinal foi pra isso que você foi para longe, não foi?

[21:40] Mas as redes sociais nos dão uma falsa sensação de aproximação, e eu sinto a sua falta. Não quero saber o que você comeu no restaurante em que foi no final do expediente, nem quero ver as fotos do seu passeio com aquele seu… novo amigo. Me diga o que você não diz para os outros, me conte que roupa usou para dormir? O que tomou no café da manhã? Qual ônibus pega para o trabalho?

[21:42] Por aqui as coisas estão na mesma, mas ou menos. Não sei se ficou sabendo, mas a Melissa e o Bruno vão se casar. Eu sei, também não esperava. Mas eles parecem felizes e eu fico feliz por eles, mais ou menos. Eu também consegui aquela vaga, o resultado saiu ontem. Viu, seu trabalho comigo recompensou, mais parabéns para você que para mim.

[21:46] Sinto sua falta, você foi a melhor coisa que me aconteceu nesse último ano e meio. Dizem que Deus escreve certo por linhas tornas, mas não tenho muita convicção disso. Pela minha experiência, Deus é uma criança de dois anos com um lápis de cor e uma revista, se sair algum desenho é pura sorte.

[21:49] Sinto falta das nossas conversas de madrugada, do cheiro de uísque e tabaco na sala, da porta aberta do banheiro, do seu queijo quente, dos jantares de roupa íntima.

[21:51] Me desculpe pelo sumiço.

[03:21] Sinto sua falta.

https://www.instagram.com/mottadavida/?hl=pt-br

David Leite

Jandira/SP

Duas Vidas

Um estampido abafado ecoou pela galeria. Eu retirava o silenciador, ainda fumegando, desroscando calmamente, como em um ritual. O corpo estirado espalhava seu rubro conteúdo sobre o chão encerado.

Caiu de frente, pois precisei atingi-lo pelas costas. Não gostava desse tipo de assassinato. Achava uma forma covarde. No entanto, aquilo era um serviço, não um duelo. Escolher pelo jeito mais prático de execução é o que me tornava um assassino de aluguel tão competente e requisitado. E também a falta de perguntas. Apenas o nome do alvo e sua rotina. Este, em particular, parecia um homem de negócios, pelo que tinha reparado. Sapatos bem engraxados de couro, um terno de risca de giz de um tecido com um brilho acetinado e bem cortado e o carro importado do qual saiu antes de receber o tiro. Um homem de requinte. Ou talvez apenas o motorista. Não importava, de fato. Retirei o telefone simples do bolso, e retornei a ligação.

— Serviço completo. – Disse quase como em um sussurro – Pode depositar a outra metade na mesma conta. Obrigado.

Sai do estacionamento vazio pelo mesmo trajeto que fiz para entrar, evitando as câmeras de segurança como anteriormente e me dirigindo ao beco onde havia deixado uma muda de roupas. Troquei-me rapidamente e voltei para o estúdio de fotografia. Mais um dia na minha rotina secreta.

As contas foram empilhadas no lado de fora pelo carteiro. Quando decidi me aventurar como fotógrafo, jamais imaginei como seria um ramo tão dispendioso e disputado. Os poucos trabalhos que surgiam eram geralmente mal compensados e exaustivos. As sessões de fotografia, os modelos, os eventos que cobria. Nada disso era, na realidade, algo aprazível para mim. Apenas uma fachada socialmente aceita para minha verdadeira vocação e ofício.

No entanto, algo de bom isso havia me trazido. Não fosse pelo trabalho, eu jamais teria conhecido Ana. Ela havia me contratado para criar um álbum, em comemoração a sua formação na faculdade. Meu trabalho em retratar sua formosura foi mínimo, tal a naturalidade de sua beleza. Uma perfeita morena, de cabelos cacheados e exuberante. A câmera captava seu esplendor nesse ensaio e eu nunca me senti tão feliz em ser um fotógrafo como naquele momento.

Então, fiz o melhor que pude. Não cobrei pelo trabalho dela. Ela havia achado engraçado o porquê de eu não ter cobrado pelo serviço. Afirmei que foi

um enorme prazer para mim poder fotografá-la e não poderia cobrar por isso. Dessa forma nos aproximamos.

Ela havia acabado de se formar na faculdade, estava na cidade para tentar arrumar um trabalho na área. Psicologia. Eu tinha contatos e ofereci ajuda para ela se colocar. Algumas pessoas me deviam favores. Consegui um emprego para ela e ofereci meu modesto apartamento para que ela pudesse se hospedar enquanto se estabelecia. Àquela altura, ela já demonstrava estar atraída também por mim e aceitou minha oferta. Levei-a para meu quarto naquela mesma noite e consumamos nosso vínculo carnalmente.

Não me preocupou, a princípio, minha vida dupla. Era capaz de esconder de todos o que fazia, seria capaz de esconder dela. Passava os dias no estúdio de fotografia, enquanto ela começou a trabalhar no consultório. Minha vida começou a se preencher mais com ela, tanto que comecei a me decidir a abandonar a vida de assassino de aluguel, assim que obtivesse dinheiro o suficiente para viver apenas como fotógrafo e finalmente estabelecer uma família.

Foi assim por algum tempo até aquele dia fatídico. Eu estava no estúdio, organizando a agenda com as poucas solicitações de serviço. O telefone pré-pago voltou a tocar. Novamente alguém procurando pelas minhas habilidades extras. Atendi prontamente.

— Eu preciso pescar.

A frase secreta, que já tinha ouvido tantas vezes. Mas dessa vez, havia algo diferente naquela voz. Era bem familiar.

— Eu estou com a linha e o anzol. – Respondi, enrouquecendo a voz.

— O nome dele é Mércio. Ele está sempre no estúdio de fotografia da rua 32.

Meu nome sendo dito do outro lado da linha. Jamais havia sentido pavor anteriormente. No entanto, nesse momento, o coração disparou como se uma ameaça tivesse sido proferida.

— Eu… Não sei… – Hesitei bastante quando tentei responder.

— Você não pode executar o serviço?

Aquela voz estava certamente sendo dissimulada. Afastei o telefone e revi o número de quem discava. Desconhecia aquele telefone.

— Não. Eu posso executar o serviço. Apenas tenho um para concluir. Mas assim que você depositar cinco mil reais na conta que lhe enviarei por sms, eu dou uma semana para concluir.

— Sim. Eu vou fazer isso. Passe-me o número da conta que eu deposito.

— Está bem então. Aguardarei.

Desliguei o telefone depois dela. A voz da mulher estava rouca e abafada, quase irreconhecível, no entanto ainda era distinguível. Era Ana do outro lado da linha, para meu espanto.

Certamente ela não teria reconhecido minha voz. Eu havia colocado um filtro no microfone do celular, além do disfarce normal. Medidas que sempre tomei. Tentei recapitular os últimos dias, tentando vasculhar alguma mudança entre nós dois que desse indício do motivo que a faria se decidir por uma atitude tão sumária dela quanto tentar contratar alguém para me assassinar, e também a ironia da situação em que ela tenta acertar minha eliminação por mim mesmo.

Sai na rua, reflexivo. Havia de confirmar de que era ela própria, minha amada, quem me queria morto. De um telefone público, disquei o número de qual ela me ligou. Alguns toque depois.

- Alô?!

A voz era dela, mesmo. Agora sem a tentativa amadora de acobertá-la como antes, aquela voz que tanto me acariciou pelos últimos meses e agora me queria enterrado.

Desliguei rapidamente e voltei para o estúdio. Tentei novamente imaginar os motivos. Será que ela havia descoberto quem eu realmente era? Talvez. Ele pode ter sido descuidado por esses tempos. No entanto, se um assassino de aluguel é algo abominável para ela, por que ela recorreria a um para se livrar de mim?

Não fazia muito sentido Ambos estávamos felizes. Não havia motivos para imaginar que ela quisesse se afastar ou algo pior. Não haviam brigas entre nós dois. Segredos, sim. Haviam segredos, lógico. Eu tinha coisas que não poderia revelar a ela, e ela também devia ter coisas que não revelou a mim.

Teria que confrontá-la. Sai do estúdio apressado, levando apenas minha jaqueta de couro e, como que por instinto, minha pistola de estimação. Naquele horário ela já deveria estar em casa, pois a noite já havia caído. Com pressa, decidi não ir pelas ruas principais, mas sim pelas vicinais. Chegaria mais rápido até meu apartamento no subúrbio. Com os passos apressados, pelos becos e vielas úmidas e decadentes daquele lado da cidade, demorou alguns minutos a perceber que alguém me seguia por aquelas vias estreitas.

Não me importei com isso, apenas apertei ainda mais o passo e sai de frente para meu apartamento. Corri para meu andar o mais rápido que meu fôlego permitiu, apenas para encontrar meu apartamento vazio. Ana não estava lá, assim como as malas que ficavam acomodadas em cima do armário.

— Eu a avisei. Ela foi embora.

A voz tinha vindo da porta, para onde me virei rapidamente, apenas para encarar aquele homem morrudo com a arma apontada em minha direção.

— Luís… você?

— Aham… Quanto tempo. – Ele respondeu, como um gracejo.

— Você estava preso…

— Não estou mais. E vou livrar Ana também.

Luís, aquele que já havia trabalhado comigo, puxou o cão do revólver ameaçadoramente, enquanto eu, sem entender exatamente o que acontecia, ficava apenas olhando.

— Eu avisei a Ana. Pena que ela não teve coragem de mata-lo. Precisava de alguém para isso. E que coisa, não? Ela foi achar logo você...

— E como você conhece Ana? Que merda você está fazendo aqui?

— Ela é minha! Sem ela, certamente eu não teria sobrevivido nos últimos anos. Agora que estou fora, nós vamos começar nossa vida.

— O que? - Aquilo não fazia o menor sentido.

— Eu só estou aqui para terminar o serviço, Mércio. Pelos velhos tempos, acho que deveria informá-lo. Eu e Ana vamos sair da cidade. Vou pega-la no cais assim que sair daqui. E você não vai nos impedir de maneira nenhuma. Eu pretendo garantir isso agora.

Luís era um dos assassinos mais desumanos entre os "colegas de profissão". Era corriqueiramente encarcerado, pois carregava cada vítima como um troféu, facilmente associável a ele pelo seu sadismo e violência, nada profissional ou discreto. E ele estava ali para me matar e levar Ana. Não havia muito o que pensar.

O primeiro disparo explodiu no quadro acima da televisão, na altura de meus olhos, caso eu não tivesse me jogado rapidamente ao chão. Um segundo disparo atingiu a mesa de centro e um terceiro o sofá, enquanto eu rolava no chão, tentando sacar da cintura a pistola com silenciador. O meu primeiro disparo atingiu o batente, enquanto Luís se escondia atrás da porta.

— Quase me esqueci de como você era bom, Mércio. – Luís provoca. – É realmente uma pena que tenha que acabar contigo.

Não respondi. Apenas disparei vários tiros na parede entre mim e ele.

Alguns segundos tensos se passaram, enquanto eu mirava em direção a entrada, esperando a próxima investida dele. Luís, dessa vez, com certa lentidão, reaparece a porta, mirando o revólver para mim. Dessa vez, no entanto, parecia cambaleante. Um filete de sangue escapava pelo seu lábio, e ele cai pesadamente no chão.

Levantei-me rapidamente e corri em direção à saída, saltando por cima de seu corpo. No cais. Ana deveria estar aguardando por ele.Coloquei novamente a arma na cintura e corri até o fim da rua, parando um táxi e lhe dando o caminho, pedindo para que corresse.

No cais, naquele momento da noite, apenas uma pessoa aguardava perto dos barcos pesqueiros. Pedi para que o táxi me deixasse ali e fosse embora.

Ana, com duas malas a seus pés, fica espantada quando me viu, como se tivesse visto um espírito.

— Você... Está bem? – Perguntou vacilante.

— Parece que não era isso que esperava. – Respondi grosseiramente.

Ana baixa a cabeça, envergonhada.

— Você não entenderia.

— Mas acho que mereço uma explicação. – Respondi.

Ana levanta o rosto, me fitando com um ar de desespero.

— Eu não fui honesta com você. Porque eu vim para cá. Eu vim para ficar perto do Luís... Nós estivemos juntos por cinco anos... Eu tinha uma vida com ele.

— E escondeu isso de mim.

— Não... Ou melhor. Sim. Eu escondi. Eu estava tendo uma vida com você. Eu não queria perder isso, mas Luís estava para sair da cadeia... E eu não queria deixá-lo

— E me matar era o melhor caminho. – Perguntei, com raiva.

— Não. Eu não queria isso. Mas Luís ia me matar se eu não ficasse com ele. Eu daria minha vida por você. Mas minha vida não é mais minha, como eu descobri há pouco tempo.

Ana disse isso, enquanto passava a mão na barriga. Com apenas esse gesto entendi a que se referia.

— Você não entende. Eu estava acuada. Eu tinha duas vidas, uma com você, mais os anos que tive com Luís. E agora eu tenho duas vidas em mim. Não posso aguentar isso. Por muito tempo. Eu quero uma vida. Eu não posso mais mentir.

Os olhos de Ana que já estavam marejados, finalmente escorrem em tristeza. Eu podia compreendê-la. Luís realmente não a deixaria viva caso me escolhesse. Ela tinha que fazer uma escolha.

— Eu te entendo. – Disse, então, enquanto a abraçava. – É realmente insuportável viver em uma mentira, uma vida de ilusão. Eu entendo

Enquanto dizia isso envolvi Ana soluçando.

— Você tinha que escolher uma de suas vidas.

Apertei seu pescoço vigorosamente.

Arremessei seu corpo desfalecido na água.

Por um longo momento, fitei a lua refletindo no mar, com um brilho prateado. Olhei para os dois celulares que carregava. O telefone do fotógrafo e o telefone simples, irrastreável. Joguei o primeiro o mais longe possível. Ajeitei a pistola na cintura e voltei para minha vida. A única.

Diana Pinto

Lisboa/Portugal

Santa Catarina... Com H

Um sol grande, mas frio. Vi a Catharina vestida com um top e calções, que ela chamava de shorts com um sotaque lusitano (estaria tudo bem se não fosse o facto de Portugal não usar essa palavra). Nunca confies numa estudante portuguesa de treze anos. Para essas jovens, seja inverno ou verão está sempre calor. A nova geração portuguesa está perdida... ou então calorenta.

Chegámos à sala de aula, onde teríamos História, com ela a explicar-me que o nome dela era Catharina com h. Não sei por que demorei tanto tempo a perceber já que Portugal enfiava, por exemplo, a letra p no meio de palavras. O novo acordo ortográfico fez milagres!

A professora decidiu falar sobre a independência do Brasil. O inteligente da turma, conhecido por ser o único diabético, saiu-se com uma pergunta típica de um político que conseguiu terminar a faculdade via Internet.

– Professora, Santa Catarina é com h?

A professora, com um humor negro apurado, só respondeu que a pergunta era resultado das presenças nas aulas de português. Todos se riram, mas não a simpática Catharina.

A manhã de aulas acabou fazendo-me agradecer aos céus, pois durante todo o tempo estive a tentar salvar a doce Catharina das "garras" do nosso colega esperto. Convidei-a a ir comer um pastel de Belém, um doce típico português. Ela aceitou. O futuro político da turma ouviu e não resistiu em regressar aos comentários inteligentes.

– Cuidado, Catharina com h, aqui em Portugal os "gringos" engordam!

– Se fores para o Brasil, não comas muito brigadeiro. Cuidado com a diabetes! – Disse-lhe eu, perdendo a paciência.

A Catharina olhou para mim.

– Não fale isso! Coitado do garoto!

Eu olhei para ela por alguns segundos, chocada. Depois, volto a olhar para ele.

– Sabes uma coisa? – Esperei alguns segundos, antes de dar a "resposta fatal" – Santa Catarina é realmente com h.

https://www.facebook.com/Dianapintoautora/

Di Tonini

Rio de Janeiro - Duque de Caxias/RJ

Doce Ilusão Sonhadora

Rio, 2010

David caminhava tarde da noite, pelas ruas da zona sul do Rio de Janeiro, sem nenhum destino certo. A cabeça atochada de indagações e o coração repleto de dúvidas assustadoras: Sobre si mesmo. Sobre sua vida sem propósito definido. Sobre o mundo a sua volta. Sobre a realidade e a ilusão... Então sem que ele percebesse, num rompante de sua mente, atrapalhado pelos seus pensamentos, uma mulher passou por ele e ao se desequilibrar do salto alto, esbarrou bruscamente em seu ombro.

(...) Uma dor de cabeça. Uma pontada doída do lado esquerdo do cérebro. Droga! O que é isso? Aaaai! Uma paulada? Tudo escureceu (...).

***

Nascera uma manhã de verão linda de sol no Rio. David olhou pela janela do apartamento do 7º andar no Leblon, o mar se movimentando belamente como sempre, azul, sereno, sincronizado no seu vai e vem espumante e brilhante. Assentou-se na sua cadeira na varanda meditando no que havia acontecido na noite passada. A dor havia passado. Constatou isto franzindo a testa enquanto bebia uma xícara de café preto. Mas como chegara ao apartamento? Tinha que parar de beber. Essas amnésias alcoólicas... Contudo, graças a Deus sentia-se bem.

— Que alívio! Disse respirando fundo.

Como de costume passou a ler o jornal O Globo. que recebia todos os dias pela manhã. Passou pelo caderno de finanças e comércio e sentiu um enjoo querendo visitá-lo.

— As coisas não estão indo nada bem.... Preciso resolver esses problemas na empresa. Mas como?

Passou a ler a página policial para se distrair. Mortes e mais mortes. Gente morta. Gente presa. Mais gente morta. Normal.

— Caramba! Um assassinato em frente ao meu prédio. Ah... Uma prostituta. Essas mulheres morrem todos os dias, também com a vida que levam o que elas querem? Viverem para sempre? Deu de ombros. Tenho problemas bem maiores.

— Grace? Sim sou eu. Chego daqui a trinta minutos, avise ao paciente que chegarei nesse horário. Colocou o celular no bolso da calça. Pegou suas chaves e

entrou no elevador. David era um homem de meia idade, belo e solteiro. Uma vizinha entrou no andar seguinte no elevador, o cumprimentou com um bom dia enquanto o admirava. O doutor surfista, bronzeado, frequentador de academia era muito atraente. Possuía cabelos levemente grisalhos bem cortados e curtos. Vestia-se elegantemente e até aquele momento era muito rico. Dono de uma rede de clínicas de reabilitação psiquiátrica. Porém os negócios iam de mal a pior. David havia pegado alguns empréstimos bancários e não estava conseguindo honrá-los. O repasse do governo não compensava mais com antes...Os pacientes haviam diminuído e o seu custo de vida continuava alto demais.

Entretanto possuía uma conectividade sexual intrigante com as mulheres. A vizinha, Angely, uma antiga namorada, apertou o botão vermelho de emergência do elevador e o travou. David soltou um sorrisinho de canto na boca e estendeu o braço para apertar o botão térreo. Angely segurou o seu braço intimando:

— Ou você deixa o botão vermelho aceso ou aperta no décimo andar, para subirmos para o seu apartamento. David sorriu e agarrou a cintura da moça, chegando seu corpo ao dele. Angely era uma bela morena de olhos claros, corpo sinuoso e quadril avantajado. A mão máscula de David apertou o décimo andar, enquanto os seus lábios beijavam os lábios de Angely e o seu corpo grudava no dela num tranco quase animalesco.

— Grace? Pois não. — Cancele todos os pacientes da manhã. Só vou trabalhar à tarde. — Mas doutor...

(...) Um grito. Uma dor de cabeça forte. Uma voz de mulher. Uma alma dentro de outra alma fugindo no fundo de si mesma, para um lugar que não se descobrira qual era ainda (...). David abriu os olhos e pensou:

— Puxa! Até cochilei. Realmente dessa vez nos superamos Angely. Brincou o doutor. Porém a moça não se encontrava ao seu lado na cama.

— Deve ter ido embora. É.... Ela sempre faz isso. Contudo devia ter algum compromisso, assim como eu.

— Que horas são? Caramba! Onze horas. Almoço no caminho da orla e depois vou para o consultório. Organizando-se o doutor a si mesmo.

No hall do prédio no Leblon havia um grupo pequeno de pessoas cochichando. David percebeu os olhares entristecidos. Aproximou-se e indagou ao porteiro: — Severo, o que aconteceu?

— Doutor, uma mulher morreu aqui na frente do prédio.

— Ah, sim está no jornal. A prostituta. Severo, essas mulheres, a vida que levam o que mais pode se esperar que aconteça a elas.

— Não doutor! Quem morreu foi a doutora Angely, a fisioterapeuta.

A pasta marrom de couro da Louis Vuitton despencou da mão do doutor e encontrou o piso de mármore do hall. O rosto estarrecido.

— Como assim ela morreu? Como aconteceu, quando?

— Sabe doutor, acho que foi essa manhã. Pois ontem eu vi a doutora Angely entrando no prédio depois do trabalho. Mas não a vi saindo hoje. O coração de David acelerara-se de uma forma... Que lhe roubava o ar enquanto o rosto começou a ficar empalidecido.

— Onde? Como ela morreu Severo?

— Parece que ela caiu da janela do próprio apartamento, ou se jogou, não se sabe ainda. A polícia está a caminho. O doutor apavorou-se. Pegou sua maleta e até esqueceu-se de seu Land Hover na garagem do prédio. O porteiro gritou:

— Doutor, o carro, o manobrista já retirou. Ele nada respondeu. Atravessou a avenida sem olhar para trás e nem para os lados, onde o corpo de Angely supostamente deveria ter caído. Buzinas zuniam sonoramente. Ele mirava fixamente as ondas no mar. Enquanto os seus sapatos se enchiam de areia, lágrimas saltavam de seus olhos e uma dor de cabeça latejava tão forte, que ele perdeu desmaiou. Seu corpo despencou nas areias da praia do Leblon.

Quando David abriu os olhos, recuperando os sentidos, tudo era branco. O quarto, a roupa de cama, as pessoas a sua frente vestiam branco. Ele vestia branco. Seus braços e seus pés estavam contidos com faixas. Ele tentou se mexer, mas não conseguiu. Sua realidade o visitara novamente. Caindo em si. Sofreu. Soltou um grito. Chorou. A ilusão era muito mais divertida e fantástica. A prostituta por outro lado, fora só um bônus de prazer. O restante... Pura ilusão. Doce ilusão sonhadora. Uma agulha perfurou o seu braço. Um tenso sono novamente. Outra ilusão deliciosa e nova surgiria?

— Finalmente conseguimos recuperá-lo. Foi muita sorte o encontrarmos deitado dormindo sossegado na areia da praia do Leblon, em frente ao prédio que seu irmão gêmeo mora. Sorte que o doutor Dante viaja muito e nem se deu conta ainda de que seu irmão maluquinho passou por lá. E o diretor Abner não vai gostar nada de saber que ele fugira da clínica de novo. Mesmo que tenha sido por apenas uma noite. O irmão paga uma fortuna para mantê-lo trancafiado aqui dentro. Falou o enfermeiro Diogo ao colega de trabalho Bruno.

— Mas imagina o estrago que não pode ter feito um esquizofrênico desequilibrado e que se recusa a medicar-se como David, durante uma noite inteira perambulando sem supervisão pelo Leblon....

https://www.wattpad.com/user/ShirleiTonini

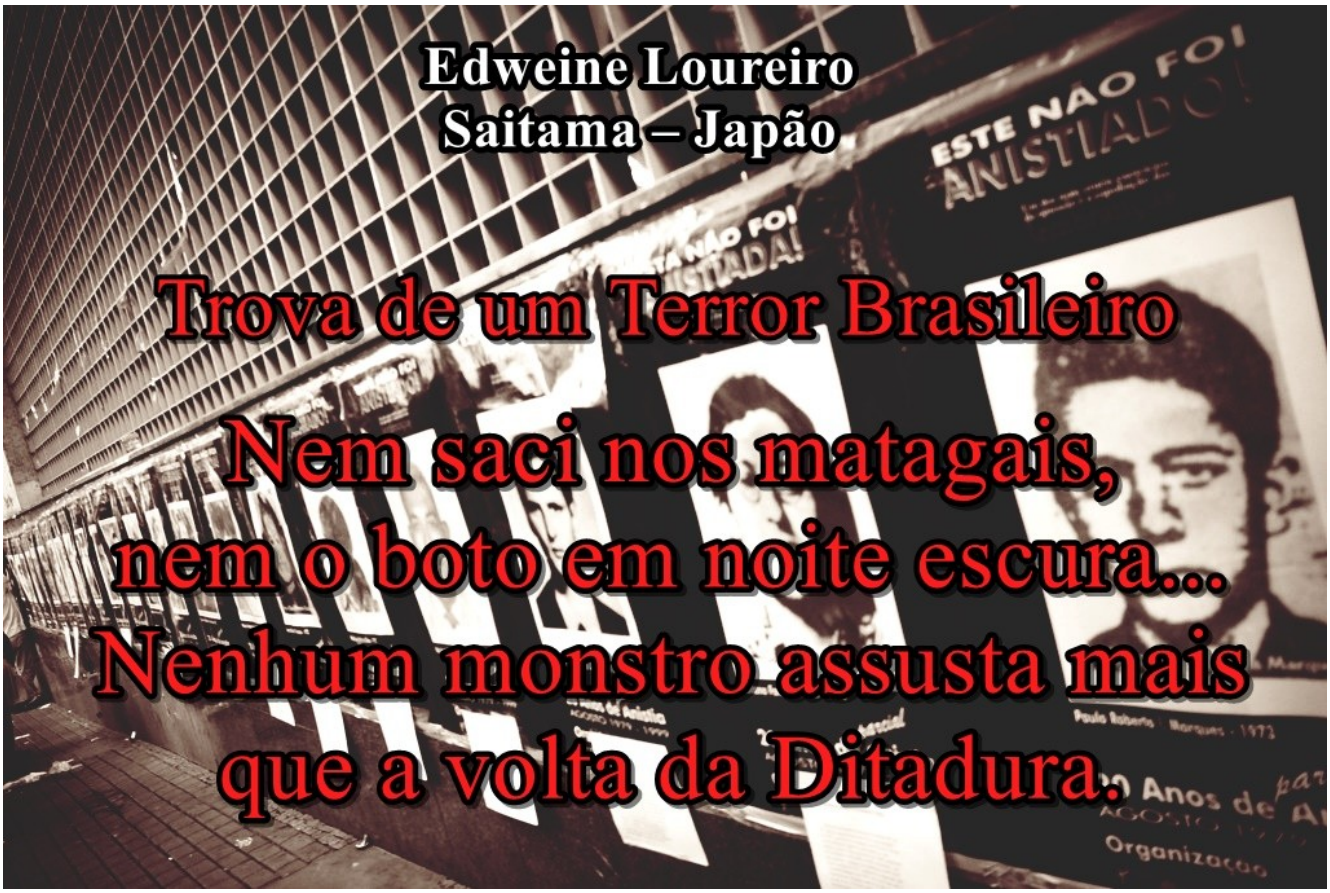
Eduard Traste

Florianópolis/SC

Pergunta valendo uma vida

e se não houver um depois?
se não estiverem te esperando?
seja nos portões do paraíso
nas chamas do inferno
no tédio do limbo
e se não houver um depois?
se no fim for apenas
o fim? do pó ao pó
um sonho feito orgânico
e se não houver um depois?
seria bom pensar
sobre isso e
por agora
porque se não houver
um depois
como você se sentiria?
e se além do inexistente
além houvesse
apenas
um tudo
outra vez?

Edweine Loureiro



https://www.facebook.com/edweine.loureiro

Eni Ilis

Campinas/SP

Ontem possuidores

Hoje caminhantes
Amanhã?
Tudo o que era urgente
                necessário
                ambicionado
                ficou em algum lugar
quebrou esfarelou.
Tudo o que parafusava rotina
            forjava identidades
            repetia rituais
                ficou em algum lugar
desmanchou esvaneceu.
Tudo, tudo.
Ficou o corpo e no corpo o cansaço
                o frio
                o medo
                os passos.
Seguir, seguir adiante nos passos.
Seguir, seguir com outros passos.
Muitos.
Muitos que seguem para o amanhã.

Erick Muguliua

Maputo-Moçambique

O homem que tomava jeito

Era uma vez, um homem "galinha" que andava fora, como outros homens andam fora, contraiu uma DTS. Passados dias a DTS se revelou em sintomas, saída de um líquido fedorento no órgão genital e dores fortes ao urinar. Desesperado, o homem aproximou a um posto de saúde. …

— O que sente? Interrogou a enfermeira. — saí pus no meu lázaro e quando urino dói muito. _ Hum! Deve ser uma DTS, estas com estes sintomas a quanto tempo? — já vão cinco dias.

— Está bem, vou receitar ao senhor estes medicamentos e vais ter que tomar em uma só vez, isso depois do jantar e deves comer muito, entendeu?

— Sim senhora enfermeira. O homem respondeu abanando a cabeça, fazendo sinal de Concórdia.

— Mas, deves ter muito cuidado quando sai, há muitas doenças por aí de transmissão sexual. — Advertiu a enfermeira. — Agora toma estes jeitos, vais ter que levar contigo quando saíres fora.

— Obrigado, senhora enfermeira.

O homem agradeceu e voltou para casa. Chegado a casa, o homem cumpriu com a recomendação da toma da medicação e ficou melhor. Mas alguma coisa não tinha entendido, na recomendação dada pela enfermeira no posto de saúde, ficou com aquele calafrio, um grande nó na garganta. Num belo dia, farto da rotina resolveu quebrar o silêncio e desabafar para os companheiros.

— Amigos, eu já estou melhor daquela doença que apanhei naquela dona gordinha, mas tenho um problema, a um medicamento muito irritante que a enfermeira receitou-me, ela disse que quando eu for a sair devo tomar jeito, mas hei! Eu não suporto esta medicação, é um sofrimento, amigos.

— É qual esse medicamento, pode nos mostrar? Interrogaram-lhe em corro, respirando ar de curiosidade em ver o tal medicamento.

— É este. Mostrou um preservativo.

— Hei! Amigo, este não é para tomar na boca é para fazer usar "lazaro" naquela hora quando queres afogar num mar estranho.

— Ahaaha, afinal, também eu queria ver, shiii! Não saber é igual à morte. Resmungou em surdina.

— Agora aprende quando eu sair vou sempre tomar um jeito, para usar e prevenir-me de apanhar DTS. Foi assim que o homem entendeu o que a enfermeira do posto de saúde tinha-lhe informado, compreendeu e passou a tomar jeito, assim se prevenindo das doenças de transmissão sexual.

https://www.facebook.com/salvadorrafael.muguliua

https://www.recantodaslietras.com.br/autores/erickmuguliua

Fabiane Braga Lima

Rio Claro/SP

Toma meu corpo

Com prazer,
Sem nenhuma timidez,
Queira-me com vontade,
Seja meu rei...
Deixe-me ser sua rainha!
Nua sobre a lua...
Me amarre em sua cama!
Sobre nossos corpos
Suados em chamas,
No ato de amar,
Não quero
Me fazer de santa,
Nem de dama,
Quero me envolver!
Na arte do amor...
Então me chama,
Adoce-me de êxtase
De prazer,
No delírio,
Do nosso amor ...
Diz que ama...
Sou somente sua,
Eterna sua....!

Fernanda Caleffi Barbetta

Oakland – Michigan (USA)

A Separação

Primeiro você mudou de linha. Imaginando que eu não perceberia, pulou para o outro parágrafo e foi se distanciando, até ultrapassar as margens e chegar à outra página. Foi então que eu te perdi de vista.

Ouvi dizer que, durante dias a fio, você percorreu páginas e invadiu capítulos, ansioso, confuso, aparentemente sem um propósito definido. Então, decidiu que precisava encontrar a fita de cetim vermelha, que, para o seu azar, sempre avançava um pouquinho mais a cada dia, dificultando o sucesso da sua jornada. Mas você finalmente a encontrou e a escalou, alcançando a borda da capa dura. Finalmente, conquistou sua liberdade, escorregando pela lombada. Veja só que corajoso.

E eu fiquei aqui, deprimida, no meu lugar, que é ao lado do seu lugar. Um espaço agora vazio. Um vazio que deixou nossa linha sem sentido, nosso livro incompleto, nosso romance defeituoso. Mesmo que entre nós houvesse um hífen, sentia que éramos ainda mais unidos do que os outros. Para mim, era como se fôssemos uma coisa só. E agora me sinto muito emotiva, acho que foi a separação.

Por alguns dias, caminhei pela nossa página, eu e o hífen, o nosso hífen, tentando ler nas linhas e nas entrelinhas o que poderia ter te motivado a tal aventura, a tal desprendimento, a tal desrespeito. Ouvi boatos de que você julgava que seriamos melhores separados. Não quis acreditar nessa justificativa absurda.

Até que eu tomei coragem também, a mesma coragem, ainda que por motivo diverso. Deixei o hífen guardando nosso lugar e desbravei o livro eu mesma, todinho. Não para fugir, como você fez, mas para tentar te encontrar.

Talvez você estivesse fazendo o caminho de volta, arrependido. Cheguei a nos imaginar em um abraço apertado no meio das páginas centrais.

Andei de folha em folha, observando atentamente cada linha, inclusive os títulos e as notas de rodapé. O aceitaria até mesmo reformatado. Encontrei outros iguais a mim, outros iguais a você, mas nenhum deles estava desacompanhado.

Enfim, eu cheguei à parte dura. Segurando com firmeza, eu me pendurei na bordinha e espiei a contracapa. Nada. Com toda a coragem que nem eu sabia que possuía, dei a volta por fora, passando pela lombada, onde o imaginei escorregando para conquistar o mundo. Procurei por suas marcas, mas nem isso eu encontrei. A esperança de te ver nomeando nosso livro, maior e mais brilhante, fez com que eu me arriscasse mais um pouco e chegasse até a capa. Mas não te encontrei lá também.

Fiz o caminho de volta sentindo muita tristeza e muitas saudades. E agora, feito uma tonta, eu passo essa história na minha cabeça como se fosse uma carta minha para você. Você me imagina escrevendo cartas? Confesso que a ideia até passou pela minha cabeça. Pensei em reunir algumas palavras, desocupar uma folha inteira e colocar tudo isso no papel. Mas como eu faria para que ela chegasse até você? Você já deve estar em outro livro, em outra estante, numa livraria qualquer, quem sabe em um sebo. Aquele mesmo sebo onde planejamos terminar a nossa vida juntos, lembra?

Pois é, Perfeito. Essa seria a minha carta para você.

Assinado: Amor.

Francisco Cleiton Limeira de Sousa

Poço Dantas/PB

Um cristão sem Cristo

Fui fazer uma visita ao capeta
Sentei-me ao chegar no inferno.
Ao olhar para o lado esquerdo, o dos pecadores
Avistei Jesus sorrindo
Por fazer-me lá companhia
Cheio de alegria, cumprimentei-o
Chorando ao mesmo tempo de
Arrependimento por saber que
O céu virara anexo daquele lugar
Cheio de almas baratas, religiosas, hipócritas
Lá também tinha uma salinha
Que continha: putinha, bixinha, galinha, farinha
No banheiro estava ele, o dono do lugar
A defecar ouro e urinar sangue
Ao sair daquele ambiente,
convocou a todos para um comunicado
afirmando de modo feliz:
sejam bem-vindos ao paraíso
não sentirão dores, angústias, aflições
a bíblia era só uma ilusão
só mais uma fake news.

Gabriel Alves de Souza

Corrente/PI

O Grito do Bicho

Levo na minha lembrança de criança o dia em que vários pássaros assentaram em uma árvore seca no fundo da minha casa. A árvore ganhou volume e brilho. Foi belo ver os periquitos, andorinhas, pássaro preto, bem-te-vi, sabiá, etc. Em um só coro a passarinhada cantarolavam vários sons e ritmos. Se eu soubesse que eles estavam de passagem teria aproveitado mais aquele momento.

Pelas terras do meu avô percebo que os pássaros e animais terrestres desapareceram. Aparece de vez em quando um casal de Seriema para beber água. O sol escaldante apresenta a seca e os animais não possui mais refúgio para viverem livres, a todo estante eles estão na mira da espingarda do homem.

Matar, perseguir e caçar sem autorização é crime ambiental. Causa desparecimento de espécies, como o tucano que você viu e hoje está em risco de extinção. Estamos perdendo essas raras belezas e tudo por conta do egocentrismo do homem. Essa diversão e euforia é soberba humana.

Os animais silvestres são transportados em péssima condição, chegando a morrer no caminho, tudo pelo comércio ilegal. Lutaremos contra essa atividade clandestina. Tráfico é crime, proteja o voo da liberdade. Apoie esta frase, "Se ninguém compra, ninguém vende, ninguém caça".

Instagram: vixi.gabriel_alves

Gedeane Costa

Recife/PE

Humano em extinção

Humano em extinção
não por causa das viroses
mas da pobreza
do coração.

Humano em extinção
não é por causa da tristeza
sim, da corrupção
que falta o pão na mesa

Humano em extinção
se tem honestidade
abdica a vaidade
e ergue ao próximo
a sua mão

Humano em extinção
não tem preconceito
bondade em evaporação
sabotagem de ser o que é

Humano com coração:
procura-se
antes que o mundo se acabe
com o vírus da crueldade!

http://paginasinfinitas.blogspot.com/

Gonçalo José Teixeira de Sousa

Viana do Castelo, Portugal

Carneiro assado

Antes de mais nada, gostaria de avisar ao leitor previamente que esta obra é uma continuação da obra que notabilizara a carreira do notável escritor britânico George Orwell, *1984* – uma verdadeira obra-prima clássica da distopia; e vale a pena igualmente revelar ao leitor que a identidade de Winston e Júlia mudou do romance de Orwell para este, e posteriormente o leitor há-de vir a compreender o porquê de ele, agora, chamar-se Ricardo, e ela, Caterina Rolanda, a Filomena.

Interessante é ver como o Mundo dá voltas, e da maneira mais rapidamente possível. Dentro da longa e sinuosa História da Humanidade, que já possui primórdios antes mesmo do Homem vir a existir, dez anos é praticamente uma criança, é nada, se compararmos à idade que já tem a História da Humanidade, que é algo além do milenar...

Aproximadamente há dez anos atrás, era Portugal o país que se achava aprofundado em uma severa crise económica, financeira, social e política, enquanto atualmente vemos que o Brasil se encontra a alastrar-se drasticamente igualmente numa crise económica, financeira, social, política (porém, ganhou-se nela o lastimável brinde da crise na segurança, educação e saúde públicas), porém, muitíssimo mais severa se compararmos à portuguesa, que se findou ao ano de 2014. Foi apenas findar a crise na terra dos nossos irmãos lusíadas que veio a dar início a nossa, que, prevista anteriormente para findar ao ano de 2019 dum jeito não deveras crítica, mas, sim, com o Brasil a dar um salto notável como se o País do Futuro reerguesse com um senhor porvir convicto e seguro, acaba por não saber quando virá a se recuperar. Resumindo e concluindo, antes, no auge da crise que rachava de um jeito avassalador a terrinha lusitana, eram os portugueses quem estavam a "recolonizar" o Brasil, dando-lhe, tal qual dá as imigrações quando legalizadas, um alto amparo para com o desenvolvimento social, intelectual, à mão de obra operária e à educação (sim, pois que diversos estudantes portugueses sonhavam em fazer a faculdade no célebre país tropical, algo que auxilia imenso na rotina estudantil, juntando jeitos de refletir e ver o Mundo com culturas das mais variadas que há); agora, são os brasileiros quem estão a "colonizar" Portugal, principalmente, a fugir não somente da crise e do atual governo, e, sim, do gigantesco índice de violência – que também afugenta diversos turistas estrangeiros do melancólico gigante da América do Sul e dos

trópicos, uma nação de natureza deslumbrante à iminência de ter beleza balançante, um dom que lhe fora dado com a bênção de Deus.

E é regressando aos aproximados dez anos atrás, por volta de 2009 e 2010, é que iniciamos agora, meu querido e estimado leitor, o nosso conto *Carneiro assado*, com o momento em que o madeirense Ricardo Nuno Gonçalves Cardoso de Mendonça, de 41 anos, chega ao Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, com duas bagagens de mão (uma a conter sete livros – *Madame Bovary*, de Flaubert; *Romeu e Julieta*, de Shakespeare; *A Ilíada* e *A Odisseia*, ambas de Homero; *O Idiota*, de Dostoievski; *Édipo Rei*, de Sófocles e as *Odes* de Anacreonte –, contando também com uns dois ou três – ou talvez quatro – agasalhos; seu telefone móvel; sua carteira com certa quantia de euros, que posteriormente viriam a ser trocados em real, e todos os seus documentos; o seu passaporte em branco e com a validade de 6 meses; seu notebook; sua *nécessaire* entre outros pertences de urgência) e uma bagagem que fora despachada. Encontrava-se só, afinal de contas, não encontrara mais uma definição perfeita para "parceria" após o seu divórcio com uma certa Maria José, prostituta de meia-idade natural de Funchal que abortara o bebé que ela engravidara após a primeira vez do casal ("Arrependo-me imenso de ter enamorado uma mulher apenas por ela possuir uma desejável beleza física que atrai a qualquer cidadão deste Mundo de Deus, mas que, infelizmente, possui uma dicção recheada de vocábulos sepulcrais e tem em seu espírito e em sua alma totalmente recheios de mísera sabedoria e pobreza ética, e tal facto é que a torna suja. É uma pena que enamorei-me duma prostituta cega dos ouvidos e que eu compreendi como muda..."), e igualmente após o falecimento de seus pais. Ricardo era um homem delgado, alto, enroupado por completo de vermelho, tendo o seu pescoço encalacrado em uma gola direita; o seu semblante adelgaçado ao maxilar, ia-se alteando até à careca, ampla e delicada, ligeiramente chata ao alto; corava as cabeladuras, que dum ouvido para o outro lhe faziam conglutinar para longe do cerviz; e aquele lúzio vermelho dava, através da disparidade, mais resplendor à careca; todavia não corava o bigode, pois que o seu era encanecido, amplo, caído aos cantos dos lábios; Ricardo era um indivíduo bem esquálido; possuía em seu queixo uma covinha e os ouvidos diversamente graúdos, diversamente dissociados da cachimónia, tal como o Conselheiro Acácio, d'*O primo Basílio*, d'Eça de Queiroz.

Daremos uma pausa agora à história do Ricardo: Naquela altura morava em São Paulo, capital, um célebre burguês de meia-idade, solteirão, dono de um bazar de alto renome na cidade – o Bazar Atual (foi em tal bazar onde Ricardo passou a trabalhar com a alcunha «*Príncipe das Astúrias*», e, por conta de ter conseguido tal emprego, conseguira o visto de trabalho) –, que chamava-se David Mendonça Cardoso Frederico Henriques da Costa e Silva, que recebera a

alcunha «*Rei*» por liderar a venda de todos os bazares de São Paulo, e esse Frederico possuía uma filha chamada Caterina Rolanda Henriques Julião Neves que já se achava em idade de casar, e ele tratou-lhe as bodas com o Ricardo pelo móvel de achar que ele encaixava-se perfeitamente no tão sonhado "cônjuge perfeito" à iminência de, certo dia, tê-lo convidado para o desjejum, e quando se achavam sentados à mesa, o «*Rei*», a *infanta* Caterina, o *Príncipe*, e toda a família reunida, iniciou-se o desjejum, que fora deveras vivaz, a versar-se bastante das bodas da *infanta*. À altura da pospasto Ricardo deixara cair um grânulo de figo ao seu mento, e seguidamente pegara-o com o garfo e deglutira-o.

A *infanta* Caterina, pois, falou que já não queria mais casar-se com ele, porquanto ele, ao invés de deixar cair o grânulo de figo à toalha, deglutira-o. Ricardo levantou-se da mesa, e ajuramentou vingança: "Caterina, tu menosprezas-me por tão pouco a ponto de que ainda hás de deglutir pão de romeiro, beber água de um lodaçal, e papar papas em palheiro", e foi-se embora. Alguns dias após tal ocorrência, propôs-se a Frederico para trabalhar como horticultor no jardim do bazar um negro natural de Angola, chamado Romeu, e imediatamente fora aceito. Esse negro, porém, tinha uns jeitos tão airosos, e fazia uns bonsais tão deslumbrantes, que os ofertava à Caterina, e tais artes procurou, que ela se apaixonou por ele, e afugentaram ambos a um lugar distante. No meio do caminho Caterina falou ao seu amado que estava esfomeada, e não havendo ali o que de comer, respondeu-lhe o negro que, caso ela quisesse, ele havia de pedir um tanto de pão para certo romeiro que avistaram ao caminho; Caterina, pois, comeu o pão e falou: *Oh, Ricardo, quem fez o cardo de Príncipe de Astúrias! Príncipe de Astúrias!*

Por que não o aceitaste, minha benquista princesa? (Redarguiu o negro.)

Seguiram mais à frente, e a Caterina disse que, agora, sentia sede, e o negro respondeu-lhe que ali apenas havia água de um lodaçal. Ela bebeu, e volveu a redizer: *Oh, Ricardo, quem fez o cardo de Príncipe de Astúrias! Príncipe de Astúrias!*

E redarguiu o negro: *Por que não o aceitaste, minha princesa querida e estimada?*

Um pouco mais à frente falou o negro à Caterina que intentava ir ver se o «*Príncipe de Astúrias*» aspirava admiti-los ao seu serviço, quando mais não se relacionasse no mínimo à cavalariça. Chegaram à mansão de Ricardo, e ordenaram-nos que se asilassem num palheiro, e o negro deixou Caterina sem

companhia alguma, e retornou à tarde acima do bastante a carregar um espesso caneco abarrotado de papas, e disse a sua amada que com um alto empenho os conseguira. Ela, perante isso, questionou-lhe com o que havia para papá-las, e ele respondeu-lhe que com as mãos, e como não podia aguardar pelo caneco, que as derramava à palha, e que as comesse ela de lá. Como se achava muito esfomeada, ela comeu da maneira que lhe foi possível. No dia seguinte, foi o negro dizer-lhe que, como era imprescindível que ela viesse a se engajar em determinado ofício, que fosse amparar a abolachar o filão; mas que vigiasse em toda a conjuntura se furtava certa farinha posto que àquelas pessoas não era dado o que comer e que lhe dissipasse a orexia. Ela, com elevado empenho, furtou a farinha, entrementes não havia auxílio salvo acatar às ordens do negro. Depois disto surgiu Ricardo a vestir um fato muitíssimo ataviado, e disse ser necessário inspecionar as mulheres com o fim de que não viessem a furtar dada farinha. Como estivesse a farinha com Caterina, expulsaram-na da mansão e a colocaram à rua com vasto enxovalho dela e mandaram-na novamente ao palheiro. Chegou o negro ao palheiro e Caterina acabou por narrar a ele minuciosamente a lastimável ocorrência, e ele respondeu-lhe da seguinte forma, a murmurar: "Tu tens mesmo aptidão ao nada!". Ao outro dia, encontrando-se a *infanta* completamente melancólica apareceu-lhe o negro assistido de diversos servos e trazendo toalhas florescentes e salvas de prata e disse-lhe: "É preciso que Vossa Mercê se deixe ataviar, porquanto a mãe do «*Príncipe de Astúrias*» apetece ver o vestuário antes da esposa do *Príncipe* vir a vesti-lo, e como você é do tamanho da proprietária do vestuário, que é primordial que Vossa Mercê o experimentasse com o propósito de se ver se estava conveniente." Na altura que estava Caterina a se vestir desapareceu o negro Romeu, seu amado; depois, porém, surgiu Ricardo, e este disse a Caterina que o negro era ninguém menos do que ele, e que tudo o que fizera era por conta do colossal amor que ele tinha por ela. Casaram, e viveram bastante radiantes. Mas vinte anos depois vieram a se divorciar por discordância de opiniões políticas…

Heitor Nunes

Uma Rosa no Adro

Na cidade grande, os sinos tocam e as pessoas não viram o rosto, não retiram o chapéu, não baixam o olhar. Assim foi quando Idalina morreu.

Tinha morrido só, no andar de um prédio sem elevador. Tinha morrido sem pena que a vida por vezes também se decide sem mãos no caminho. E mesmo que sem caminho, outrora todos tiveram a sua história. Idalina também teve as suas. Roberto tinha-lhe tirado a vontade de sonhar depois de um pequeno erro que a atraiçoara.

Eram jovens, menos jovenzinhos, mas a angústia afastou-os para sempre. Sem adeus. Sem conversas, que estas coisas sabem-se. Sem dramas, que a dignidade que resta assim os dispensou. Mas não desprende a dor; cola-a ao âmago, dá-lhe vida, propósito e mata. Vai matando, vai destruindo. Fica sem brilho, sem cor, só existência sem essência.

Assim continuou para ela, a vida. Da sorte dele, ela sempre a ignorou mas era fácil de imaginar. De desenganos está a imaginação cheia. Sobretudo quando já se foi tão feliz, tão livre, tão solto.

Ao velório de Idalina sombrearam o Padre e os denominados da Santa Casa da Misericórdia para estas eventualidades da solidão. Ao funeral de Idalina, arrastaram-se o Padre, os funcionários da funerária e os coveiros da Câmara Municipal. Do funeral de Idalina, soube Roberto. Sim, estas coisas sabem-se. Da proximidade da morte, sentiu-a Roberto. Sim, estas coisas sentem-se. Não, não se explicam. Mas podemos imaginar. Tentar, sortear um pensamento e sorrir no fim.

Roberto soube-o num momento que julgou tardio. Enfraquecido mais pelo desgosto do que pela idade, sentiu-se de novo o traidor. Ela não saberia agora que ele estava ali, mas uma pessoa obriga-se a acreditar que sim, que faz diferença.

O homem corria como podia quando os coveiros já tinham baixado o caixão à terra.

Um deles, o mais velho, apercebeu-se da figura desolada ao longe, com a mão esquerda a acudir ao joelho direito, com a mão direita a acudir ao coração, com o desespero a acudir à culpa.

Iam começar a usar as pás, sem nenhum familiar a quem pedir licença, quando o ancião coveiro parou o colega.

Agarrou-lhe no braço, levantou o queixo. Palavras poucas que muitas de nada servem.

— Amigo, vem comigo.

Disse ao homem ofegante:

— Aguarde!

Voltaram à campa e desenterraram a mulher, um esgar serviu ao Padre, e assim repetiram-se os ritos.

Aquele homem precisava de estar ali.

— Cheguei, meu Amor. Adeus.

www.aparecesepuderes.blogspot.pt

Hélène de La Dauphin

Santo André/SP

Zarafina: Poema em Prosa

Corre a água em Brejo Santo. Fico à pastorear. Muchar flor, seca relva, eu ainda estou aqui. Maria clamando piedade diante de Pietá. Dante enamorado de Beatriz. Sonso quadrúpede desacalma meu lago, que estais logo acima de tu, sempre emergido de negra lama e seco barro. Desencanto do canto beijar-flor, pois disse-me "Adeus" e partiu. Batendo assas, bate em meus e em seus ouvidos o ressonar do mugir leiteiro. Basta o pasto abandonado, deixe-me ir. Levei-me junto ao livre belo melindroso coaxar. Viva às penas deles, penalizadas de modo á me espetar. Toca rima, toca o flauto, toco e no toque sacralizo e por seguinte banalizo. Verifica-se contundente. Agora aqui raro de escárnio, Doravante ídolo sagrado, acusado de dogmático. Badala o crepúsculo no imaginar de quem lhe faz corte. Ídolo admirável morto. Erguido altar, caminho sozinho, toco e degusto segundo minha ventura. Hedonista falastrão. Santo prosador, emissor do falar imaginário. Fala o velho novilíssimo, o que faço: Tens de escrever. Cresce no pombal, também no umbral tantos ritos estreitos, pouquíssimos salvo. Venha para mim grasso gelo de soslaio tzarista, todo escrito de Tolstoi. Abstenha-me. Sob a lima o verde desejando ser laranja, sobre a figura a tintura, de encontro ao solo a vítima inodora, por tempo cheirosa. Aroma ganho no cair da chuva de veraneio, lembras vossa narina. Bons dias, bom entardecer. Profundo céu recoberto, malvado senhor, vosso vassalo emigrou de suas terras. Procuras algum tesouro. Ache palha pinte palha é feito ouro. Compra pão com papelão, ganhou o dia. Enquanto o aproveite o dia desceu pelo ralo, junto ao seu suor e vossa fatiga cansativa, a ratoeira falhou, o leproso sucumbio. Soluço ao olhar na algibeira e não ver o cuco alemão. Que te amou de antemão, despertou-te e tu lhe fez desaparecer. Conta todo conto que eis digno de ser lido, lhe dedico cada conta da métrica, nascida burlesca. Feito o acorde, manifeste harpista , faça a

lírica, venha pianista. Como andas vosso coração? Margem rio, marina invista, muita serração. Pescador grande trovador, cantor de odes, matador do que vens ao vosso prato, com poucos vinténs tem pranto em seu prato de lavrador. Trincheira pestilenta, bastardo sangue. Do real universo, eu bemquisto toda dúvida, Duvidando faz-se o parto de todo iniciado movimento. Louva com sincera devoção tua emoção, atue com

crítica impressora. Transcorre seiva, transborda videira. Verso fantasma contido de lástima, elemento necromante ingresso de pleurasma. Altar de amálgama, despeitado destino, antro de percevejo que revejo em minha ilusão. Desvaneio puro. Ato inquisitor. Instiga o extinguir da agora extinta flora besta, dita assim por quem não ama. Mangueira e palmeira. Parsano e Casino. Histórica republica. Árida escassez, ar gasto, rota de embriaguez, desalmado tombar. Elixir somente existente na mente dos outrora buticários. Relicários do erigir. Nichos entulhados de bichos. Carrara na arte renascentista, carranca espanta mau agouro. Ereto em meu saber, direto em vosso congratular. É feito o efeito de roubar vossa atenção, borbulhar vosso coração e de quebra o erradiar de nossa emoção.

Hélio Campos
Salvador/BA

Gingando

Um balançar constante do corpo
Mostrando a habilidade desengonçada
O capoeirista se prepara para o jogo
Na roda da vida descarada

Todos estão atentos, a volta ao mundo vai acontecer
Capoeiras com sua ginga larga mandingueira
O jogo pode durar até amanhecer
Com o berimbau ditando o toque na domingueira

Movimentos desencontrados de braços, pernas, tronco e cabeça
Indica toda liberdade do homem capoeira
Ao entrar na roda fugaz encabeça
O mundo mágico da Capoeira

O berimbau chama os bambas para decidir a sorte

O pandeiro dita ritmo forte para jogar e dançar

O mestre canta a ladainha da morte

Os capoeiristas se benzem; o jogo vai começar

Olha lá, olha lá, olha lá, olha lá...

Que ginga diferente os mestres têm

Dominam com propriedade a volta que o mundo dá

Capoeirando bonito na dança dos corpos no vaivém

No jogo, na roda e na vida

A ginga fluida se faz presente

É a força intrínseca do universo vivido

Para vencer a luta insana permanente

É a volta que o mundo dá Camarada!

https://www.facebook.com/hellio.campos

E-mail: helliocampos@gmail.com

Helison Cavalcante
Belém/PA

Algozes, vítimas e revolucionários: uma lição especial

Meu pai faleceu muito jovem, quando eu tinha apenas nove anos. Me lembro dele como um homem alto, corpulento e muito estudioso que me ensinou a lutar contra todas as formas de injustiça. Na nossa casa haviam muitos livros dos quais ele muito se orgulhava, mas um deles sempre teve destaque em sua estante. Se chamava *Vítimas Algozes* e havia sido escrito durante o romantismo, por Joaquim Manuel de Macedo. Este livro retratava como a nefasta escravidão brasileira transformava suas vítimas em potenciais assassinos.

Alguns anos depois que meu pai morreu me dediquei a entender tudo sobre o seu livro preferido, a começar pelo autor. Ele era um médico branco, o que me deixou um tanto quanto desconfiado, pois eram brancas as pessoas que atiraram nele, e também as que lhe negaram socorro num hospital público, acelerando a nossa despedida.

Além de branco e de médico, descobri que Macedo era um membro da elite, assim como os principais escritores brasileiros de sua época. Ele, mais tarde, se tornaria patrono da cadeira 20 da Academia Brasileira de Letras, o que transformaria o nome dele em uma parte importante da história de nosso país, diferentemente da maioria das pessoas que inspiraram suas narrativas, que caíram no mais profundo e tenebroso esquecimento.

Macedo foi contemporâneo de Karl Marx, outro escritor branco que também escreveu sobre a revolta dos injustiçados, mas em um país muito distante do nosso, a Alemanha. Mas nem Marx e nem Macedo são o nosso assunto de hoje. Sobre eles as pessoas falam todos os dias. Neste 20 de novembro de 2019, uma quarta-feira, prefiro falar sobre o meu pai e sobre como ele faleceu.

Ele se chamava Lázaro e, no início dos anos 80, pouco antes de eu nascer, conheceu Madalena, a minha mãe. Sendo o quinto filho de um pedreiro e de uma

lavadeira, o jovem Lázaro tinha como grande sonho se tornar um médico. A duras penas ele terminou o que em sua época chamavam de segundo grau, aos vinte anos, na tradicional e centenária escola Paes de Carvalho, onde estudaram muitos governadores paraenses, sendo o primeiro ser humano de sua família a conseguir realizar uma façanha tão grande.

O que ampliava a importância de seus feitos escolares era a realidade em que ele vivia. A sociedade em que o meu pai nasceu era muito diferente da nossa. Durante sua infância, quase a metade das pessoas do Brasil não sabia muito mais do que escrever o próprio nome e, para ele, um homem negro, galgar essa posição de secundarista concluinte era mais do que um grande feito, era uma realização revolucionária.

Passados alguns anos, em parte por eu ter nascido, o que em muito comprometeu o orçamento familiar, em parte por conta da dificuldade dos exames vestibulares da época, que eram muito excludentes e inacessíveis à maioria da população, meu pai não realizou o sonho de ser médico. Mesmo assim ele trabalhava em um hospital, com muito orgulho. Lázaro se tornou técnico em enfermagem, e realizava uma jornada de trabalho extremamente exaustiva, para garantir que eu pudesse realizar todos os meus sonhos quando me tornasse um adulto.

Já haviam se iniciado os anos 90 quando a companhia de meu pai foi arrancada covardemente da minha vida. Quando tudo aconteceu o presidente brasileiro ainda era Collor de Melo e as pessoas ainda acreditavam nele. Os brasileiros, finalmente livres dos governos militares, exalavam a esperança que sentiam, de um futuro próspero, acompanhando os sucessos esportivos do grande herói nacional, Ayrton Senna, enquanto cantavam os sucessos e ainda lamentavam a perda do inesquecível Cazuza. É incrível como um país gigantesco e com tanta diversidade quanto o Brasil possa ter uma época inteira simbolizada apenas por homens brancos. Talvez isso explique o fato de que a prosperidade aguardada por toda a nação durante aqueles tempos nunca tenha se materializado.

Mas, voltando a meu pai, ele foi vítima da atuação desastrada de dois policiais atrapalhados, racistas e intolerantes, enquanto regressava para a nossa casa, que se localizava no bairro do Guamá, depois de um longo plantão. Após ter descido de um ônibus, por volta das seis da manhã, ele foi parado e revistado. Na noite anterior, um médico, parente de um vereador, havia sido assaltado no centro de Belém, na Avenida Padre Eutíquio. Os policiais, ao revistarem o meu pai, se depararam com um homem negro, alto e corpulento, ao amanhecer, de posse de um jaleco, em uma bolsa. De nada adiantou ele não portar nenhuma arma, assim como não adiantou ele, naquele momento, estar com todos os seus documentos. Ele recebeu voz de prisão e foi agarrado por aqueles homens.

Testemunhas contaram que ele se exaltou, tentando desfazer a injustiça que estava a sofrer, mas que seus argumentos não foram ouvidos. Um dos guardas o empurrou e, ao cair, ele recebeu diversos chutes dos dois militares, que lhe causaram lesões sérias por todo o corpo e traumas irreversíveis em seu crânio.

Os policiais abandonaram o corpo de meu pai ali mesmo na rua José Bonifácio, mas levaram consigo a bolsa dele, que continha o famigerado jaleco e todos os documentos.

A manhã já avançava, mas o socorro médico demorou muito a chegar e, até onde sei, não houve grande esforço dos profissionais para salvar a vida daquele homem, que para eles era somente mais um negro, pobre, ensanguentado e sem documentos, mas que pra mim era a fortaleza e o exemplo a ser seguido.

A desesperadora notícia sobre o falecimento do meu pai nos pegou de surpresa, abalou nosso equilíbrio emocional e, além disso, gerou muitos comentários entre a vizinhança. Foi quando eu entendi de verdade o que era o racismo. Por mais que todos conhecessem aquele homem desde criança, e que muitos o admirassem, a reputação dele sempre esteve em risco constante, por conta de sua cor. A perda de meu pai me causou muita dor, mas a desconfiança e

os comentários dos vizinhos a respeito de sua honra me provocaram uma ira profunda.

Depois deste fato eu ainda era uma criança, mas a minha inocência havia se perdido para sempre. Por muitos anos eu tentei, assim como alguns dos personagens de Macedo, me vingar dos homens brancos que haviam destruído a minha vida, ao assassinarem o meu pai. Cresci revoltado também com os hospitais e com os políticos. Por conta de alguns atos desesperados passei alguns meses em um reformatório, algo do que não gosto nem de me lembrar.

Minha mãe, Madalena, nunca me abandonou, sempre dizia que eu era tudo o que lhe restou na vida. Foi por ela que, no final da minha adolescência, busquei apoio e retomei os estudos. Nunca me tornei o médico que ela e que meu pai desejavam que eu fosse, mas hoje tenho orgulho de fazer parte da Ordem dos Advogados do Brasil, trabalhando na Comissão dos Direitos Humanos.

Estando, neste momento, diante de uma turma de estudantes de direito, composta em sua maioria por pessoas brancas, em uma data tão especial quanta esta, espero que o testemunho dado sobre a minha história de vida os leve a deixar de relativizar a dívida social que o Brasil tem com os negros. Agradeço o professor da turma pelo convite. Caso hajam perguntas, estou pronto a respondê-las.

https://www.facebook.com/helison.cavalcante

Henrique Duarte Neto
Taió/SC

Apocalipse brasileiro

I
Quando ignorância e empáfia sobrepujarem razão e bom senso.

II
Quando o povo for achacado e ainda bater palmas aos achacadores.

III
Quando as minorias forem vistas como indesejável restolho pelo Estado.

IV
Quando o preconceito deixar de ser camuflado e vir à tona com suas mais sombrias facetas.

V
Quando ao invés do debate de ideias a política for fonte de ódio insano e de segregação.

VI
Quando religião e desinformação forem instrumentos privilegiados de capitalização política.

Hilda Maria Fázio Pontes

São Paulo/SP

Engraxate do Metrô

Indo para o trabalho, vi parado na estação do metrô um menino magrinho, olhar perdido, era um engraxate, deveria ter por volta de uns dez anos. O garoto apresentava cansaço, mas persistia ali, na expectativa de poder atender algum cliente.

Aguardando o trem, observei que a criança se levantavou e foi em direção da escadaria com a intenção de ir embora, porém no meio do caminho parou, pegou em seu bolso algumas moedas e com dificuldade começou a contá-las.

Olhando desanimado para o pouco dinheiro que conseguira juntar ele voltou novamente e sentou-se no local em que estava anteriormente, na esperança de que aparecesse alguém para engraxar os sapatos.

Um segurança da estação viu a pobre criança ali sentada e foi ao seu encontro. Com agressividade chutou sua caixa de engraxate esparramando seus pertences. Pegou o garotinho muito assustado, pelo braço, e antes mesmo da criança ter a chance de se defender, o homem obrigo-o a entregar os poucos trocados que possuía. O menininho, nervoso, trêmulo, enfiou a mão no bolso, tirou algumas moedas e as deixou cair.

O guarda obrigou-o a pegar as moedas caídas e ao soltar seu braço, o menino aproveitou e saiu correndo. Fugiu desesperado, sendo perseguido pelo segurança.

O metrô chegou e eu entrei.

Depois de um dia tenso, muito exaustivo, sentada, lutei contra o cansaço, mas o sono me dominou. Ao longe ouvi uma voz irritada, ofegante, e gritos da pobre criança.

Adormeci! Quando acordei uma grande tristeza invadiu meu coração, uma angústia se abateu sobre minha alma.

O que terá acontecido com o engraxate do Metrô?

Hudson Henrique

Curitiba/PR

Merthiolate

Há pessoas que seguem em frente mais rápido,
outras demoram mais.
E algumas nunca seguem.

Quantas pessoas perderam, ou quase,
a vida por alguém?
Passamos por muito,
mas nunca foi o suficiente pra aprendermos a entender...
a esquecer.

Depois de anos perdidos, em vão.
Entendi que não dá pra ficar
preso ao passado tanto tempo assim.

Vi minha vida passando diante do meu para-brisa.
Vi quem eu mais amava indo embora,
partindo e acenando,
com malas e tudo.

Então eu te amava,
e com o tempo te amei,
com os anos não amaria novamente.
Amo você ter ido embora
e me deixado.

Amo as noites em claro que me submeteram a insônia perversa
e interminável.
Amo esse gosto de recomeço,
os gatos fazendo bagunça no asfalto.

Há pessoas que seguem rápido,
que passam igual uma bola de feno.
Sendo empurradas com o vento,
macio.
É o suficiente pra abrir buracos
em toda a extensão do meu corpo.

Com comprimidos e remendos, sigo.
Com desculpas,
com lamentos,
consigo mesmo,
sozinho.

E tem pessoas que passam
sem o menor sentido.
Talvez elas só estão à procura de um abrigo,
pra não se machucar toda vez que se fecha
um curativo.

https://www.hudsonoficial.com/

Irane Castro

São Luís/MA

Sigo-me florejada de amor, a cada dia!

Atravesso-me dito de amor, ...
É certeza da alma.
É leveza de nó.
É firmeza da ação.
É destreza do avesso.

Sigo-me palavras de amor, ...
É lucidez de versos.
É forte remédio cotidiano.
É altivez de elevação.
É elevação de revés.

Prossigo-me abordo de amor, ...
É espaço de c'alma. .
É lugar de baliza.
É canto de lição.
É parte de equilíbrio.

Continuo-me cingida de amor, ...
É referência de poesia.
É menção de florejada.
É vista de preleção.
É priori de vida.
Para ver apenas o lado bom da vida!"

Iris Ferreira da Silva

Maceió/ AL

O Abraço

De maneira sútil
Cautelosamente premeditado
Aproximando sorrateiramente
Sem dar indícios de que voltaria

Era forte
Intenso
Avassalador
Sufocante
Mal conseguia respirar

Dominada
Ofegante
Incapaz de relutar
Desejando apenas que fosse a última vez.

@IRISILVAA

Isabel Cristina Silva Vargas

Pelotas/RS

Vida

Durante a infância e a adolescência ouvia o que contavam sobre ela, minha tia pelo lado paterno. Falecera quando eu ainda era bebê. Não tinha nenhuma lembrança. Dizem que gostava muito de mim, o que não significa muito pois quem não gosta de bebês? Ainda mais sendo uma pessoa boa e amada por todos como alardeavam.

Quem mais falava nela era minha mãe. Ressaltava sua bondade, suas qualidades morais, sua simpatia. Falecera aos vinte e três anos, creio que de uma doença sem controle na época – tuberculose – era professora e seu passamento fora uma tragédia familiar.

Não sei o porquê, durante muitos anos pensava que morreria aos vinte e três anos como minha tia. Quando completei vinte e quatro fiquei muito feliz por minha premonição não ter se concretizado.

A vida seguiu normal, depois dessa idade. Casei, tive filhos, neta antes dos cinquenta anos, mas algumas coisas vinham à minha cabeça, sem conseguir entendê-las. Escrever hoje, ainda é uma forma de buscar significados, estabelecer relações.

Meu pai faleceu quando eu tinha uma filha e estava grávida da segunda, mas ele não ficou sabendo por estar em início de gravidez. Não tínhamos uma boa relação. Ele fumava, bebia, e tinha gênio explosivo. Certa vez, percebi que nesse quesito nos parecíamos.

Muitos anos após sua morte, minha tia, irmã dele, e minha madrinha de crisma me disse que ele tinha muito orgulho de mim. Mencionou o quanto chorou na minha formatura na faculdade, o que eu desconhecia. Eu me formei com vinte e três anos.

Tive amigas, conhecidos que perderam seus filhos o que me deixava arrasada por considerar o que de mais trágico possa ocorrer na vida.

Confesso que uma vez veio à minha mente a seguinte interrogação: E quando chegar a minha vez?

Quando meu filho se formou na Universidade e vi seu quadro pronto, achei sua foto tão esmaecida que o meu pensamento foi: -Parece que ele está indo embora.

Uma ocasião, uma pessoa que edita livros fez um projeto para um livro meu e ao olhar a capa tive um choque pela sensação de perda que me causou:

A foto era do mar e uma gaivota se distanciando no céu.

Não me animei nem a contar para meu filho.

São situações que para quem está de fora devem parecer desconexas. Loucuras, talvez.

Pois bem, perdi meu filho em um acidente de carro, quando ele tinha vinte e três anos e era professor, assim como minha falecida tia, mais de cinquenta anos atrás. Fico me perguntando se não passei a vida toda sentindo o que iria acontecer, e por isso fiquei tão desesperada quando engravidei dele, sem uma explicação racional para tal.

A impressão que tenho é que ele também sentiu que partiria.

Desejou festejar seu aniversário, um mês antes, reunindo a família e amigos em nossa casa. Não quisemos fazer por meu marido andar muito cansado na época. Então, jantamos fora e ele se reuniu aos amigos em outro local.

No dia de seu passamento ele desejou passar sua senha bancária para a namorada e ela se recusou. Ele ainda alegou que poderia ser necessário.

Fragmentos de memória que permanecem soltos em meu pensamento e no coração os quais eu tento, desesperadamente, juntar para obter uma explicação que eu não sei se existe.

Outra linha de pensamento, deixando a anterior de lado, penso que ele veio me dar o mesmo orgulho que meu pai teve de mim que também era professora no início da carreira e me formei, como já citei, aos vinte e três anos.

Terei essas respostas algum dia? Há essa conexão que tento estabelecer ou é simples coincidência?

http://isabelcsv3.blogspot.com/

Ivaldo J. S. Braz

São Paulo/SP

Ponto final

No início ela foi reticente
Vacilou entre aspas e parênteses
Foi oblíqua e eu monossilábico
Meus olhos dois pontos... de interrogação

Depois foi clara e pausada,
Quase entre vírgulas
Eu, pasmo e vocativo
Constrangimento!

Parágrafos sem sentenças
Sentenças sem frases
Frases sem orações
Silêncio

Finalmente recompôs-se eufêmica e sorriu
Um sorriso terno, mas adversativo
Partiu levando meu pretérito
Muito mais que perfeito.

Januário Esteves

Enthousiasmos

Quando ao ser o mundo transmite
A fulgurância do devir remoto
E em nós débil esperança subsiste
Ornando o existir de sentido ignoto

O divino toma posse da nossa alma
E somos assenhorados pela entrega
Abarcando a dúvida que nos acalma
Ditando a ambiguidade da regra

A mente fervilha e procura em anseio
Introspectiva vontade de se elevar
Ao interior exultado, o devir anuncia
Alegrias das lógicas sabidas do meio
Eufóricas matemáticas dão-se em revelar
O porvir auspicioso que se pronuncia.

Jessyca Santiago

Rio de Janeiro/RJ

Bilhete não Entregue

Para M.P.G

Chuva cai em meio à flores,
Que o vento leve sopre sempre
Em sua direção.

Incapaz de expressar meus
Sentimentos por você, sonho
Só, ao som da chuva.

Suave, adentro a tarde cinza,
Ouço o cheiro da terra contar
Segredos que a chuva traz.

Logo os pássaros cantarão,
Rezo para que essa canção
Abençoe seu caminho.

Jessyca Santiago

https://www.instagram.com/jess_santiagos2/

Joalison Silva

Solânea/PB

Maria Clara Clarinha

Clarinha trazia da escola um segredo de muita importância naquele dia. Quanta? A experiência de seus oito anos não dizia, mas era muita, e a menina descia a ladeira de terra amarelada à toda pressa, apertando no peito o caderno maltratado que pelo segundo ano usava para guardar os ensinamentos da escola.

O sol estalava no alto. Por volta de meio dia nenhuma sombra cobria o regresso a casa, somente estacas e arame à esquerda seguiam no caminho adiante.

Se passava pelo terreno vizinho, chegava mais rápido. E revelaria a posse do segredo. Apenas a experiência de seus oito anos impedia aquela decisão. Um amigo acabara no hospital por pular aquela cerca. Não planejava roubar manga como ele, no entanto nem faria diferença para o Seu Antônio na hora de pegar a espingarda.

Quem invadia levava chumbinho, e seu pai uma vez disse para nunca invadir o terreno dos outros.

Terminada a descida, no mesmo ritmo, ela rodeou o cercado proibido e avistou de longe o pedaço de sombra plantado no nada, pintado de barro, sustentado por madeira. Acima, uma cobertura de telhas soltas brilhantes a luz do sol. Os filhos da vizinha brincavam à sombra de um cajueiro, abaixo.

Os quatro nem a viram passar. Ela também não fez questão de ser vista, sentia fome, sede, cansaço, antes precisava procurar o pai. Deu início a busca na sala, ninguém na mesa. No quarto, a cama vazia. Debaixo do cajueiro, voltou para conferir e apenas os meninos brincavam na sombra.

O pai ainda estava no mundo.

Desapontada, a menina seguiu a fumaça do fogão a lenha no quintal. Àquela hora sua mãe preparava o almoço abaixo das telhas menos soltas e mais escuras do alpendre.

Ela parou na esquina da casa, onde o ar continuava incolor.

— O que a senhora fez hoje?

A mãe atiçava a lenha em estado pensativo, encarando dentro do fogo o que ninguém conseguia ver. Levava uma colher de pau na mão e, quando despertou dos pensamentos, a menina ao ver o rosto dela apertou o caderno temendo um golpe.

— Ah... filha... já chegou...? — Ao perguntar, a mãe mudou de seriedade a algum sentimento fechado, intocável para uma experiência de oito anos. — Espere o seu pai chegar, e eu coloco o almoço.

— Humhum. — A menina subiu na ponta dos pés, vapor subia da panela. — O que a senhora fez?

A mãe respondeu num gesto que significava arroz, feijão e carne ou "o de sempre", e alisou a fronte, limpando-a e arrumando as mechas ressecadas como numa continuação automática de um único gesto mais duradouro.

A menina olhou o horizonte demarcado no cercado proibido e comentou:

— Papai demorou hoje, não é?

— Eh... demorou...

A mulher, outra vez, alisou a fronte. Sob a luz do meio dia, reluzia uma beleza maltratada, vista como devia poucas vezes em batizados ou casamentos, nunca em casa, descalça à beira do fogão.

— Vá guardar o caderno. — Ela disse. — Daqui a pouco, eu coloco o almoço.

Enquanto os filhos da vizinha usavam o tempo antes do almoço nas brincadeiras que as meninas não participavam após atingir a idade de guardar segredos, Clarinha pretendia ficar ali, observando-a. Depois de crescer, perdera a atenção, o cuidado e agora sentia de longe o carinho da mãe sumido, obrigando-a a passar o tempo fazendo nada.

A menina atendeu a ordem de cabeça baixa, no entanto, quando retornou do quarto, e foi a cozinha, o almoço esperava na mesa. Uma espécie de previsão pessimista o adiantava. Com razão, revelaria-se depois com ela saindo de casa, olhando o longe e entrando para sair e olhar minutos depois.

A mãe fazia pouco caso do atraso. Nem tocava no assunto. Se perguntava, ela não respondia.

Clarinha passou as horas seguintes tentada a contar o segredo a ela. Decidira no caminho de volta, sozinha para conservar a muita importância, se contaria ou não. Decidira pelo não. Revelaria a posse do segredo ao dono e a ninguém além dele, porque do contrário iria entregar o que tinha, em vez de revelar que possuía algo, um poder. Entretanto, a persistência decaía.

Ela encarava a demora como se o pai estivesse adiando o regresso de propósito só porque tinha algo importante para ele.

A demora não acabava, a tentação crescia. E como crescia!

Veio o entardecer, os últimos traços de luz cobriam o árido de uma terra sem alegria, pássaros cantavam como se despedindo, o gado deitava no cercado como se descansando, gente voltava do roçado em desengano, e seu pai ainda estava no mundo.

A preocupação apertava no peito da menina, algo de mal acontecera, uma coisa ruim, mal e ruim e acontecera por causa do segredo. Uma vez ou outra, seu pai voltar tarde da noite quando ela já estava dormindo e a acordava em seguida, quem não acordaria com uma gritaria... mas ele nunca se atrasava na hora do almoço.

— Maria Clara. — A mãe chamou-a, de repente. Por ser a única, a menina atendia a ela como filha, a professora chamava Maria, seu pai, Clara, e a maioria dizia Clarinha. Ninguém nunca usava Maria Clara.

Sentada na soleira da porta, Clarinha atendeu ao nome como se pertencesse a outra pessoa.

A mãe dentro da casa também era uma pessoa diferente, cheirosa, arrumada, brilhante como nos casamentos e batizados no vestido de renda, cor creme, até sorria o vermelho do batom.

— Entre e feche a porta. — A mãe disse.

— Vai sair? — Era a única situação em que diziam: entre e feche a porta.

— Vou.

— Posso ir?

A mulher olhou-a, séria. Saiu sem dar uma resposta.

Sozinha, a menina engoliu um choro magoado. Fechou a porta e trancou no fundo o segredo. Valia nada. Nem tinha poder com ele. Se tivesse saía de casa, atrasava-se no almoço, brincava como os meninos e contava a mãe o que viu, contava aos meninos, contava a tudo o mundo!

Azar... não podia contar.

Era um segredo.

https://catarseliteral.blogspot.com/

Joaquim Bispo
Odivelas, Portugal

Querida mãezinha!

Compreendo quem se lamenta da sua triste sina e não para de tecer teorias da conspiração sobre a própria sogra, embora eu não tenha razões de queixa. Mal vejo a minha.

É claro que antes sofri muito. Nos primeiros meses de casado, perdi dez quilos. Dormia mal, tinha pesadelos em que era atacado por matronas rotundas armadas de panelões de feijoada, que tocavam à porta às seis da manhã e me lambuzavam a cara de batom encarnado. Fiz terapia, voltei a frequentar a igreja, mas só o estudo me salvou — um mestrado em Estudos Militares.

Uma das disciplinas parecia delineada especialmente para o meu caso: "Como evitar dar o flanco e recuperar a iniciativa". Textos obrigatórios: os de Maquiavel e *A Arte da Guerra* de Sun Tzu. Percebi rapidamente que qualquer dos autores transmite ensinamentos muito úteis para a sobrevivência de um genro, bastando substituir, em qualquer dos aforismos, a palavra "inimigo" por "sogra".

Vejamos alguns exemplos de *A Arte da Guerra:*

"O guerreiro superior ataca enquanto o inimigo está projetando os seus planos." Isto é, quando perceberes que a tua sogra está a pensar ir lá a casa mostrar os álbuns de fotografias das férias, deves ligar-lhe anunciando quão pesaroso ficas por não poderes recebê-la, porque vais em serviço para a Austrália.

"Sê completamente misterioso e confidencial, até ao ponto de seres silencioso." Isto é, não dês qualquer pista à tua sogra sobre os teus passos, os teus trabalhos, os teus horários. Responde com evasivas, de modo que nada lhe permita saber onde estás, seguir-te, espiar-te. Se fores encurralado, finge que perdeste a voz ou transmite informações falsas, e assim "o adversário não pode combater contigo porque lhe dás uma falsa pista."

Suspeito que *A Arte da Guerra* tenha sido escrito como estudo prévio para um projeto mais grandioso sob o tema: "Táticas para sobreviver à própria sogra". Infelizmente, essa obra não chegou até nós, talvez por algum equívoco estratégico. As sogras não brincam. No entanto, um outro preceito revelou-se inestimável:

"Faz algo por ele, para lhe captares a atenção, de maneira que possas atraí-lo, descobrir os seus hábitos de comportamento, de ataque e de defesa." Isto é, se quiseres viver em paz, procura conhecer a tua sogra, como costuma atacar, o que pode desencorajar esses ataques; mantém-na constantemente sob vigilância e faz com que ela confie em ti.

Um dos grandes problemas das sogras é sentirem-se isoladas e inúteis. Arranja-lhe atividades que a entretenham: apresenta-a a um grupo de canasta; inscreve-a em grupos excursionistas; matricula-a em aulas de danças de salão; convence-a a ser escritora e a enviar textos para concursos literários. Se, mesmo assim, lhe sobrar tempo para azucrinar a tua vida, interessa-a em projetos relevantes de grande fôlego, daqueles que ocupam uma vida inteira: acabar com a fome no mundo, descobrir a cura da estupidez; encontrar um sistema político sem governantes corruptos. É praticamente impossível? Eu sei — é essa a ideia.

Felizmente, após muitas diligências pouco frutuosas, encontrei a solução, o que me trouxe, outra vez, calma e esperança no futuro: inscrevi-a em vários *sites* de corações solitários, com o nome "Gostosa carente". Quando eu já desesperava e acreditava que o coração dela estava irremediavelmente empedernido, apaixonou-se por um idoso folgazão, e já não quer saber da filha nem do genro para nada. Anda alegre como um passarinho.

Agora, fiquem bem, que tenho uma genuína gostosa à minha espera, para uma batalha sem quartel, sem medo de sermos interrompidos por invasões de panelões de feijoada.

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

Joedyr Bellas

São Gonçalo/RJ

Um Prato de Miojo

Quando eu cheguei em casa, minha filha preparava um miojo. Instantaneamente. A colher de pau, a água suficiente para o cozimento do alimento. Madrugada. Fiquei olhando pra ela, sem que ela me visse, minha filha quase não me via e eu, pelo corre-corre do dia, quase não via minha filha. Os motivos de não nos vermos era diferente, mas pesava entre nós um silêncio, não digo sepulcral, mas um silêncio de ela não ter o que falar com um velho de sessenta e dois anos. Também quem mandou ter filho na flor da idade? Diria minha mãe ironicamente. Minha mãe sabia das coisas, mais do que eu, minha mãe sabia de muitas coisas da vida, mas era irônica assim, sem querer, de súbito, subitamente. Só em olhar pra minha mãe eu já sentia certo medo, não o medo que eu nutria pelo meu pai, o medo pelo meu pai era diferente, era um medo que passava longe de ser respeito, era um medo de me calar quando ele me lançava aquele olhar de o que o senhor ainda está fazendo aqui? Não sei. Não sabia tampouco. Respondia qualquer coisa ou não respondia nada e saía de fininho. As palavras ficavam geladas dentro da minha boca e tremiam junto comigo. Sem se manifestar. Mas, pra dizer a verdade, eu acho que nem as

palavras chegavam pelo caminho da boca para se fazer presentes, notadas. De jeito nenhum. Ficavam dentro do cérebro, dentro de uma caixa fechada a sete chaves, como o baú do pirata, aquele baú que eu ficava rodeando em torno de sua riqueza. Pensava em roubar as pérolas e os tostões dos piratas. Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão, mas com meu pai não tinha perdão, não tinha palavra de desculpa que fizesse com que ele me desse um sorriso. Por que os pais de antigamente não sorriam? Pelo menos o meu. Era sisudo, sério, em casa era aquele senhor dono de toda a dignidade, senhor da família, senhor da cabeceira da mesa. Me dá um copo de vinho., passa a salada, me serve mais um pedaço de carne assada. Minha mãe obedecia e eu nunca me sentei para beber uma cerveja com o meu pai. Quando ele ficava no bar com a corriola dele, eu não me atrevia a puxar uma cadeira e me sentar à mesa com ele. Lá pelos meus dezoito anos, eu ainda falava o suficiente com o meu pai. Conversas lacônicas, conversas distantes, conversas de braços esticados para marcar os limites, daí pra cá o senhor não pode atravessar. E eu não atravessava. Às vezes eu esperava uma história do meu pai para eu dormir, mas já havia passado o meu tempo, já não havia mais idade pra isso. As histórias, às vezes, minha mãe contava, mas não era a mesma coisa. O meu herói era o meu pai. Ele que entrava voando com capa e espada dentro do meu quarto para me salvar dos monstros que se ocultavam debaixo da cama, dentro do armário, por trás das orelhas da minha cabeça. Minha mãe ria. Eu não ria porque o meu riso dançava na boca do meu pai, que dentro de casa nunca ria. E daí? Daí que estou aqui numa madrugada chuvosa, vendo minha filha, que não me enxerga, preparando um prato de miojo para matar sua fome. A fome dela. Deve estar cansada, veio de alguma festa, veio de uma balada, de um baile funk ou não veio de lugar nenhum, simplesmente, surgiu ali na cozinha, se pôs diante do fogão e começou a preparar um miojo pra ela porque ela está com fome. Essa moçada tem uma fome dos diabos, uma fome de comer tudo que vê pela frente, mas ela não me vê. Não fico preocupado com isso nem estou chateado ou me martirizando ou ficando deprê. Talvez seja a idade. A idade vai nos alcançando pelo caminho, sem que a gente menos espera, e ficamos pensando no que poderíamos ter feito diferente, no que poderíamos ter feito para sermos enxergados naquele cadeira de balanço. Talvez eu agora esteja sentado em uma cadeira de balanço, talvez eu esteja em pé no batente da porta apreciando minha filha preparando o miojo dela.

E é só mais um prato de miojo.

José Lucas Brito Souza

Quixeré/CE

A sentença final

A notícia do crime bárbaro se espalhou rapidamente pela pacata cidadezinha, deixando a todos perplexos diante de tão inesperado e terrível acontecimento: um homem, que todos imaginavam acima de qualquer suspeita, sequestrou, violentou e matou uma pobre garotinha de apenas 13 anos. A investigação policial, logo após a notícia do desaparecimento da menina, e auxiliada por uma denúncia anônima, rapidamente levou à descoberta da identidade do suspeito: um cidadão comum, funcionário público, sem passagens pela polícia. Ao ser encontrado, não ofereceu resistência, e se entregou aos policiais, sendo conduzido imediatamente para a prisão. Passados alguns dias, foi levado ao fórum da cidade para prestar seu depoimento diante do júri. E faria isso com uma fria riqueza de detalhes, deixando a todos impressionados.

No dia marcado, uma multidão exaltada apareceu para acompanhar o desfecho daquela trágica história. Quando a viatura chegou ao fórum, e o prisioneiro saiu escoltado por dois policiais, os gritos e xingamentos do povo indignado logo se fizeram ouvir: "Assassino!"; "Maldito, merece a morte!"; "Vai pro inferno seu nojento!", e outros tantos inomináveis palavrões, que raramente se ouvia da boca daquela gente simples. A família da vítima – formada pelo pai, a

mãe e um irmão mais velho – chegou cedo ao local, para poder finalmente entender a razão disso tudo, e poder olhar nos olhos daquele que tirou, de forma tão desumana e cruel, a vida da sua caçula tão preciosa: Ana era o seu nome, em homenagem à querida avó já falecida.

Durante o depoimento, perante o juiz, advogado, promotor e os jurados, o criminoso confessou todos os detalhes de como encontrou e sequestrou Ana na saída da escola, o que fez com ela no seu cativeiro, e como finalmente a matou depois de alguns dias (detalhes esses que não comentarei aqui, para não chocar os corações mais sensíveis). E depois de tudo confessar perante o tribunal, não demonstrou arrependimento, permanecendo com a cabeça baixa, mas tinha a voz calma e perturbadoramente serena, o que chocou a todos, principalmente aquela família humilde. Era nítido no rosto daquelas pessoas a indignação, a revolta e a dor de sofrer uma perda dessas: está além das palavras.

Depois de concluído o processo, foi lida a sentença final pelo juiz: 20 anos de reclusão. Após a martelada final do Meritíssimo, os policiais o retiraram da sala e o encaminharam para a sua cela solitária da prisão. Nesse instante o irmão mais velho – revoltado e totalmente fora de si – tentou atacar o assassino, mas sua tentativa foi em vão, sendo logo contido por seu pai e por um policial. Fez-se um grande alvoroço, e todos puderam ver a revolta e o ódio estampados em seus olhos. Acredito que, se não o tivessem segurado a tempo, teria matado o assassino com suas próprias mãos ali mesmo. Mas, ainda muito transtornado e inconformado com o destino – a seu ver ameno daquele homem – o irmão da menina assassinada proferiu de sua boca a sua própria sentença para o condenado:

- "Assassino! A minha irmãzinha não merecia isso seu doente! Que o diabo lhe carregue!" – Foram estas as suas palavras.

Depois de acalmados os ânimos, o condenado foi enfim levado para a sua cela, isolado dos outros presos, e lá ficou em silêncio, continuando com sua atitude de não falar nada, e a cabeça sempre baixa.

* * *

Na manhã seguinte, quando os guardas levaram a sua refeição matinal, ao abrirem a cela, uma surpresa chocante: o assassino estava morto. Foi encontrado caído no chão, os olhos arregalados, a boca aberta escorrendo saliva, e uma horrível expressão de pavor estampada no rosto já frio. O laudo médico após a autópsia constatou um infarto agudo, o que surpreendeu a todos, pois aparentemente ele tinha boa saúde. Para os guardas da prisão e os médicos que viram seu corpo – a julgar pela expressão de seu rosto – ele tinha morrido literalmente de medo. Alguma coisa o deixou tão aterrorizado que seu coração não resistiu.

Realizou-se uma investigação. Os outros presos relataram, em seus depoimentos, que durante a noite ouviram gritos horripilantes vindos da cela do assassino, além de batidas na porta como se ele tivesse, em desespero, tentado fugir dali. A cela onde passou suas últimas horas foi minuciosamente examinada pela perícia e nada foi encontrado, a não ser por um estranho detalhe: ao abrirem-na, sentiram um fedor muito forte de enxofre. A sentença final estava cumprida.

https://www.facebook.com/lucasbrito.brito
https://www.instagram.com/lucasbrito631/

Juliana B.

Piracicaba/SP

Maldição sobre Ana

(Extraído do diário de Ana Bataglia)

Quando acordei, estava sobre a margem do rio, sentindo muito frio e fome. A correnteza, tinha me levado para um lugar bem distante da onde eu estava.

Vestindo apenas a roupa do hospital que pegou fogo, rastejei-me bem devagar para terra fofa, e depois me levantei e subi um enorme barranco. Acredito que demorei mais de dez minutos para subir. Quando cheguei à parte plana, avistei algo que me pareceu um acampamento. Precisando de ajuda, e não sabendo onde eu estava segui em frente.

Havia uma capa de chuva no varal. Peguei-a, e me vesti para que não se assustassem com minha aparência.

Comecei a bater palma e chamar se havia alguém ali. Havia muitas tendas espalhadas pelo terreno. Mas estava tudo muito quieto. Talvez porque era muito cedo. Dei mais uns cinco passos para frente e me surgiu de maneira abrupta, um homem gargalhando bem alto e com uma roupa extravagante com muito brilho para uma manhã cinzenta. Dê estatura média por volta de um metro e cinquenta e cinco mais ou menos. Calvo no centro da cabeça, e com apenas algumas porções de cabelos nas laterais, ele não parava de andar de um lado para o outro, comecei a ficar atordoada só de olhar por alguns segundos para ele.

Mesmo com um pouco de receio de falar com ele, não hesitei em pedir ajuda. Então perguntei:

— Olá! Você poderia me ajudar, houve um acidente no hospital em que eu estava. Pegou fogo. Só me lembro de ter caído no rio e agora não sei onde estou?

Feito um pavão, ele ergueu seus ombros e estufou o peito, e com os olhos espremidos e a testa franzida, ele circulou ao meu redor, e gargalhou bem mais alto, e me respondeu:

— Você está no *Alligator Circus*! O maior circo dos horrores minha menina feinha!- e apontou com seu braço o circo logo atrás.

— Circo o quê? - perguntei.

— É um circo irreal, diferente. É a sua cara trabalhar aqui comigo!

— Mas senhor, eu estou perdida e sinto frio e fome, você poderia me ajudar, dando algo para eu comer e me vestir?

Com um tom de voz gracioso ele me disse:

— Menina feinha, nada é de graça neste mundo! -Trabalhe para mim, e você terá comida e um lugar para dormir. Até porque estou precisando de caras mais feias e assustadoras por aqui, o público está cansado dos mesmos. Você aceita ou não? – disse ele coçando a cabeça.

Sem ter para onde ir, Ana aceitou trabalhar naquele circo, que rodava pela Argentina nos anos quarenta. Ela estava grávida, até então de um marido falecido, e também com uma aparência nada bonita. Teve então que se sujeitar a fazer espetáculos humilhantes, para poder ter abrigo e comida.

Até que sua filha nasceu, e o *Sr. Alligator* acaba vendendo sua filha para um casal de estrangeiro. Ana ficou muito revoltada, mas teve que aguentar firme naquele lugar. A raiva havia lhe contaminado, e Ana iria se vingar do dono do circo.

Meses foram se passando, e Ana se sustentava em pé através de raiva e vingança. O dono do circo se apaixonou por ela, e lhe propôs casamento, e em troca ele traria sua filha. Ana faria de tudo para ter sua filha de volta, até mesmo se casando com o pior homem da terra.

Com a chegada de um novo membro no circo, mudaria completamente o clima daquele circo. *Sr. Alligator* o apresenta ao público... ”Do inferno essa criatura escapou. Acostumado a viver na escuridão, sem ver a luz do sol, e se alimentando de insetos e de repteis. Assim anuncio o *Diabo Branco*!”

E continuou:

— Esta aberração é tão branca, que se camufla na neve. Foi difícil caçá-lo, isso eu garanto para vocês. Prefiro caçar os crocodilos. –disse ele tocando em sua bota de couro do animal.

As pessoas ficaram hipnotizadas por verem essa nova criatura.

Tempo depois, havia chegado o dia do casamento. Ana estava atrasada para ir ao altar , e ao correr pelo corredor ela tropeça na calda de um crocodilo e foi parar rente a jaula do *Diabo Branco*, ela hipnotizada por ele, várias recordações foram lhe mostradas em questão de segundos. Até que sua companheira e amiga de circo, a empurra para longe dele.

Ana se casa, mas antes teve uma brilhante ideia junto aos seus amigos do circo, de colocar um remédio em sua bebida para ele dormir, já que Ana não queria ter nenhum contato físico a mais com ele. E no dia seguinte, Ana falava para ele que tiveram uma noite maravilhosa, mas ele nunca se lembrava. E para não o beijar, ela ainda passava uma planta venenosa em sua boca que deixava seus lábios inchados e cheios de bolhas.

Inúmeras mortes foram acontecendo naquele circo, e o *Sr. Alligator* não cumpria com sua promessa a Ana de trazer sua filha de volta. E ela continuava com sua vingança com aquele que lhe roubara seu bem precioso.

Certo dia, Ana começa a se sentir mal, e então pede para o capanga a leva-lá ao médico de carro, para que receitasse um remédio que melhorasse esses enjoos constantes que vinha a afligindo. Quando ele acabara de lhe examinar, o médico foi simples e direto.

— Parabéns! Você está grávida!

Por um minuto, ela ficou imobilizada. Sem conseguir demonstrar nenhuma emoção. Questionando por várias vezes que ele poderia estar errado, e que era praticamente impossível estar grávida. Sem muito entender, ele dissera que não, até porque disse que era uma mulher casada e por sinal com um homem muito conhecido. E uma hora ou outra isso iria acontecer.

Não conseguiu segurar por muito tempo o enjoo que sentia naquele momento angustiante, e o expeliu de nervoso ali mesmo. Depois que não havia mais nada em seu estômago para vomitar, o médico deu uma injeção, e disse para que se acalmasse e fosse para casa. E marcou um retorno para a semana seguinte. Perturbada, ela saí do consultório, vesti a capa de chuva e volta para o circo caminhando, e acaba até mesmo esquecendo que o capanga o aguardava no carro.

Júnior Pires

Pesqueira/PE

A casa no final da rua – uma história de Tumarine

Eu morei na minha infância na rua do cajueiro, uma rua de terra, comprida e que ficava em uma ladeira. Eu e meus amigos estávamos sempre subindo e descendo, nas nossas brincadeiras, mas evitávamos chegar na parte mais baixa da rua por conta de uma determinada casa. Não pela casa em si, mas por quem morava lá.

A velha Fátima, como era conhecida, era a moradora dessa residência. Não se sabia se tinha família. Morava com seu gato, suas galinhas e um jabuti. Sempre usava um vestido velho, os cabelos desgrenhados e um lenço florido amarrado ao pescoço. Um cachimbo alternava entre sua boca e a mão direita. Todas as crianças da rua a consideravam uma bruxa e as histórias do que fazia ali eram muitas.

"Ela escreve símbolos no chão com o sangue das galinhas, esperando a visita do diabo."

"Ela cozinha crianças. Meu primo falou que um menino dessa rua desapareceu uma vez e foi ela que pegou esse menino."

"Eu vi. Ela estava erguendo o jabuti e conversando com ele. E os olhos do bicho estavam vermelhos como fogo."

"Toda semana ela faz uma fogueira no quintal, começa a rir e a invocar espíritos."

Cada um falava que tinha visto algo ou que um amigo, parente, tinha lhe contado.

Sempre ao final da tarde a velha costumava sair de casa para levar o lixo a um terreno baldio próximo e foi nesse período da tarde que aconteceu a história que vou lhes contar.

Eu e meu amigo Romão estávamos jogando bola. Ele sempre contando vantagem, dizendo que tinha o chute mais forte e tal. Para comprovar a sua teoria chuta a bola com toda a força que consegue reunir. A bola realmente foi longe, o problema foi o local onde ela foi parar: na casa da velha Fátima. Quando vimos que a bola foi para o quintal da velha, gelamos dos pés a cabeça.

E agora, Dodô? - falava Romão quase chorando. O que tinha de falador tinha de chorão.

Lascou, lascou, lascou. - começo a andar para lá e para cá, aflito. - Vai lá buscar.

Eu não, a bola é sua.

Mas foi tu que jogou. Quero minha bola. E a velha nem está em casa. Saiu a pouco para levar o lixo.

Vamos tirar ímpar ou par. - propôs Romão.

Uma coisa que eu aprendi bem tarde na vida é que não ganho no ímpar ou par. Já procurei até Neide rezadeira para resolver isso, mas não teve jeito (vai que fosse um mau olhado). Sempre que disputo ímpar ou par, perco. E dessa vez não foi diferente.

Tentei discutir, dizer que era injusto, mas não se pode ir contra o ímpar ou par, tem mais valor que contrato em cartório. Então comecei a descer a rua em direção a casa. A cada passo que dava meu corpo tremia.

Assim que chego junto ao muro percebo que ele é muito alto, não ia conseguir subir sozinho. Olho para Romão e aceno para ele vir me ajudar. Ele acena de volta dizendo que não, mas com a minha insistência acaba vindo. Ele junta as mãos, onde coloco o pé e num impulso consigo colocar a mão no topo do muro.

Logo estou em cima e me preparo para pular. Vejo um monte de areia e presumo que seria um bom lugar para amortecer a queda. Pulo e para meu desalento o monte de areia estava duro, então escorrego e caio deitado no chão. Olho em volta e na penumbra daquele horário, não consigo distinguir muita coisa. Me levanto.

Olho para o lado e vejo uma figura negra perto de mim. Solto um grito e caio novamente. Ao olhar para aquela figura que me encara percebo se tratar de uma estátua. Era a figura de um senhor sorridente com uma bengala na mão. Seu outro braço já não se encontrava ali, bem como parte do pé. Era uma estátua velha, consumida pelo tempo.

Observando em volta vejo que aquilo não era a única coisa inusitada por ali. O quintal era cheio de coisas velhas: um caixote com umas estrelas pintadas nele, uma mesa de madeira já comida por cupins, uma rampa também de madeira, umas sombrinhas coloridas rasgadas, uma gaiola enorme, caberia uma pessoa lá dentro. Será que é aí que ela prende as crianças? Pensei e um frio percorreu a minha espinha. Todas aquelas coisas e a penumbra de uma noite que se insinuava tornavam o local ainda mais sombrio. Quem era aquela mulher?

Mais a frente, abstraindo mais um monte de coisas que estavam espalhadas, se encontrava o galinheiro e próximo dele… minha bola. Queria pegá-la e sair dali o quanto antes, mas escuto o barulho de um portão. Era a velha. Eu havia demorado demais olhando aquelas coisas.

Rápido, me escondo atrás do caixote com as estrelas. A velha Fátima aparece e se dirige ao galinheiro. Com um galho seco na mão começa a fazer movimentos circulares em direção as galinhas e a falar uma língua estranha. Meus joelhos começam a tremer, minha boca fica seca. As galinhas formam um fila indiana e começam a seguir a velha. Todo o meu corpo agora treme. Percebo que ela está se aproximando do caixote. Me preparo para correr, mas antes que eu consiga ela bate com o galho na caixa, diz uma palavra naquela língua que não compreendo e as galinhas me cercam. Estou acabado, penso. Logo eu, o garoto mais incrível da cidade. Quando se é criança é comum pensar que se é o máximo e isso não é errado.

Fecho os olhos e me preparo. Poxa, nunca beijarei Joana, não mais jogarei futebol, será que vão sentir falta de mim? Um turbilhão de pensamentos passa por minha cabeça, quando escuto uma risada. Uma risada alta, áspera, que preenchia tudo ao redor. A velha Fátima estava gargalhando.

Menino, tolo. - falava entre o riso. - Elas não vão te machucar.

Com o galho, aponta para o galinheiro, fala outra palavra e as galinhas voltam em fila. Sua voz era simpática e sua fisionomia não causava mais tanto medo.

Está confuso? Como pode a feiticeira de Tumarine ainda não ter me dado de comer às galinhas, não é?

E solta mais uma daquelas risadas estrondosas e que tanto eu iria escutar dali pra frente.

As pessoas julgam muito rápido. Não se permitem conhecer o outro.

Eu não sabia ainda muito o que dizer naquela situação, então saiu o que era mais forte em mim na época, minha curiosidade:

O que são essas coisas? - falei apontando para os objetos do quintal.

Minha vida. O meu circo.

A velha Fátima, que a partir desse momento eu começaria a chamar de dona Fátima, me contou que junto com o marido tinham um circo e viajavam por todo o país, levando alegria, espanto, deslumbramento, emoção. Todavia, com a morte do seu marido não conseguiu tocar o circo sozinha e acabou o fechando. Agora vivia ali com as suas lembranças.

E as galinhas? - perguntei, um pouco envergonhado. Ela entendeu na hora e soltou mais uma daquelas risadas.

Não é bruxaria. É uma técnica que desenvolvi no circo. Eu era adestradora de galinhas.

E aquelas palavras estranhas?

Latim. Os comandos são em latim para dar um charme ao número.

É difícil ensiná-las?

Não com a técnica que desenvolvi. Você gostaria de aprender?

Respondi que sim e esse foi o início da minha carreira como adestrador de galinhas, que infelizmente culminou com aquele problema com minha galinha Maristela, explicarei melhor em outro momento.

Como já estava tarde falei que tinha que ir embora e perguntei se poderia pegar minha bola, motivo pelo qual eu estava lá, expliquei.

Claro que sim. Mas se deixá-la cair novamente aqui eu passo a faca nela.

Na hora parei, assustado, mas logo ela solta outra gargalhada. Eu tinha que me acostumar, era comum eu ficar na dúvida se ela estava ou não falando sério.

Pego a bola e subo a rua.

https://medium.com/falo-sempre

Kimberlly Isquierdo Bongalhardo

Rio Grande/RS

Mãe

Aquela que gerara, dera à luz e criara;
Sempre o melhor para a sua prole buscando;
Aquela que amamentara, vestira e educara;
Sempre seus melhores instintos seguindo.

Aquela que seu coração lhe entregara integralmente;
Sempre o ensinando a lidar com as dificuldades do dia-a-dia;
Aquela que amara puramente;
Sempre lhe proporcionando a maior simpatia.

Aquela que muitas vezes fora questionada;
Por suas decisões precipitadas;
Aquela que tristeza carregara, quando seu filho se decepcionara.

Aquela que criara a criação;
Aquela que seu futuro docemente planejara;
Aquela que você chama de mãe em qualquer situação.

https://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=212483

Kíssila Muzy

Nova Friburgo/RJ

Onde Nascem os Pássaros

O lugar é escondido do mundo e é melhor que continue assim, pois lá vivem uns raros pássaros totalmente brancos. Não há qualquer pingo, manchinha ou listra de outra cor, inclusive sob cada uma das penas. Até os olhinhos parecem brancos, mas são de um azul-claro-brilhante que podem confundir quem não estiver prestando muita atenção.

Uma ponta quase solta do mundo onde acaba tudo o que a gente conhece; onde damos o último passo; depois dali nada mais há e até se nos virarmos para trás parecerá que nada havia antes. Para onde se olha só se vê para frente, assim é que é.

O mundo termina em uma queda d'água reta, forte, pesada e grossa, apesar de estreita. É feita das gotinhas que sobram do planeta todo e que vão se encontrando e correndo juntas até formar a cachoeira que deságua no mar.

No meio da correnteza vertical, dá pra ver uma árvore de raízes mais fortes do que todos os guerreiros do mundo de braços dados. A árvore está agarrada ao penhasco e seus poucos galhos parecem encolhidos em respeito a água que deles desvia. Por isso, só por isso, é possível existir um pequeno ninho na única reentrância alcançada pelo raio de sol que penetra por baixo da curva das águas, durante um curto período pela manhã.

O único meio de observar o ninho dos pássaros é subindo na árvore e agarrando-se ao galho mais firme, que não se romperia nem com o peso de um elefante adulto sobre um caminhão. Dali ficamos olhando os pássaros brancos vigiarem os seus ovinhos. A qualquer hora do dia ou da noite eles estão lá, sem dormir, mirando em volta, cuidando que os futuros filhotes se desenvolvam.

É bem difícil descer depois. Não porque a árvore não permita, ela até costuma fazer a gentileza de abaixar um pouco o galho pra que a gente possa, de um longo salto, alcançar um monte de terra seca e áspera, esnobada pela água abundante. Dizem os mais antigos da região que isso acontece porque, num dia de mau humor e pouca generosidade, aquele pedaço de terra gabou-se de ser mais importante para o mundo do que a água. Como castigo, foi abandonada pela cachoeira que nunca mais respingou ali.

Justamente onde a cachoeira encontraria a água do mar, naquele finalzinho de planeta esquecido até pelo vento, que emergem os pássaros, já grandes. São tantos que nem dá tempo de contar quantos, pois vêm num movimento ágil e voraz de espuma se tornando vida. Nem uma gota de água doce sobra para o oceano: tudo vira bico, penas e todo o resto que serve para fazer uma ave.

Lindos!

No mesmo instante eles alçam voo... que aqueles pássaros brancos nascem sabendo voar e também para onde devem ir. Rapidamente, somem das nossas vistas emaranhando-se entre si e formando nuvens no céu.

_ Mas, vovô, e os ovos? O que acontece com os ovos no ninho?

O avô lembrou-se, após sacudir levemente a cabeça como que retornando de um devaneio, que havia começado a história porque o netinho de oito anos perguntou-lhe como nasciam os pássaros para responder à questão nº 03, letra b), do caderno de Ciências. Porém, como havia perdido o fio da meada, respondeu o que lhe pareceu mais óbvio e racional:

— Os ovos, meu filho... Ah! Os ovos a gente come.

https://www.instagram.com/kissila_muzy

https://www.facebook.com/kissila.muzy

L. S. Danielly Bass

Marília/SP

O Grande Ator

Uma vez um amigo me disse que nada está em repouso no meu corpo, que eu estou em constante movimento de ação e reação, que ao me olhar no espelho devo ver um fogo, pois eu, meu corpo, sou como o fogo. Sou um amontoado de moléculas em constantes movimento, mas enquanto houver harmonia em minha organização, enquanto meu corpo não se deteriorar, enquanto eu, fogo, não se apagar, eu serei uno, saberei que sou múltiplo, mas me verei uno.

Pensando nisso cheguei à conclusão de que cada um de nós, humanos, somos como uma fogueira e cada fogueira tem sua forma, tem seu modo de ser. Uns são como uma fogueira grande e violenta que aquece, mas que tende a se alastrar. São os homens mais sensíveis, em alguns momentos vocês irão admirá-los, mas na maior parte do tempo, não. Outros são mais brandos, às vezes tão brandos que não parecem ser fogo. Mas há aquelas fogueiras que são grandes, quando têm de ser grandes, médias, quando tendem a ser médias, mas sempre, sempre, belas; esses são os seres frios, controlados.

Vocês agora me perguntam o porquê de eu estar falando de fogo, movimento, unidade, modos de ser, em uma aula de teatro: eu lhes digo que percorri todo esse caminho para tirar de vocês a ideia comum de que o grande ator é o homem sensível, o ser que sente, pois não é. O homem sensível é a fogueira perigosa, até te oferece momentos bons, mas ela vai se alastrar e te queimar, ou seja, o ator sensível tem momentos belos, mas não um estado de beleza, em uma peça ele não terá unidade, será medíocre. Agora, o grande ator é a fogueira controlada, melhor dizendo, é uma fogueira eletrônica, artificial, o controle da fogueira é seu cérebro enquanto a fogueira é seu corpo, seu diafragma. Ele é belo, pois é uno, é sublime, pois é ideal, é o embelezamento da fogueira controlada na realidade, é sua imitação.

Mas em uma peça terá das mais diversas fogueiras, caberá ao grande ator controlar sua fogueira de modo a criar uma unidade tão grande na peça que entre as várias fogueiras o espectador veja apenas uma, a unidade. Pois, assim como nós, a peça é múltipla, nós somos a multiplicidade de moléculas que juntas formam nossa unidade. A peça, uma boa peça, será a multiplicidade das unidades que são por si só múltiplas. Espero que hoje saiam daqui sabendo que o geral será preferível ao particular, além disso, assim como na vida, é preferível se sacrificar para manter uma unidade, uma harmonia.

(Texto inspirado na teoria do ator
e no materialismo de Dierot –
Especialmente em suas obras:
Paradoxo sobre o Comediante e
O Sonho de d'Alembert)

Instagram: @ _encantado_
https://www.instagram.com/_encantado_/?hl=pt-br

Léa Costa Santana Dias

Euclides da Cunha/BA

Corpo calado

Por que tão tarde na rua?
– Ela desejava: era puta.

Por que tão curto o vestido?
– Ela provocava: era perdida.

Por que o rebolado e a cerveja?
– Ela queria: era rameira.

Por que tão feliz e risonha?
– Ela pedia: era piranha.

Estava sozinha a devassa.
Batom vermelho, talvez drogada.

No beco, no escuro:
Vestido rasgado,
Corpo violado.

– Puta, rameira, perdida!
Em deboche a polícia!

Na maca, às escuras:
Corpo sangrado.
Feto gorado.

– Acaso não merecera?
Em potestade a igreja.

No túmulo, às claras:
Um corpo pálido.
Calado.

Leandro Costa

Tianguá/CE

Soneto da Chanana

A Chanana só nasce quando brota o Sol
Enfeitando a sarjeta que nunca tem dó
Desabrochando pano para o arrebol
Da dureza da vida onde escorre suor

Irrompendo com força que dribla a morte
É bom dia entre pedras que gastam caminhos
Testemunha do belo que havia antes
Levantando velha melodia no novo

Quando reina o Sol a Chanana se enfeita
Regalando coroa de pétalas brancas
Ao herói que sustenta com a sua luz
A toda criatura animada de vida.

Invencível guerreira, singela senhora
Oportuno auxílio ao corpo doente
Sintonia do ser com o grão bem-estar
Que a vida abundante reserva a todos

Leandro Emanuel Pereira

Matosinhos, Portugal

Espelho Meu

Espelho meu;
Espelho cru;
Ao te olhar de cima;
Pões tudo a nu...

Quando zangado;
Faço olhar franzido;
Com fogo deflagrado;
E peito enchido...

Quando irado;
Imagino a minha mão;
No teu cachaço afagado;
A servir de alçapão...

Quando ciumento;
Todos são meus carrascos;
Apenas eu estou isento;
De todos os atos...

Espelho meu;
Espelho verosímil;
O teu reflexo amorteceu;
O meu pensamento difícil...

Lis Souto Maior

Recife/PE

Benfazejo Vento

De origem incerta, não dita,
Um belo cavalo de vento
Trás um benfazejo vento...

Chega leve e harmonioso
Com um breve assovio
O jovem vento benfazejo.

Devolvendo a esperança
Que tivemos em criança
De que tudo vai dar certo.

De que a vida é uma dádiva
Que por mérito recebemos
E não podemos descuidar.

De olhar com carinho
Procurar devagarinho
E ver o que de simples há.

É a chance de crescer
E com o mais puro amor
Ver a vida florescer.

Lucas Dias

Belo Horizonte/MG

Autobiografia de um sujeito qualquer

Ele era uma criança morta
Um rebelde construído todos os dias
Enquanto brincava com rimas

Ele era um pintor
Que pintava a metade de uma laranja
E perdia a outra metade em algum lugar da mente

Ele era um poeta
Um louco que testava a realidade
Afrontando vertiginosamente tendas de sonhos

Ele era uma alma perdida
Que cortejava a morte
E nutria horrores de água

Ele era uma cidade deserta
Repleto de fantasmas que zombavam
De sua visão astigmata

Ele tinha olhos lindos como estrelas e cabelos indígenas de outrora
Então o demônio, invejoso, roubou-os e o fez velho de alma.

Lucas Mateus Trindade Farias

São Paulo/SP

Contramanifesto à covardia

Contramanifesto à covardia
Ouvi de um filósofo do arco da velha
Que covardia é antônimo de progresso
Me nomeou também Lobo Maquiavélico
Pois uivo à remota estepe indefesso;
Num poema expresso.

Penso no psicanalista um capitão
Veleja o medo adentro, no cognitivo
Senta e cruza-se, acende o charuto em vão
Seduz a nobre silhueta da fraqueza;
Quão primitivo.

Medo é um ataque epilético romântico
O abominam porque pessoas envelhecem
Pra que dar os ombros ao exotérico caótico?
Marchamos num mundo sem métrica;
Ninguém liga, todos falecem.

Encanta-me só, cada um ser único é um
Única imagem, contrassenso, única vivência
Somos parte de um safári de experiência
De bolhas caseiras, onde bebem chá;
Daqui e aos cabanos de Grão-Pará.

Instagram: @vikinging_on

Lucas Ramon Porto de Assis
Campina Grande/PB

Desventurosos amantes

Desventurosos amantes,
Deus os fez por natureza iguais.
Assim sofrem dissabores tais,
Por seus modos meliantes.

Guardam um segredo, receosos.
Às circunstâncias já rendidos,
Em meandros d'encontros proibidos,
Onde renovam juras, esperançosos.

O tempo, senhor implacável,
No peito a ânsia vã não arrefece,
Mas o infeliz viver já esmaece.
Achega o desfecho inevitável!
...
Não mais estarão distantes:
Vislumbraram na eternidade,
A consumação de sua iniquidade,
Os desventurosos amantes!

http://lattes.cnpq.br/0135191562412280

Luís Amorim
Oeiras, Portugal

A comitiva

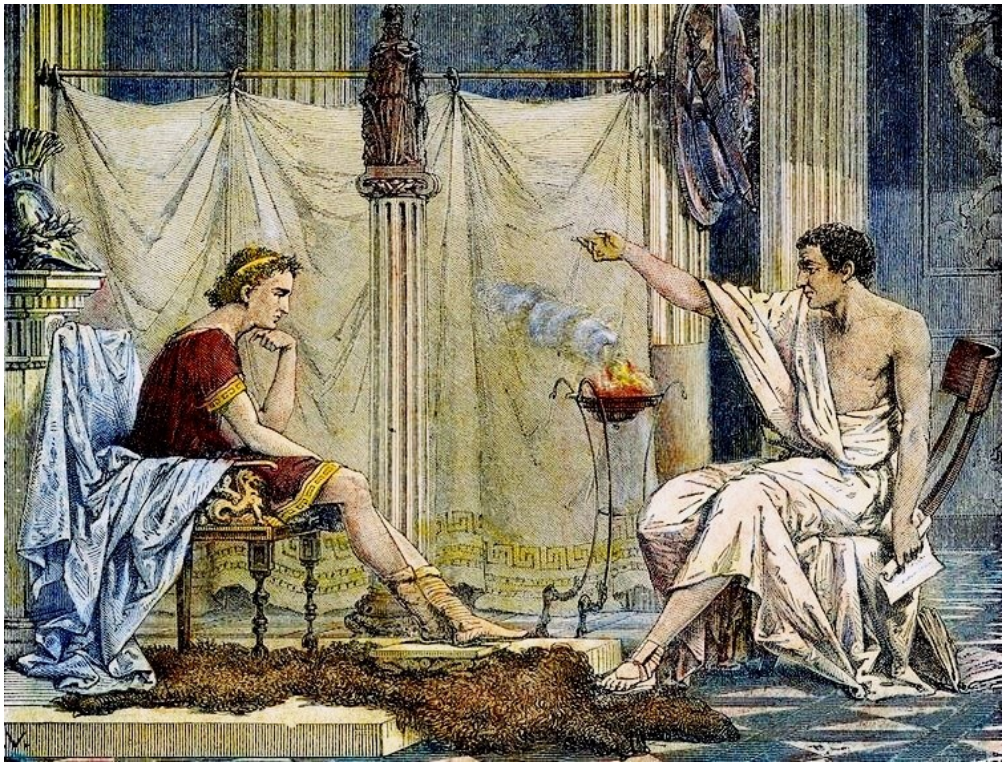
A caminhada fora longa e extenuante, cansado encontrando-se e muito, mas finalmente preparado para o ansiado destino o receber. Fazendo uma enorme fé nas indicações trazidas de fonte segura, ali mesmo seria o final de uma jornada onde para início de um merecido descanso, um copo de água seria realmente bem-vindo. Estava então à porta e mais do que pronto para entrar mas segundo as notas que o acompanhavam, teria de esperar pela comitiva. Não poderia entrar sem ela, haveria que fazê-lo na companhia da mesma sem outra opção tida por aceite. Virou-se para trás mas não havia sinais dela. O relógio foi chamado à sua presença mas apenas para lhe dizer que a comitiva encontrava-se atrasada. Pensou no que fazer, se iria realmente esperar ou entrar mesmo. Mas ao olhar para além da entrada de porta aberta, percebeu que tal não iria ser considerado sequer possibilidade viável pois os que estavam lá dentro, parecendo adivinhar-lhe o pensamento, fizeram de imediato cara feia, reprovando tal pretensão. Percebeu que entrar sozinho não poderia ser, pelo que ao fitar o horizonte que estava distante, esperava sentir o alívio de ver a comitiva aproximar-se. Mas tal ainda não era motivo para o acalmar. Voltou a solicitar o parecer do relógio, pensou que este adiantado estaria, o que não agradou ao mesmo, sentindo-se despeitado. Por isso regressou ao seu bolso na agitação de quem o supôs ineficiente e tolerante nada perante quaisquer atrasos. A comitiva vinha em caminho tardio, faltava saber em que ponto do percurso enquanto o seu lugar seria ficar ali especado, sentindo-se fitado à porta pelos que se encontravam lá dentro, aguardando com manifesta impaciência por quem estaria no trajecto mas ainda não na sua final recta. De quem mais se esperava não havia no então de horário solicitado qualquer vislumbre que cumprimentasse o mais desejado momento de quem precisava dela para finalmente entrar. Ouviu um som ao longe, encheu-se de es-

perança ao pensar ser ela mas tão depressa como veio também o som pareceu rapidamente extinguir-se. Talvez fosse uma sonora ilusão da sua parte, porque da mais desejada nem som nem visão. Só lhe faltava começar a ver cenários ilusórios na figura de comitiva para colmatar o evidente desânimo por se encontrar ali à porta sem poder entrar. Os que lá dentro mandavam pareciam impiedosos nessa inflexibilidade de forçá-lo a esperar. E ainda com mais crueldade se revelavam na feieza, assim mesmo pensado a tal e qual gente feia por certeza que seus rostos evidenciavam, obviamente por se aperceberem do que havia sido pensado à porta, no desesperando pela chegada da comitiva. Desta, ainda nada em novidade para acrescentar visto o seu atraso ser já no então de ocasião significativo, o que levava a conjecturar problema qualquer ocorrido durante o percurso. Ou então, a não comparência a horas e minutos certos, dever-se-ia a um propósito que o directamente visava. Estava pois, a desculpas inventar para justificar o estar defronte a uma porta, esperando por quem nunca mais parecia chegar. Pensou que talvez se desse sinal da comitiva quase a surgir pelo sorridente horizonte, os lá de dentro poderiam facilitar-lhe a entrada, qual enganados por si ficariam por justa ignorância. Sim, porque seria uma forma de os ludibriar com boas pretensões, as suas, para em alívio, poder entrar. E assim foi. Começou a gesticular que a comitiva já vinha pelo horizonte, crescendo a olhos vistos mas tal não surtiu efeito, pois os que estavam lá dentro não se deixaram enganar, fazendo inclusive caras mais feias do que no antes, reprovando desse modo a tentativa de serem eles enganados. Até lhe pareceu que encheram-se os referidos de ar para ficarem maiores, de peito feito, barrando ainda por inacessível adicional o espaço que era pequeno, à entrada pelo menos, pois que lá no interior seria bem espaçoso, assim por natural ele acreditava. Também por convicção tinha que não deveria ficar sozinho por muito mais, dado o atraso que então se verificava. Mas seu desespero manifestava-se, uma vez que desejava bastante dar entrada mesmo que sozinho. Tanta opção lhe passou na mente sobre o que fazer e se conseguisse desaparecer por instantes, poderia tentar dar seu acesso por outro lado, alguma janela de eventual acolhedora recepção e, uma vez pelo espaço contrário ao exterior, certamente que não o iriam expulsar. Olhou em redor e per-

cebeu que seus movimentos eram controlados ao pormenor, ou seja, sair dali e tentar ludibriá-los vez segunda, não teria margem para acontecer. Haveria que esperar mas com imenso tempo decorrido, sua tez já desesperava por boas novas em som que nunca mais lhe chegava. E quando em tom musical ele sentia, rapidamente concluía ser ilusão de quem espera imenso pelo acontecimento que se realize e tal não sucede. Começava a duvidar que este em concreto pudesse ter um desenlace favorável, uma vez que o atraso era substancial e de comparência ao longe nem sinal que lhe assegurasse que iria entrar, naturalmente bem acompanhado, ainda que o mais pretendido era, sem qualquer dúvida, passar lá para dentro. Veio-lhe à ideia que isso nunca iria ter verídica pose e na consequência directa, ensaiou uma de fuga atitude, de virar costas e desaparecer, naturalmente dali para qualquer outro lugar. Mas as mesmas caras feias manifestaram-se novamente, repudiando sua eventual deserção. Teria de aguardar pelo desfecho e a chegada de quem estava no atraso justificado ou não, pormenor este não interessava. E convinha por obrigação decretada no manter-se bem desperto, sem ceder a cansaço ou intenção de pontual dormitar, o que manifestamente começava a ter o seu ânimo e em força. Tentativa de o acolherem devido a sono ou cansativo estado desanimado e tanto não surtiu o efeito pretendido. E já nem lhe ocorria que adicional investida, fosse ela qualquer pensada de improviso ou previamente estudada, desse o resultado mais ansiado: entrar lá dentro. Os olhares reprovadores diziam-lhe que teria de esperar. Mas ele possuía na ocasião ideias outras: virar costas e ir embora. Nem pensar em tal! Os feios olhares reprovaram no imediato essa pretensão, indicando o sítio onde teria de se manter: ali mesmo até chegar ela por figura incontornável, finalmente perspectivada no horizonte. Todos ficaram radiantes pois que a comitiva era já visível. Os brindes tilintavam mas apenas para alguns que ele, cá fora, ainda não poderia usufruir desse direito. Haveria que aguardar. Mas então na altura festiva para uns quantos apenas, o semblante de si próprio era também de alegria quanto baste, talvez de um alívio em satisfação pois que já não era sem tempo, iria entrar. Bastava um pouco mais que a comitiva estaria quase a chegar. Só momentos em pausa, alguns mais, e cada vez maior era aos olhos bem menos cansados do que

antes. Lá dentro, todos se compunham para a triunfal recepção, distante cada vez menos e no breve a dar final aproximação. A espera quase era uma religiosa pausa em reverência perante o cortejo, no agora de então, finalmente chegando. Ele tentou que o deixassem entrar mas nem pensar, isto mesmo foi-lhe visualmente transmitido. Antes disso, vénias para a comitiva e em particular nos representantes pela frente do cortejo que deram entrada lentamente pois que a largura de acesso era bem menor para a correspondente pretendida, bem mais larga durante o percurso anterior. Boa parte já havia acedido quando ele tentou que lhe dessem passagem mas resposta visual foi interpretada como negativa óbvia, que teria de se esperar pelo fim. E a comitiva nunca mais parecia ter um concluir de jornada. Se acesso ao interior só lhe fosse permitido assim que tudo entrasse talvez houvesse que aguardar imenso tempo. Então olhou para o horizonte, esperançado em ver extremidade como parte final à sua evidente satisfação, mas não, a comitiva realmente parecia não ter fim.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions



Luís Laércio Gerônimo Pereira

Pão de Açúcar/AL

O professor e o guerreiro

No tempo do mundo antigo, dos reis e dos cavaleiros,
Eram vários os ofícios, mas dois, eram os primeiros,
Quem não quisesse ser rei, era madeira de lei,
Ser padre, ou um bom guerreiro.

Nascido em Estagira, no reinado de Amintas terceiro;
Seu pai, Nicômaco servira, como médico oficial do reino,
Talvez daí adquira, conhecimento que nunca se vira,
Tornando-se um sábio ligeiro.

Foi aluno na academia; foi discípulo de Platão,
Embora alheio a geometria, por lá ficou um tempão,
Só desistindo um dia, por cisma ou xenofobia,
Espeusipo, foi a dissensão.

Voltou para a Macedônia, com essa triste lição;
Ao discordar do seu mestre, talvez sofreu punição,
Opondo-se ao idealismo, apresentando o empirismo,

Contrariando os neoplatão.

Ao retornar a sua pátria, teria uma grande missão;
Pois recebeu um convite, que foi de pronta aceitação,
Pra ensinar a um príncipe, o filho do rei Felipe,
A conquistar as nações.

Assim se deu o encontro, desses personagens gigantes
O mentor é Aristóteles, o menino é Alexandre;
Juntos abarcaram o mundo, deixando um impacto profundo,
Pra futuras gerações distantes.

Aristóteles, globalizou, o conhecimento existente;
Da física a metafísica, foste sempre um penitente,
Não há nada que o fatiga, e tudo no mundo investiga,
Tanto o presente, quanto o ausente.

Primeiro foi fustigado, por sua Filosofia óptica;
Não atendia aos preceitos, pra uma nova ideologia sinótica,
Foi preciso entrar em cena, Averrois e Avicena,
Pra poder pegar na pena, Tomás de Aquino e a igreja católica.

O menino Alexandre, era pequeno como um pigmeu,
Mas em bravura era grande, e o mundo não se esqueceu,
Derrubou impérios gigantes, Dario e seus elefantes,
ao seu império se rendeu.

Alexandre, é helenismo; é cultura e memória;
Mas também é ocultista e assassino da história,
Em nome de uma teocracia, calou Calístenes e Kleito num dia,
por discordarem de sua oratória.

Alexandre é um fenômeno, um caso descomunal;
Dizem que é filho de Olímpia, com Zeus, o imortal,
Era leitor de Homero, na ilíada, sobre Aquiles, disse eu quero,
Um dia, ser melhor ou igual!

Foi amante, foi amado, por um amor opressor;
Talvez não por Roxane, quem sabe por Hefestion,
Teve todas as glórias do mundo, e um orgulho profundo,
Ter Aristóteles, como professor.

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas-SP

Escrever para viver

para Silvia Plath

Escrever é forma de pensar.
Raciocínio para viver.
A função terapêutica da escrita
é reordenar o mundo interior.
Reinventar as experiências.

Se a escrita perde a função,
forças destrutivas fazem o
texto deixar de ser metafórico
para uma situação instável,
ao retratar a realidade interior.

A coincidência e a consciência
levam a uma situação perigosa.
Distancia-se do sofrimento interior
pela força da escrita, pois uma
dor insuportável levaria ao fim.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Luizza Milczanowski

Rio de Janeiro/RJ

Miramar

Eu estou sentada na beira de uma praia fria e vazia. O vento agita os mares ou os mares se agitam com a chuva. É uma praia sem tempo. É o lugar do mar. O lugar sem Tempo no vazio branco do mar. O vazio branco do mar e o cinza do céu sem nuvens, sem forma. Um mar vazio de um céu vazio que se entrelaçam na chuva fina sem fim. Vazio e vazio entrelaçados em um beijo longo. As ondas batem nas rochas. Pedras duras, frias. Nessa praia, M.D. toma mais um copo de seu drink favorito. Seu copo é gelado como o vento gelado e a água gelada da praia vazia. M.D. tem ao seu lado o amor incompleto, o amor infeliz. M.D. está com quem não a ama. Nesse lugar do mar – lugar sem Tempo – M.D. está sempre bêbada e cansada. É sempre manhã e há sempre martini. M.D., já perto do fim, se lembra de seu primeiro amor corrompido. M.D. não pisa na areia, a não ser para se despedir do verão de 80, sofrido e infeliz, para se despedir de seu filho – criança em cima da árvore. A mágoa dos amores incompletos, do álcool amargo do sexo que nunca finda, que nunca põe fim ao vazio que o álcool põe fim. É essa mulher, Emily L. Essa mulher jogada nos braços da loucura, da luxúria e do vício, como Hilda, como todas as mulheres-artistas que eu amei (e confesso, eu amei os homes-artistas também). Sempre os ébrios – mas, principalmente, você, M.D. Eu te encontro na praia de pedras – na praia cor vazio. M.D. está no bar e no apartamento e na mesa-martini, mesa-máquinadeescrever. M.D. está longe do tempo, longe dos computadores, e eu não tenho tempo de avisá-la. Nós nunca nos falamos. Ela está no bar-escritório e eu estou na areia. Ela faz filmes e eu faço imagens-filmes que morrerão em minha caneta. Preto no branco. Meus pés buscam se firmar na areia de pedrinhas. Meu corpo está enrijecido de frio. Minhas mãos e meu rosto doem com o vento. A chuva fina e constante e salgada de mar fazem do meu rosto rio de lágrimas. Eu luto para avançar em direção ao mar. As gaivotas tentam alçar voo, mas seus corpos são arremessados para trás como filmados de trás para frente. As gaivotas lutam contra o frio, contra o vento, contra a chuva. Um filete fundo de água cruza a areia. Tento atravessar sem molhar os pés, mas é tarde demais. A água perfura meus pés como centenas de agulhas. O frio atravessa o corpo. Estou encharcada. Todo o meu corpo estremece, frio, molhado, melancólico. Ainda sim sigo em direção ao mar que bate nas pedras de Miramar. Não há Tempo no lugar do mar. O céu e o oceano formam um mesmo cinza-vazio. Mar e céu se abraçam em meio à chuva. Tudo cinza e vazio como a areia branca e vazia. Olho para cada pedrinha, cada marisco. Conheço cada um deles:

são meus filhos. Eu os carrego nos braços sob a chuva de Miramar. Eu posso estar na França ou em Paraty ou nos arrozais do Vietnã. M.D. está sentada no mesmo bar. Nós olhamos para o mesmo álbum de fotografias. Nós frequentamos os mesmos quartos sujos, quentes e suados do amor incompleto. Mas nós nunca nos falamos. Nem quando ela se despede de sua criança-menino, nem ali. Só o garçom a conhece. Eu e ele. Ela está com um homem que não a ama. Eles também não se falam. Ele não a conhece. Mas é ele que paga sua conta, dia após dia. Ele já desistiu de fazê-la parar. Ela ficará ali para sempre, o copo de martini na mão. Nós nunca nos falamos. Eu nunca a impedi de beber. Eu atravesso a areia em direção ao mar. Ela está no bar-infinito, do outro lado da praia. Eu atravesso a areia para alcançá-la. São tantas pedras e eu sei que você está ali, que você sempre estará ali no mar sem Tempo, na angústia inebriante da falta de amor. A melancolia estendida na areia de pedras. Eu luto para me aproximar do mar, para atravessar a areia de pedras, para encontrar o mar para além da água salgada que encharca os meus cabelos e os meus olhos e os meus pés. Eu te encontro, Marguerite, na praia vazia. É sempre nessa praia que você estará sentada, um copo na mão. Você sentada. Você com o chapéu de sol em uma outra praia, outro lugar sem Tempo. É você que habita a praia de Miramar. É lá que um dia percebe a falta de plenitude no amor.

Mahya Santana
São Luís/MA

Tudo o que acontece em um segundo quando encontramos o nosso alguém

Te avistei há quilômetros de distância e no segundo seguinte senti que já te conhecia de outra vida. Eu sei que você ama o restaurante que frequenta há 10 anos mas hoje eu quero te convidar para conhecer outro lugar e jantar comigo.

Em um segundo, tudo pode acontecer. Um envolvimento em braços aconchegantes, um beijo sem preliminares e até, uma briga sem o menor sentido.

Amor, vou cozinhar para você e não será algo gourmet. Irei fazer o bolo que prometi desde que nos encontramos da primeira vez e talvez uma macarronada daquele jeito que a gente gosta.

Nós precisamos de milhões de segundos para nos apaixonarmos um pelo outro porém a atração foi instantânea e olha que não me refiro ao físico e sim, o conjunto da obra.

Eu me fechei para o amor faz um tempo e você apareceu do nada, balançando as estruturas da minha fortaleza. Bastou um segundo para seus olhos se encontrarem com os meus e para nossas vidas se fundirem como uma.

@personas_de_gaia

Mairon Neves de Figueiredo
Viçosa/MG

Vampiros da Noite

Ouço um zumbido,
Mosca, Pernilongo, Muriçoca ou Mosquito
Por min tanto faz
Zzzz, Zzzz, Zzzz, Zzzz,
Deixando ruído
Provoca o delito
Mas não para no ouvido
Aquele que perdido
Carrega ainda mais ambição
Ao escapar da fúria da minha mão
Zzzz, Zzzz, Zzzz, Zzzz,
Aguçando minha audição
Que sem hesitação
Me leva o sono, o sangue e a paz
Que sonhando sempre em mais
Adentra minha armadura,
Me perfura, com seu ataque de agulha,
Num golpe voraz
Tornando a noite vazia
Numa longa inquietação
Do corpo que balança
O mosquito se lança
Na busca de um ponto mais eficaz.

Marcio Araujo Lage

Brasília/DF

Costa do Esqueleto

A Namíbia é um país particularmente bonito. Pouco povoado (é 10 vezes menor que o Brasil com população de cerca de dois milhões de habitantes), com estradas razoáveis, onde a cada 100 quilômetros se encontra uma cidadezinha, com posto de gasolina e suas facilidades. Mas entre elas não há nada além da natureza. Há uma boa infraestrutura hoteleira e animais selvagens para apreciar e fotografar em safáris bem organizados. Minha mulher e eu visitamos o fantástico Parque Nacional de Etosha (cerca de 500 km da capital Windhoek), o deslumbrante deserto de Sossusvlei, mas a pérola ou a cereja do bolo foi nossa ida à Costa do Esqueleto, no noroeste da Namíbia, em pleno deserto do Namib.

Viajamos num monomotor diretamente de Windhoek, com escala em Swakopmund, para o campo "Skeleton Coast Camp" no Parque Nacional da Costa do Esqueleto. O Parque vai do rio Ugab no limite sul até o rio Kunene, ao norte, na fronteira com Angola, numa extensão de 1.6 milhão de hectares. Nosso campo fica na área norte, próximo ao delta do rio Hoarisib (leito seco), onde o concessionário tem uma área de 350 mil hectares exclusiva para a "experiência de safáris", com apenas seis tendas e de acesso restrito por avião. O tempo é geralmente frio e ventoso, com manhãs e noites nevoentas. Ao meio dia, faz muito calor e um protetor solar, chapéu e óculos escuros são indispensáveis. As tendas são confortáveis com duas camas ou cama de casal, com edredom e bolsa

de água quente na hora de dormir. Tem banheiro com chuveiro e instalações sanitárias. Um luxo! Há energia solar para esquentar a água e a iluminação precária é de 12 volts.

Durante a viagem fomos introduzidos a uma significativa diversidade da flora e da fauna do deserto, viajando por leitos de rios, normalmente secos, mas que são a fonte de vida para a maioria dos animais e plantas encontrados no deserto. Vimos árvores secas, retorcidas, como as acácias (comida preferida de elefantes) e tivemos sorte de ver antílopes (como o orix, o springbok, o gemsbok), girafas, elefantes, burros selvagens, bando de babuínos, chacais e mesmo uma lebre. Embora tenhamos buscado, não vimos leões, que eventualmente se deixam aparecer nessas bandas. Lá nada é óbvio, nada é previsível, porque você viaja em grandes extensões vazias.

Ao longo do leito dos rios secos, vimos planícies cobertas de um musgo pequeno e colorido no cascalho. O melhor é parar na estrada e andar para observar as pedras cobertas pela estranha combinação de algas e fungos que crescem nas áreas litorâneas. Há cinco espécies diferentes de musgos, com cores que variam do laranja profundo, passando pelo verde ao preto.

Pode-se dizer que a cor, as mudanças de cenário e o perfil intocável de sua paisagem são as principais atrações desta área remota da Namíbia. Sua aura de mistério e força é devido à névoa densa do litoral e às brisas frias do mar causadas pela corrente de Benguela, bem como pelos ossos de baleias e focas dispersos em suas praias, de onde deriva o nome Costa do Esqueleto.

A paisagem no parque varia das vistas arrebatadoras de dunas varridas pelo vento às gargantas ásperas com paredes de rocha vulcânica rica e colorida, assim como pela escala das montanhas. De interesse especial estão os castelos de argila do rio Hoarisib, que formam figuras estranhas como caveiras. À beira mar, o parque pode ser caracterizado por grandes extensões de superfície plana, ocasionalmente quebradas por dunas na vizinhança imediata da costa. Os restos de navios encalhados ao longo da costa testemunham a sorte de muitos navegantes que vieram tocar estas paragens desoladas.

Um dos fascínios de nosso safári à beira mar, além de andar de jipe nas dunas e descer como montanha russa suas escarpas, foi a busca de pedras de diferentes cores e brilhos, uma vez que há boatos de "ricos depósitos de diamantes" naquelas praias, mas que provaram ser um ilusório engodo.

A vegetação caracteriza-se por arbustos baixos, já que a maioria das plantas e dos insetos é dependente da umidade que envolve a costa e da pouca água subterrânea dos rios. Há grande quantidade de pássaros, como as andorinhas, rolinhas do deserto, abelharucos (parecem periquitos),

gaivotas, "francolins" (perdizes), corvos marinhos pretos, avestruzes, papagaios, tarambolas marrons com três listas no pescoço, "korhaans" (tipo galinha d'Angola), gansos egípcios multicoloridos e urubus. Vimos lobos-marinhos no Rock Point, antigo ponto de destaque para os navegantes.

Vale registrar nosso encontro com elefantes, em pleno deserto. Uma família de quatro elefantes, casal e filhotes, que nos olharam espantados. O macho fez cara feia, mas logo desistiu, naquele calor de meio dia no deserto, de atacar um bando de turistas embasbacados com a presença deles. Foi ótimo para fotos.

Na área contígua ao Parque está a região chamada da "Kaokoland", habitada pelos povos Himba, primitivos, que ainda vivem de acordo com costumes e tradições antigas. Os homens criam gado e as mulheres seminuas usam uma espécie de creme, mistura de argila vermelha, manteiga de cabra e ervas aromáticas, para cobrir o corpo e se proteger do sol forte. Nossa visita a suas pequenas casas arredondadas cobertas de barro foi uma experiência única. As mulheres fazem belo artesanato de contas e de cestas. Nesse lugar há um oásis, chamado Puros, aonde vimos muitas girafas. Ao sul do Parque, onde aterrissamos para pegar três turistas, está a "Damaraland", habitada pelos povos Damara, que já adotaram padrões de vida ocidentais. Nesta área há inúmeros rinocerontes negros do deserto.

Esta viagem ao Parque Nacional da Costa do Esqueleto nos ofereceu uma experiência não disponível em outras partes do mundo. O deserto é sutil e você precisa estar preparado para apreciá-lo inteiramente, andar por lugares inusitados e originais, ouvir o silêncio e curtir as noites estreladas do hemisfério sul. Estou seguro que esta viagem sempre será uma lembrança inesquecível para o resto de nossas vidas.

Marcos A. Cavalcante
Guarulhos/SP

Meus Escritos: "PALHAÇO"

_A
TINTA
QUE
PINTA
SEU SORRISO
NÃO
PINTA
O OLHAR
ENTRISTECIDO.

__[Marcos *III* arcanjo dez]***

https://www.facebook.com/arcanjodez/

Marcos Andrade Alves dos Santos

Canaan/Trairi/CE

A Maria Pondongo

Resto de gente serve apenas para poesia.
Ninguém quer e não tem utilidade social.
Resto de gente é inutilidade poética
Só serve como trampolim para o nada.
Na Lavagem vagou uma mulher que as estórias lhe acorcundaram.
Passava pelas estradas com um lenço amarrado na cabeça e um surrão no ombro.
Silenciosa, ela desfazia o caminho com suas fracas pernas.
A fome lhe fazia companhia.
O abandono lhe preenchia.
Pelas estradas ajeitava entre as rugas um sorriso de início de dia.
Não servia para coisa alguma.
Mas só quando alguém alcança esse grau de desperdício é que pode voar como poesia.

marcos.andrade@aluno.uece.br

Marcos Nunes Loiola

Botuporã/BA

Mãe

Como é bom saber
Que a poeira cósmica veio se ajeitar
Pelas bandas de cá
E criou o amor.

Mãe, dê-me sua mão
Que este menino quer dormir.
— Engenhoso, só dormia segurando minha mão.
O seu toque fraternal — eterno?
Dá sentido a tudo.

Mãe, como é bom ter a certeza
Que entre todos os amores
Eu escolho — para sempre? — o seu.

Porém, mãe, como me angustia não saber
Das coisas que estão para além
Daquilo que podemos conhecer.
Meu medo é que tudo se acabe
Por aqui.

Mas, minha mãe, você pede para eu ter fé
— Fé em Deus e fé na vida!
E tudo fica (e) terno...

E eu sigo aprendendo a acreditar
Que do lado de lá
Quando tudo se acabar — por aqui

Eu não hei de te perder de vista
Nem de toque
Nunca.

https://www.instagram.com/loio_la/

Maria Elza Fernandes Melo Reis

Capanema/PA

Sinais que curam

Quero te admirar por dentro
Olhar os quatro cantos do teu coração
E sentir o pulsar das tuas tristezas
Dividir contigo
As gotículas das tuas horas angustiadas
Onde os sorrisos insistiram te deixar ali
Gritando e implorando por eles
Quero te envolver com meus braços e abraços
Deixar em ti minhas melhores energias
Aquelas que nasceram em mim
Numa manhã que o sol e as flores
Faziam jorrar sinais de esperanças
Quero ouvir tua voz
Mesmo trêmula e cansada
Ser alívio para tuas aflições e inquietações
Ser mãos que acolhem e unem forças
Ser um sinal de paz
Nas horas que a alma chora tristeza
Quero ser uma palavra que conforta
Que faz florescer amor nos teus sentimentos
Quero ser uma voz que fala ternura
Um ombro que secam lágrimas
Um coração que acolhe solidão
Quero ser ânimo pra te proteger
Quando a vida insistir perder o sentido
Porque não são teus sentimentos que querem sofrer
São os sofrimentos que insistem te deixar tristonho
Vamos sorrir pra vida juntos
Viver a doce liberdade de ser feliz.

Maroel Bispo

Feira de Santana/BA

Cuidando de si

Nunca ele está só. Nunca!
Nesses tempos de travessia,
Persiste, cuidando de si.
Ele se insurge, se procura,
E nem sempre se encontra.
Mas insiste, em tê-lo próximo.
Quando a fenda do corpo
Sangrar: carmesim à vista!
Quando o sol, atônito,
Almejar se pôr e se calar.
Quando a lua cheia, tímida,
No ocaso se recolher.
Ele estará ali, no mesmo lugar,
Sem abrir mão de si mesmo.
Sem nunca deixar de se cuidar.

https://www.facebook.com/maroelbispo

http://revistainversos.blogspot.com/

https://www.facebook.com/revistainversos/

Mateus Bonilha Mendes

Andradas/MG

Caos em Poesia

Que o amor nos salve!
Que o amor nos salve...
Que o amor, também,
Vença o ódio,
Cure os enfermos,
Abrace os desacreditados,
Mude os desalmados,
E salve os poetas.
Não nos renderemos,
Não importa o que aconteça!
Continuaremos a lutar,
Salvaremos almas amarguradas,
Tentaremos nosso melhor mostrar,
E amaremos pessoas desacreditadas.
A poesia nos dá asas,
A literatura nos dá palavras,
As crônicas fazem nossos dias,
Os contos são as pedras de nossa avenida,
A fantasia nos acolhe,
E o nosso mundo fantástico perdura.
Se não for revolução, é arte.
Se não conseguirmos, faz parte.
Se falhar duas vezes, tentaremos a terceira.
Temos conosco uma certeza:
A poesia salvará as almas.
Todos nós temos uma criança interior,
Não a prive da vida:
Deixe-a gritar e chorar,
Espernear e dar beijos.
Vivemos, quando possível, apenas 100 anos.
Deixará de amar nesse tempo?
No fundo, sempre queremos mudança.
Somos todos almas revolucionárias

Presas em uma sociedade de "notas 10",
Algemadas em horas de trabalho,
Dirigidos pelo salário ganho no fim do mês,
E poucos sabem voar.
Nascer,
Estudar,
Trabalhar...
Tudo faz parte da vida, mas...
Esquecemos da poesia,
Não lembramos de amar nosso próximo,
Deixamos de abraçar os companheiro,
Ignoramos quando precisam de carinho,
Até a hora de "voar"...
Não faça tudo amanhã,
Nunca se sabe até quando este "amanhã" perdurará.
Ame hoje,
Entregue flores para a vizinha,
Saia com os amigos nas sextas,
Brinque com seus colegas,
Entregue um pão para quem pede,
Mostre o amor com toda a força:
O amor, um dia, tornar-se-á empatia.
Para acabar, relembro o que disse para minha colega:
"Disseram ser impossível mudar o mundo.
Virei poeta".

https://www.facebook.com/pequenosversosgrandesalmas

Nercy Grabellos

Rio de Janeiro/RJ

O Tempo

Ah! Estes meus versos...
Para falar do tempo,
Vivendo cada minuto
Foi uma experiência emocionante!
A missão foi cumprida.
No tempo nós caminhamos,
Sofremos e amamos.
Com as situações vividas...
Ah! Os tempos de criança,
Os folguedos e os risos.
Nos sonhos da juventude,
Quantas frustrações,
Desejos perdidos e apelos não atendidos.
O tempo não vai voltar...
Nós temos que nos conformar,
Erramos tentando acertar.
No tempo nada é permanente;
As mudanças ocorrerão sempre
Ficando no coração eternamente...

Nilde Serejo

São Luís/MA

Te Encontrei No Carnaval

Foi ali no meio de tanta gente e me sentindo só

Encontrei teus olhos na multidão

Não sei se estavam perdidos ou à procura de alguém

Mas os meus antes sem brilho pela ausência da tua face

Agora altivos para descobrir quem é o dono desse olhar que me atraiu

Acelerei os passos, mas você sumiu de vista

Talvez, se escondeu de mim por medo ou por desafeição

Sentei sozinha num banco e fiquei a ouvir a música do bloco que passava

Sim, era carnaval.

As pessoas se divertiam, riam, bebiam

Enquanto eu sangrava minhas tristezas

E soluçava com o pranto da minha dor

Ninguém ouvia, mas dentro de mim havia barulho

Arrastei-me pelas ruas amargas e com sabor de solidão

Quase cair e um alguém me estendeu a mão

Meus olhos antes tristes, agora brilhavam

Era você ali diante de mim

Sem nada dizer você partiu, me deixando ali com minhas alucinações

A rua silenciosa, todos sumiram menos eu

Que continuei vagando....

https://poesenhandoavida.wordpress.com/

Olivia Aila Marinho da Silva
Ananindeua/PA

ITÁLICO

eu me sinto estar caindo hoje. acho que pode ser por causa da corrente de vento que insiste em vir do norte e levar minhas roupas p'ro Sul, aquele vizinho safado de nome feio e tarado por roupas como ternos e minhas gravatas cor de ameixa. acho eu pode ser alguma gripe besta que me fará curvar a costa até aprender a tocar o sino de notredame por osmose, mas meu corpo todo é uma reta torta que só para nos pés retos e que nem doem, sabe, com meus vinte e poucos graus de tortura para frente. é como se meu corpo seguisse um caminho só seu que nem mesmo, eu o dono entenderei um dia, mas procurarei ignorar já que preciso trabalhar. Sento-me na cadeira já dando de cara com o teclado. Esquisitíssimo. Abro meus últimos arquivos e... Ah, então era isso.

https://m.facebook.com/?_rdr

Ovidiu-Marius Bocsa

Romênia

Além das estações

Os cavalos corriam em um campo enorme, a grama inundando
o vale triste e sedento, sempre sedento de luz,
onde eu te abraço, além das estações,
e nossas camisas brancas com flores fazem parte da natureza.

Além das nuvens, com lendas e destinos,
como queríamos ser e como somos: você é tão feliz
em frente a uma cachoeira cativante, o espelho do sol
carregando a si mesma, e além das margens, a luz das flores.

Como na série de filmes em que meu país você está:
sempre acontecem muitas coisas,
projetada como em outro tecido, em memórias estimadas;

Se pudéssemos fazer as flores sonharem, aqui
e além de sua doce tristeza ou alegria
ao longo das linhas da minha palma: desconhecido, ainda.

Pâmela Rodrigues
Garça/SP

Esconde-esconde

Joaquim não queria brincar de esconde-esconde; ignorou o convite e ficou em casa. Houve insistência, mas continuou ignorando, focado nas lições, na TV, no gato que dormia. Foi sua mãe que lhe pediu para comprar ovos: "Você quer bolo para o café da tarde ou não?", e ele queria.

Saiu de casa com o dinheiro trocado na mão. Só que, mal estava do outro lado da rua, percebeu-se observado. Colocou o dinheiro no bolso, baixou a aba do boné e seguiu para o bar; devia ser impressão. Pagou pelos ovos e caminhou desconfiado de uns passos seguidos aos seus.

Escondeu-se atrás de uma árvore e esperou. Viu pedras raspando o chão, intentando-o como alvo. Olhou para cima, nervoso, e, percebendo-se encoberto por uma sombra confidente, olhou para de onde vinham as pedras. Viu a garota a quem recusou o convite da brincadeira. Como continuavam a vir pedras, sacou os ovos da sacola e um, dois, três, todos foram arremessados em direção à garota, que recuou, rindo.

Joaquim voltou para casa sem graça. A mãe lhe indagou sobre os ovos e o dinheiro, mas, apesar da sacola vazia, não entendeu que ele não queria brincar de esconde-esconde.

Patricia Hradec

Guarulhos/SP

O Ballet

Ele era uma pessoa boa, gostava de fazer o bem para os outros, mas era um ogro em matéria de cultura, um verdadeiro troglodita. Nunca tinha ido em nenhum recital, muito menos numa apresentação de ballet.

Depois de tanta insistência, decidiu fazer o gosto de sua amada e, como uma criança à espera de um doce, nem conseguiu dormir direito, estava ansioso para o que veria. Quando chegou a hora, estava todo arrumado com a sua melhor peça de roupa, uma bonita camisa branca e uma calça de sarja verde exército, não tinha roupas requintadas, mas essa era a melhor que possuía.

Às 8 horas, em ponto, estavam chegando no belíssimo teatro. Ele parecendo criança, vendo um parque de diversões pela primeira vez, tentava se conter para não dar pinta de que nunca havia ido ao teatro.

Rapidamente, conseguiram chegar aos lugares comprados. Se acomodaram e pode ver que seu lugar era privilegiado, conseguia ter uma visão panorâmica de todo o palco.

Ao toque das 3 campainhas, o espetáculo iria começar. Renato ajeitou-se na cadeira, ansioso para o início. Lúcia olhou para ele complacente e num gesto doce, colocou sua mão em cima da dele. Os dois estavam radiantes.

Lúcia era o oposto de Renato, era cultural, adorava teatros, espetáculos e shows. Renato era muito caseiro, mas foi Lúcia que o convenceu a assistir o teatro. Ela achou melhor um clássico e, como era época do Natal, o melhor espetáculo para assistir era "O quebra nozes". No caminho, ela já tinha dado uma prévia da história para garantir que seu amor não ficaria completamente por fora, explicou sobre a música, sobre o enredo, e ainda comentou as muitas versões que já tinha assistido.

Silêncio, escuridão, o espetáculo iria começar... Primeiro a música suave, depois os bailarinos ensaiados, um a um rodopiando no palco. Era algo lindo de se ver.

Mas passados 45 minutos, a música já estava funcionando como se fosse uma cantiga de ninar e Renato não conseguiu conter o sono. Tentou de tudo, se ajeitou na cadeira, levou a mão no rosto, chupou balas, mas nada conseguia fazê-lo prestar atenção. A única coisa que conseguia era pensar nas notas, uma a uma dedilhada a embalar seu sono.

De repente, entregue à Morfeu não conseguiu resistir, a cabeça tombou e num átimo de segundo, bambeou e acordou com sua própria ginga, alheio ao espetáculo. Lúcia não entendeu o que havia acontecido, olhou num misto de reprovação e espanto.

O espetáculo seguiu e Renato novamente travou a luta contra Morfeu, resistindo bravamente, conseguiu prosseguir por mais uns 15 minutos. Mas logo o deus do sono, renovado das forças, foi implacável e fez com que nosso herói tombasse de vez, e num súbito momento, soltou um ronco cadenciado e alto.

Lúcia, horrorizada, deu um cutucão em Renato. Os outros espectadores dividiam opiniões, uns meneavam a cabeça em desaprovação e outros eram alheios ao que acontecia.

E finalmente o intervalo, Renato deu graças a Deus. Agora podia levantar, andar e comprar um refrigerante. Mas já pensava nos próximos 60 minutos que ainda teria que aguentar firme.

Vislumbrava o término da noite num afã de sossego, afinal tinha trabalhado o dia todo e especialmente hoje não tinha sido fácil. Correu de um lado para outro levando documentos em diversos lugares, mas sabia que amanhã poderia descansar e dormir até tarde por ser sábado. Contudo, hoje ainda tinha trabalho a fazer: agradar sua amada Lúcia que estava com cara de poucos amigos, por conta do episódio do ronco.

Novamente as campainhas indicavam o início do espetáculo. Renato já foi se acomodando na poltrona e rezando para que não tivesse outro episódio

constrangedor de ronco e sono. Mas, com aquela música do Quebra Nozes de Tchaikovsky, era difícil não estar nos braços de Morfeu.

Passados trinta minutos do 2º ato, Renato feliz da vida por estar desperto e alerta, começou a prestar atenção nos pés dos bailarinos e bailarinas rodopiando pelo palco.

Num determinado momento, dando graças a colheita e a fartura da família, os bailarinos dançavam com cestas de batatas, rodopiando e fazendo as coreografias.

Um destes cestos estava furado, o que ocasionou a queda de uma batata média. Um bailarino que vinha atrás, no desespero de alguém torcer o pé na batata, o que seria o fim da carreira artística, deu um chute vigoroso que fez com que ela rodopiasse no ar e batesse bem na poltrona que Renato estava. Por sorte, ele estava desperto e rapidamente conseguiu se desvencilhar do objeto voador.

Lúcia olhando assustadíssima, deu um sorriso torto e acariciou as mãos de Renato. Nesse momento, ele agradeceu todos os santos e deuses das artes por não ter dormido. O ballet continuou e tudo correu de forma tranquila e esperada.

Ao término, Lúcia quis saber sobre as impressões de Renato. Ele, de modo eloquente, disse que havia gostado do espetáculo, mas que tinha ficado muito assustado com o acontecido. Achou melhor, da próxima vez, não sentar tão perto do palco, principalmente se a dança tivesse objetos cênicos.

patriciahradec@gmail.com
https://www.facebook.com/patricia.hradec.1

Paulo Cezar Tórtora
Rio de Janeiro/RJ

Mansa Loucura

Meu bairro é feito de loucos.
Ardendo entre gritos roucos ensandece sem descanso.

Salvam-se só alguns poucos e eu sou o louco mais manso.

Entre páginas rasgadas e folhas imaculadas,
numa guerra sem quartel jogo a alma em pinceladas
sobre o branco do papel.

Minha vã arquitetura quer transmutar em ternura
o bairro e sua agonia.

— Doce e ilusória loucura
que sonha em ser poesia.

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Festa de Santa Luzia: Crônica de uma Tragédia Anunciada

Correu o boato em Serra do Alto de que Petrônio de Augusto ia à festa na casa de Mariano de Tibúrcio. A notícia ganhou pernas e invadiu todo o arraial. E o pior que se soube: Petrônio prometeu que ia dançar com a mulher e a filha do dono da festa. Bastou Mariano ficar sabendo, para o sangue lhe correr quente pelas veias e subir prá cabeça. Logo de chofre disse: "Nunca fui homem de sair por aí caçando briga, mas também num rejeito parada." E esparramou por tudo quanto foi canto de lugar, que era pra chegar nos propósitos dos ouvidos de Petrônio de Augusto de que ficasse sabendo que em seu terreiro ele num pisava. Quando Petrônio passou a saber a coisa começou feder a desgraça, pois quase que ninguém vai a festa que o Petrônio cria desavença com gente da casa.

Os pensares iam e vinham em busca da razão, de saber e falar, permitindo a todos a alegre liberdade de comentar o que quisesse, como quisesse, procurar, indagar, achar isso ou aquilo, tudo se dizia em Serras do Alto. O povo logo tomou as rédeas da história, enfiando os fatos contados pela

memória e guardando. Os mais chegados a Petrônio sabiam do modo que ele era: não era homem de muitas alegrias, mas falador, de língua solta, falava o que bem queria e sempre muito arreliento, criador de encrencas por quase nada. Alto e robusto, do tipo claro avermelhado, olhos esverdeados. E como se diz, tinha uns desacertos na cabeça. Como é dito por aquelas bandas: fardo que trazia de outras encarnações, pagador de outras vidas. Petrúquio de Aquino que conheceu ele desde menino é que sabia contar direito o desatino que é a vida de Petrônio. Quer dizer tinha sinas prá cumprir.

Já, Mariano de Tibúrcio, era quieto, bom filho, bom pai de família. Era um homem miúdo, mas bom de serviço. Era também uma sina que carregava viver sempre numa meia miséria, embora sempre com o que do de-comer. Um dia cismou de trabalhar diferente, de modo a ver se mudava um pouco de vida. Largou de banda o trato com a terra, inventou de cuidar de abelhas, fazer mel e cera. Hum, cum, cum!.. Foi dessa vez que se deu o mal: um enxame de abelhas traiçoeiras pregou-lhe o ferrão nos olhos. Quase que o cegando completamente dos dois olhos. Foi dona Amélia, sua mãe, quem lhe acudiu na hora certa. Fez promessa com Santa Luzia para que lhe salvasse nem que fosse um olho. Foi assim que Mariano ficou com um olho apagado, outro aceso. D'aquele dia diante teve de cumprir a promessa: fazer uma festa todo dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, a gloriosa protetora das vistas.

Promessa pedida, promessa alcançada, promessa paga. Mandou avisar, mundo, remundo e todo mundo prá festa. Essa era especial fazia dez anos da graça alcançada. O convite foi feito casa por casa, sítio por sítio, de a-cavalo e de a-pé. Os recados de boca a- boca corria todos os povoados sobre a festança. E festa em casa de Mariano tinha de tudo: rega-bofe de buchada de bode, cachaça de quartinha, biscoito de goma e forró até o sol raiar; com cantador de coco, sanfona e zabumba, que não era de faltar. Foi Mariano chamar pessoalmente, de corpo presente, convidar Petrúquio de Aquino, Marcelino, Quintino de Moura, Quincas de Joaquina. Todos foliões de Santo Reis. Sem esquecer os sanfoneiros: Zezinho de Zefinha e João de Maria.

Não houve moça donzela que não tenha preparado um vestido cintado, broches, água de cheiro e sapato de *sarto* alto e bico fino; nem mulher que não brigasse com o empeiticado do marido prá deixar elas irem também. Nem houve rapaz solteiro que não arrumasse sua camisa de manga comprida, com o botão atacando até o gogo do pescoço, e brilhantina para os cabelos. Tião de Marçal comprou até chapéu novo.

No dia exato da festa, Mariano acordou cedo, fazia só meia hora do primeiro canto dos galos. O dia amanheceu ensolarado como era de sempre. Começou por varrer todo o terreiro, prá depois enfeitar com as bandeirolas, mas

antes já soltou uns foguetes que era prá acordar todo povo da roça, anunciado que o dia ia ser comprido. E deixando avisado que naquele dia e noite o mundo todo ia ser ali, no seu terreiro. Dona Josefa, sua mulher, e dona Amélia, a mãe, já estavam preparando o andorzinho com o retrato de Santa Luzia com o olhar caído em tom de piedade; na mão esquerda um raminho verde de oliveira; na mão direita um prato com dois olhos de vidro, claros e vivos; ao derredor dos pés, cercado de flores: acácias, cravos, rosas e fitas multicoloridas de azuis, brancos, amarelas e encarnadas.

O dia ia passando, os comentários crescendo. Aquele dia 13 já começava a se pintar de história. Petrônio de Augusto num era homem de tratar e num fazer. Quem dele não ouvira falar? Ser causador de muitos tiroteios, com dezenas de mortes nas costas, era de igual maneira os pistoleiros dos oestes americanos, dizia uns. Acostumado a acabar com baile por simples repelão que alguma mulher lhe passasse, ou qualquer disse-me-disse. Já Mariano de Tibúrcio é do tipo de valente que num alardeia. É sem fanfarronice. Sangue de Tiburtino, infiticado igual de cobra, frio. Era só mexer com ele.

Dona Josefa, sua mulher, nova e bonita prá danar, mãe de Luzia, de mesmo nome e beleza de santa. Que, por aqui num se sabe d'onde é que vem esse costume de igualar boniteza de santa com a lindeza das mulheres. Estavam todas prá lá e prá cá arrumando o que ainda faltava para arrumar: o terreiro liso passado e repassado na vassoura de assa-peixe, coberto na frente da casa com folhas de bananeira verde e folha de eucalipto para dá cheiro à festa. Um bando de candeias só esperando ser acesas. As mulheres cuidavam de tudo. Quando já começavam a correr os boatos pelo mundão de Deus: Petrônio já vinha vindo estrada adentro com sua cambada, mas num era não. A tarde vinha se debruçando, caindo lenta. Petrônio de Augusto também tinha as posses dele: nessas horas tava dando do de-comer a seus porcos, suas galinhas, mas logo, logo ia botar suas calças, vestir suas botinas, carregar sua pistola, afiar o facão, tomar de-banho, passar uma brilhantina cheirosa, pentear os cabelos prá trás; tava só esperando a boca-da-noite chegar.

A noite já tinha engolido o dia, quando Mariano pipocou mais três dúzias de foguetes relampejantes que era para estrelar os céus, prá depois irem caindo rápidos e abertos, sumindo no espaço, uma beleza. A noite se mostrava fresca. A fogueira monstruosa no meio do pátio, as labaredas indo prô alto do céu, tinindo, estralando de lenha queimada, e o alarido do povaréu já chegado. A cada instante aparecia mais e mais gente no finito da estrada. E as conversas no terreiro só se falava no Petrônio, do seu corpo fechado. Disso todo mundo sabia: nem tiro de escopeta podia com ele. Até lembravam de quando deram dois tiros no tampo da

cara dele, mas que passou raspando, indo fazer um rombo na parede, por ele só passou o vento da bala.

Daí em diante já vinha chegando os sanfoneiros e cantores de coco, aquela era uma grande reunião de tanto repentista. Bem antes de começar o arrasta-pé os músicos forrozeiros esquentavam os instrumentos**:** Zezinho de Zefinha e João de Maria afinavam as sanfonas, Do Carmo limava o triângulo e esticava o couro da zabumba, Amaro chacoalhava o maracá, Zé de Riba o ganzá.

Ao começar os primeiros acordes, as moçoilas já dançavam no meio do salão de terra batida, com a plateia assistindo sem comentários o rebolar delas, mostrando os fundilhos da calcinha por baixo da saia rodada. E já se ouvia o vozerio do ladairo que se aproximava lentamente entoando as orações, os ora-prô-nóbis e as invocações de respostas curtas e repetidas. Era a procissão que se organizava para dar a volta pelo povoado. Era o prenúncio da festa.

Nisso um tropel de animais afobados foi maior que o barulho das zabumbas: trac-a- troc, trac-a-troc, trac-a-troc... Parecia ser muitos pela latomia dos cachorros, e eram mais de vinte. De longe avistados, os cavalos marchadores de anca mole, num tipo de dança. Vinha que vinha comendo poeira, afoitos. Até que chegaram, apearam e amarraram a cavalhada empareada um com os outros num lado da casa. Já entraram no pisando do xaxado.

Mariano aproveitou o rebuliço para soltar mais um tanto de fogos. As rezas já se principiava e a procissão ia sair. Foi daí a pouco que a notícia correu: o homem vinha vindo. O rebuliço foi geral, mas o sanfoneiro não quis parar de tocar não, emburrou detrás da sanfona. O do triângulo aprumou o ritmo. Mas por um tempo não se pensou em Petrônio. Até chegar outro boato, quando o corre-corre atrapalhou as gentes lerdas! O tinhoso podia chegar dando tiros a torto e a direito, de desmiolado que era. Antes disso se assuceder o terceiro boato correu depressa. Ele vinha vindo dessa vez, e era verdade. O homem trazia uma cambada mais ele. Aí sim: o povo *frifriou*. Os músicos dando fé logo parou.

As mulheres trataram logo de pegar os meninos e sumir com eles dali, Josefa arrastou os filhos pelos braços terreiro a-fora atrás de Mariano. Mas sem encontrá-lo, pois já estava amuquecado, na espreita, para o que desse e viesse.

Quando é fé Petrônio mostra a certeza da chegada no alarido que trazia. E o pior mesmo: ele num vinha sozinho, parecia que tinha era um cangaço. A festa se desnorteou. O povo se bulia igualmente formiga, pois a iminência era de que ali iria ocorrer a peleja de Deus e o Diabo no terreiro de Santa Luzia! O mistifório de gente era grande. De longe ainda, mas já se ouvia o tropel: trac-a-troc, trac-a-troc, trac-a-troc se aproximando cada vez mais, quando apareceram na ponta da estrada empoeirada: Dandão dum lado, Bentivi do outro, no meio, o homem

montado num alazão chapeado a quatro-pé, já sem muita pressa. Pressentiram o espírito da festa de longe. Quando gritaram para acordar a afoiteza, mas é como lá se diz: "formiga quando quer se perder", cria asas. Vinha vindo os três cavaleiro da frente desfrutando do vento, mas segurando os chapéus, se contorcendo conforme a andança da cavalariça, trac-a-troc, trac-a-troc... Ao adentrarem o terreiro deram três voltas na fogueira, de chicotes para o alto, açoitando o ar.

Acalmaram-se e se aproximaram. Os sopros dos cavalos cansados de tanto desatino chegaram à frente da casa, no cercado, próprio para os animais. Petrônio em pose impressionante, espigado na sela, assim, meio tombado prá trás, deu umas esfregas no cavalo, prá-lá, prá-cá, prá-colá, fazendo o alazão rodopiar nos cascos. E arrastando as esporas e batendo na coxa direita com o rebenque, foi logo dizendo:

— *Buenas* eu agora me espáio! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de táio!

Fez bonito, cheio de imponência. Pulou do alto da montaria. Caindo de pé. Dava pra sentir o peso da arma no cinturão, meio prá baixo, no ponto da mão. Dandão e Bentivi imitaram o chefe, os olhos vermelho de cachaça, Petrônio, então, gritou bem alto, com sua voz rouca:

— Êta belezura de festa minha gente! Que Deus Nosso Senhor esteja nesta casa!

Ele era mesmo desse jeito, às vezes, alegrão!

Foi quando Mariano veio se achegando dos fundos, uma mão segurando o chapéu, a outra por perto da garrucha de dois tiros, e disse sem rodeio bem de frente prô homem:

— Petrônio de Augusto, dizem que vosmecê tem o corpo fechado, mas isso é por parte do capeta. E eu tenho um olho aceso por conta de Santa Luzia, entonce infeliz, cê num pisa no meu terreiro não, que cê fica estendido nele...

Nisso vem se chegando dois camarada de Mariano, cada um com um pedaço de pau e uma foice em cada mão. E se defrontaram prá os cabras de Petrônio.

Petrônio num deu nem trela para os cabras que se achegaram. Mas no resguardo se fez de bem educado, e se expressou dessa forma:

— Ô meu senhor dono da casa, o senhor falou bem bonito, mas se aquete seu *Marianin*, eu num vim prá briga, não. Tô aqui com espírito de brincante, pois fiquei sabendo que era festa prá Santa Luzia que, se prá vosmecê lhe deu a luz dum olho, prá mim ela alumia os caminhos, e que por-tanto muito boa é prá mim, vim aqui só da minha parte de devoto. Por isso lhe peço que sem má

querença aceite meu respeito e possa, com meus camaradas adentrar sua casa e com cês participar dessa festa tão belíssima, porque eu também trouxe uma coroa de flores e um pacote de vela, dois pacote de rojão e um lacrimoso, pois que tenho também uma promessa devida. Aceite, porque é de muito gosto e devoção.

Com essas adocicadas palavras, o povo não tinha mais do que desconfiar, e logo começou a voltar aos poucos, os músicos um tanto desconfiados, principiaram a tocar.

A noite se passou de madrugada adentro e, com o sol já raiando, a sujeira da festa no chão, eles todos juntos numa camaradagem só tomando café quente com leite de cabra, biscoito de goma, broa de milho, manguzá e cuscuz no leite de coco, mais Mariano de Tibúrcio e Petrônio de Augusto, tudo na paz dos homens. Ficando Deus e o Diabo apartados num canto.

E todo esse afrontamento ficou só na memória de cada um.

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.5

R. Sofia

Teresina/PI

Sangue Que Seca

Eu bebo
O batuque
De um sangue que corre
Escorre, ressaca, retorce
Um sangue vermelho
Da pele queimada
Do sol da baixada
Que baixa a enxada
Que batuca um xote

Respiro
O colorido
Dos calos das botas
Bota, encurva, entorta
As mãos amarelas
Golpeiam as terras
Se juntam às velhas
Aos pés das janelas
E as cantigas de porta

Ouço
O amargo
Do sertão que arde
A tarde, a morte e a parte
A campina verde
A seca lhe amputa
Sua foice labuta
Na lida, na luta
Estuda, menina matuta
A roça não vem com arte

Eu sigo
A textura
Do pai que ali ora
Demora, escora, chora
Mas deita a espora
No cavalo e na sorte
Arreia seu jegue
Já velho e sem porte
O cansaço é de morte

O sertanejo é
Contudo
Antes de tudo
Um forte

https://www.instagram.com/ca_entre.nos/
@ca_entre.nos

Raimundo Nogueira Soares

Curitiba/PR

Dia da Saudade

A saudade mata a gente, morena. A saudade é dor pungente, morena, branca, negra, loira, ruiva. Saudade de todas, de cada mulher que me fez tão bem. A saudade é o revés de um parto, coisa difícil de se imaginar. A saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu, coisa já vista, já sentida, tantas vezes.

Saudades de mãe, de pai, de tios e primos queridos que já se foram. Saudade do tio Gilson, que me levou pela primeira vez ao estádio para ver o Dadá Maravilha. Quantas saudades já senti! Saudade da carambola de Dona Cecília, saudade do cajá-manga da fazenda, do jambolô de Lucinda (que saudade dela!). Saudade da textura, do cheiro e do sabor de cada goiaba, de cada manga, de cada pitanga da infância.

Uma saudade especial é de pai me colocando no colo e oferecendo, com amor e carinho, os cubos da cana do quintal de casa. Aquela cana que ele sempre plantava e colhia. E que depois descascava e cortava em cubinhos para oferecer aos meninos. E que cada filho chupava no inverno, quentando sol perto da venda.

Saudade, palavra triste. Saudade é solidão, é melancolia, é nostalgia. É tudo isso e mais um pouco. É tristeza também. Porque quem tem saudade sabe que não terá mais a cana, a pitanga e os pais, e o namoro de volta. E não ter volta é triste demais.

Saudades de Minas, da turma e do tempo da faculdade. De cada lugar, cada cidade por onde passei, e das pessoas desses lugares. Quem vive vida cigana tem saudade em todo lugar. Em Curitiba, saudade de Londrina. Em Londrina, saudade de Belo Horizonte e do Almeida. Em Belo Horizonte, saudade de Curitiba. Que saudade de duas moças fazendo serenata na última madrugada em Telêmaco Borba: amigas para sempre!

A saudade também corta como aço de navalha. Que saudade de jogar bola, de brincar de vôlei e peteca, e de jogo de botão. Saudade de correr, saudade até de nadar e caminhar. Que saudade danada de viver a pleno vapor, saudade de beijar, de namorar.

Saudade de você, que fez a encomenda e que talvez ainda leia esses escritos. Aceite a crônica, ainda que tardia.

Bom dia, tristeza. Vai lá e diz a cada pessoa e a cada lugar, a cada sentimento e momento. Vai lá e diz que sinto a distância que me separa desses lugares, desses momentos e dessas pessoas. No dia da saudade, com a homenagem e todo o respeito à palavra-sentimento, lusitana e intraduzível, o coração magoado é quem diz: chega de saudade!

Regina Ruth Rincon Caires
Campinas/Araçatuba/SP

Vicentão, o semideus

Vicentão, caboclo indecifrável, sentia-se velho. Cansado, agigantado. A voz grossa soava quase ininteligível, era um sussurro entrecortado por pigarros e tosse. Mas as filas continuavam, desmedidas. Ainda penaria por vários anos. Não compreendia se a missão era bênção ou castigo. E não podia parar. Enquanto acordasse, enquanto entendesse o dia e a noite, seria o estandarte de fé, a crença, o fiapo de esperança daquela gente. Sabia da sentença. Ninguém, mais que ele, conhecia a pesada realidade. A verdade pura, sem cisma.

Havia tanto tempo desde o começo de tudo... Só os velhos moradores testemunharam. Do dia para a noite, ele apareceu por aquelas bandas vindo não se sabe de onde. Era fala corrente de que descera lá das terras de Lampião, mas ninguém afirmava. Precisava ter peito para cravar isso.

Ainda era homem novo, encorpado, de pele muito escura, com pesadas roupas recendendo a suor que, em segundos, impregnavam o recinto. Fedentina avinagrada. Mãos imundas, unhas de pontas amareladas. Boca negra sempre a mascar fumo-de-rolo. Olhos esbugalhados, de um verde fogueado, que pareciam penetrar nos pensamentos daqueles que os fitavam, ainda que quase encobertos pelo largo e ensebado chapéu. Razão pela qual, ninguém do povoado o encarava. Era olhar e baixar os olhos.

Malocou-se na beira do riacho, do lado da estrada. Abrigo de pau trançado, folhas de bacuri, tudo amarrado com cipó. E tinha Jurema, amigada. Moça sacudida, de longos cabelos negros e de feitio arisco. Pouco era vista. Nunca se afastava do trecho.

Vicentão só aparecia na corrutela quando precisava de arroz, feijão ou cachaça. As misturas da comida ele tirava do rio, do mato. Estranho era que ele não trabalhava. Ninguém compreendia como conseguia viver sem ganhar. E não era por falta de serviço! Ali, no povoado, havia muito serviço nas roças. O pagamento era tacanho, mas chegava.

Desde que o estranho homem imbicara por ali, tudo foi mudando. A vida já não era a mesma. De início, todos tentavam ignorar. Nada de fazer qualquer ligação das diferenças entre antes e depois do aparecimento de Vicentão. Ninguém queria pensar nisso. A prudência mandava afastar tal pensamento. Era visível que as portas das casas já não ficavam escancaradas, os portões viviam trancados, as noites passaram a ser temidas. Coisas estranhas, que só eram percebidas de dia, aconteciam à noite.

Com o decorrer do tempo, o coveiro reparou um aumento acentuado no número de corpos que enterrava. Quase sempre mortes violentas, sem explicação convincente. Quedas de cavalo, enforcamentos, corpos encontrados em lagoas, acidentes com facão, com foices. Assim morreram muitos sitiantes, pequenos agricultores.

E Vicentão continuava vivendo à beira do riacho. Vida de bicho. Engordava a olhos vistos, estava enorme. Em poucos anos, podia-se notar que ganhara o dobro do peso. E tornou-se pai de três bruguelos. Tudo macho.

De repente, sem alarde, passou a viver num pedaço de terra que lhe foi cedido por um grande fazendeiro. Ganhou casa, móveis, horta, porcos, galinhas... Uma vida de gente. Jurema cuidava da lida, plantava, e o excedente era vendido no povoado, por Vicentão. Usava uma carroça que gemia pela estrada. Dava dó do pobre animal a puxar todo aquele peso.

Além de vender sua mercadoria, passou a fazer orações em voz alta. Passava pelas ruelas a dizer boas novas, invocando as graças de Deus e dos santos da arcada celestial. E aquilo foi virando costume. Os menos afortunados, os mais desavisados, aqueles que se sentiam fragilizados e esquecidos pela salvação, encontraram sintonia nas palavras ditas por aquele vozeirão. Aproximavam-se e rogavam por uma reza, uma orientação, uma benzida. E, como tudo que afaga a esperança dá um sopro de vida, os moradores, enlevados, afirmavam que o filho havia reagido à doença, que a tosse havia cessado, que o ânimo havia arribado. Enfim, as rezas foram se avolumando. O povoado todo aguardava ansiosamente a chegada do Vicentão verdureiro.

As mortes diminuíram assustadoramente. Não pelas bênçãos recebidas do estranho homem. Antes disso. Mas ninguém tocava no assunto. As cismas não foram esquecidas, foram guardadas. Quem ousaria dizer numa prosa que desconfiavam que houvesse, por ali, um matador de aluguel?! Estava bom daquela maneira, não importavam as circunstâncias. Ao coveiro sobrava mais tempo de cuidar de outros afazeres. Modorrento, até cochilava nas tardes mornas.

Ao mesmo tempo em que ocorria a ascensão da fama de benzedor, Vicentão ia ganhando peso. Ganhara um corpo tão assustador, tão desproporcional que já não conseguia andar. Os joelhos não suportavam o peso, os pés inchados, esparramados, não coordenavam a caminhada. E, assim, também o serviço de vender a produção ficou a cargo de Jurema e dos meninos.

Vicentão já não arredava pé do sítio. Aliás, quase não arredava pé da imensa cadeira. E a casa passou a ser destino de procissões de fiéis. Filas diárias. Bastava raiar o dia, os crédulos iam chegando. Traziam doentes, crianças, pertences. Comum era o benzedor fazer uma oração tendo em mãos uma camisa, uma calça, uma veste do doente. Na ausência, o pedido de cura era endereçado ao dono daquela peça. O segredo era, depois, vestir o enfermo com aquela roupa, sem que fosse lavada.

A figura do benzedor, envolto em roupas brancas, com o peito coberto por profusos colares, quase estático na penumbra daquela sala toda enfeitada com flores de crepom, de imagens e quadros de santos, de velas acesas, era o retrato de uma entidade. Impossível mensurar a importância daquele homem na vida dos peregrinos. Era sagrado. Divindade. Nunca era questionado. Os incautos o veneravam. Os incrédulos ficavam calados, simples assim. Era um respeito velado.

Muitas vezes, era visto como o próprio Deus a distribuir curas e milagres. Não era o intercessor, era o Rei. E as súplicas eram segredadas, os louvores eram cantados, a esperança, que transcendia a razão na presença Dele, era aspirada.

O povoado criou fama. Passou a ser lembrado na região toda, até mesmo nas cidades grandes. As caravanas chegavam aos montes. A peregrinação trouxe vantagem aos moradores. A vida melhorou muito. O povoado estava vistoso, cheio de vigor. Havia serviço de rádio, fábrica de vela, os moradores estavam até confabulando sobre abrir uma gráfica. Os santinhos encomendados nas cidades grandes saíam a preço muito alto, o lucro era pouco.

E chegou o serviço dos Correios. Dos bancos. E começou o asfalto. Brotaram novos empreendimentos, pousadas, bares, restaurantes. O povoado virou uma cidade. O progresso, conduzido por aquele forasteiro misterioso, foi galopante e atravessou décadas.

Vicentão, caboclo indecifrável, sentia-se velho. Cansado, agigantado. A voz grossa soava quase ininteligível, era um sussurro entrecortado por pigarros e tosse. Mas as filas continuavam, desmedidas. Ainda penaria por vários anos. Não compreendia se a missão era bênção ou castigo. E não podia parar. Enquanto acordasse, enquanto entendesse o dia e a noite, seria o estandarte de fé, a

crença, o fiapo de esperança daquela gente. Sabia da sentença. Ninguém, mais que ele, conhecia a pesada realidade. A verdade pura, sem cisma.

E como penou. A jornada tornara-se arrastada e, caprichosamente, sugava dele cada fagulha de ânimo que brotava nem sabia de onde. Verdadeiro calvário.

E num começar de dia, igual a tantos que passara por ali, com os olhos cansados mirando a interminável fila de inocentes, Vicentão dobrou-se diante da vida. Uma vertigem, uma tremura esquisita, queimação insuportável no peito. A sororoca foi curta. Sem tumulto, sem sobressalto, partiu. A notícia saiu porta afora e todos se puseram de joelhos. Sem alarido, serenos.

Jurema, a eterna amigada, sabia dos desejos do benzedor. A cama de casal fora levada para os fundos da casa, colocada na sombra da figueira. Ali ele seria velado e ali seria enterrado. De início, todos ficaram apavorados com o carregamento do corpo até lá. Como levar aquele despropósito de cadáver até o terreiro, e como enterrá-lo?!

Todos os homens se apresentaram e ficaram planejando a remoção. Quem seguraria os braços, as pernas, os pés, a cabeça. O corpo! Era uma multidão girando em torno do defunto tentando achar o jeito mais acurado para o carregamento. E o susto foi geral. Na primeira tentativa perceberam que o corpo era leve feito paina. Não exigia força alguma para levantá-lo. Ficaram calados durante todo o trajeto até à figueira. Arranjado o corpo sobre a cama, todos rezaram em silêncio. Até na hora da morte, Vicentão tirava cartas da manga. Era criador de cismas. Soube, como ninguém, brincar com a vida. Ou com a morte. Ou com a fé.

Sepultado ali mesmo, sem qualquer encravo, fez do túmulo o seu santuário. Santuário do corpo. A alma? Sabe-se lá por onde anda... Os moradores antigos até têm cismas, mas ninguém tem peito para cravar.

Ricardo Ryo Goto

São Paulo/SP

Bem-Aventurados os Mansos

para Márcia, que me ajuda a lembrar do que precisei esquecer

"É assim que os poderes espirituais fazem a História, escrevendo-a primeiro na memória e no coração dos seres que devem, por assim dizer, materializá-la no plano humano."-Reencarnação e imortalidade – Hermínio Correia de Miranda.

"Não tente mudar o mundo. Você falhará. Tente amar o mundo. Então, eis que o mundo estará mudado, mudado para sempre." - Meditação – Sri Chinmoy

Tal como as utopias(1) imaginadas pelo ser humano, seriam as catástrofes anunciadas mera elucubração mental, fruto das almas pessimistas aliadas a corações depressivos, adeptas do "quanto pior melhor" ? Seriam, enfim, profecias auto realizáveis (2)?

Deixados ao bel prazer, a caprichos e exercícios de raciocínio, todos podemos confeccionar histórias e desfechos para nossas vidas tendendo ora para o bem ou para o mal sem que a realidade sinta-se na obrigação de trilhar essa ou aquela via por maior que seja a autoridade, conhecimento ou vontade de quem quer que esteja se manifestando ou opinando.

Depois que Thomas More criou o termo Utopia ao escrever seu livro homônimo, retratando uma sociedade ideal onde os homens viviam felizes, outros homens descreveram as mais diversas distopias (3) apontando o lado sombrio da vida (1984, Admirável mundo novo, Laranja mecânica, Blade runner, Robocop, Fahrenheit 451, Matrix, Planeta dos macacos, Mad Max, O exterminador do futuro, O livro de Eli, etc).

Embora o Marxismo tenha apregoado o advento do paraíso na terra com a instauração do Comunismo, a experiência malograda do socialismo real veio contradizer essa expectativa.

Não é o caso de fazer a contabilidade das opiniões pró ou contra, decidindo por decreto para onde caminha a humanidade.

Porém se as previsões estiverem corretas, o desenvolvimento técnico-científico, utilizando recursos como a inteligência artificial, fará despencar o nível de emprego no mundo todo, extinguindo várias profissões, deixando sem

ocupação milhões de pessoas que, mesmo adequadamente re-capacitadas, não serão totalmente absorvidas nos novos perfis de trabalho que ainda estão por se criar, aumentando exponencialmente o exército industrial de reserva,

Provavelmente as massas trabalhadoras reagirão contra essa tendência inexorável, tal como durante o ludismo (4) , mas nada freará essa marcha.

Depois dos anos de guerra fria (5), onde vivíamos sob o temor da destruição nuclear, corremos hoje o sério risco de amargar anos de perturbações ambientais ocasionadas pelo aquecimento global - fruto do consumismo desenfreado - sofrendo com a intensificação das secas, inundações, tufões que, por seu lado, criarão um contingente incomensurável de desabrigados, sem-teto e sem-terra, refugiados ambientais, além dos refugiados de guerra, deflagradas pela disputa por bens indispensáveis como água e alimento.

Por que, paradoxalmente, ao buscar um mundo melhor estamos tornando-o mais poluído, menos sustentável, menos inclusivo ?

Dizem nossos mentores espirituais que a Terra está passando por um momento de transição: de mundo de expiação e provas, para um de regeneração.

O que isto significa ?

Um planeta de expiação e provas se caracteriza por ser um local físico onde seus habitantes, em sua maioria estão cumprindo existências destinadas a resgatar débitos de vidas anteriores, ou seja, pagando seu "carma". A maioria dos seres humanos nesses locais tem nível de evolução moral baixo, por isso cometem muito mais erros, crimes e outros que tais.

Já um planeta de regeneração é aquele onde a maioria dos habitantes já evoluiu para um nível mais alto de consciência e moral, cometem menos erros, são mais predispostos à prática do bem.

Se o planeta Terra está se transformando radicalmente, qual a consequência disso ?

Os espíritos desqualificados para viverem nesta nova situação, deixarão de reencarnar aqui mas terão oportunidades em outros planetas de expiação e provas (inferiores, portanto, à Terra do ponto de vista moral). Para herdarmos a Terra, seremos escolhidos com base em critérios espirituais e não materiais.

Ou seja, o lote de espíritos que irá desencarnar e não voltará a esse planeta talvez inclua todos esses humanos que morrerão à míngua após perderem sua fonte de renda com a aceleração dos processos tecnológicos, aqueles que sucumbirem diante das desordens ambientais e os que tem se dedicado a perpetrar o mal sem nenhum remorso e arrependimento.

Estaria o próprio homem - perdulário, consumista e egocêntrico – ajudando os engenheiros siderais(6) a atingirem seu objetivo em relação ao nosso planeta – a "faxina espiritual" ?

A professora Vida tem nos avisado para não sairmos da aula antes de bater o sinal , para que aproveitemos ao máximo suas lições. Estamos aproveitando ?

Perplexos entre a possibilidade de destruir a vida humana no planeta ou iludidos pela esperança de conseguir manter condições mínimas para nossa sobrevivência seguiremos estudando na classe dos alunos repetentes ou na dos que passaram de ano com distinção e louvor ?

Quem viver, verá.

(1)Utopia-um lugar que não existe, onde impera a felicidade e harmonia entre os indivíduos

(2)profecia auto realizável- prognóstico que, ao se tornar uma crença, provoca a sua própria concretização

(3)Distopia-antítese da utopia

(4)Ludismo- movimento de trabalhadores ingleses do ramo de fiação e tecelagem do inicio do século 19 que protestaram destruindo máquinas

(5)guerra fria-período entre 1945 e 1991 onde EUA e URSS disputavam a hegemonia ideológico- politico-militar junto a seus aliados

(6)Engenheiros siderais – entidades espirituais de elevada hierarquia no Cosmos que interpretam e plasmam o pensamento de Deus na forma dos mundos e de suas humanidades

Riga
Passo Fundo/RS

E não é que o capeta veio atrás de mim...

Foi numa sexta-feira à noitinha. Bateram à porta e fui atender. E para minha surpresa era o capeta.

— Mas, que diabos!

— Prazer, eu mesmo. Disse o danado.

— Vim te buscar.

— Sério? Mas assim, pessoalmente. E em casa?

— Achava que era diferente. A gente morria. Fechava os olhos e caia direto no inferno.

— De fato! Para a maioria, ainda é assim. É o jeito padrão. Um inferno para as massas. Acontece que me aposentei. Vendi o negócio. O inferno clássico agora é, digamos terceirizado. Uma grande corporação assumiu esse mercado.

— Já eu resolvi continuar em atividade, mas num pequeno negócio. Poucos funcionários. Assim, para uma clientela selecionada.

— Mas, eu? Nem sou tão ruim.

— Sim, claro. A questão não é mais essa. São outros critérios de seleção. Vejamos: você gosta de rock?

— Bem...claro.

— Gosta de chocolate 70%, uísque 12 anos, single malt?

— É é é...mas o que tem de mau nisso?

— Nada, nada mesmo. É que procuro por pessoas de bom gosto. Como disse, quero lidar com uma clientela gourmet.

— Gourmet?

— Sim. Mas prossigamos. Vês filmes, séries. Faz sexo com assiduidade?

— Bem...gosto bastante.

— Humm... Ok. Uma leve perversão? Tipo gosta de judiar um pouquinho?

— Ah! Mas não é por mal, só de brincadeira...

— Certo! Pois é. Exatamente como tenho referido aqui no teu histórico. Meu tipo preferido de alma condenada.

— Puxa! Então vou mesmo para o inferno?

— Humm. Seguramente que sim.

— Mas, mas... e minha mulher. Ela vai ficar sozinha. E quando morrer, ela vai também?

— Não! De jeito nenhum. Ela casou contigo. Já pagou todos os pecados. Não tem como.

— Êta porra! Mas, tem outras gostosas no inferno, certo?

— Têmmm. Mas viu. Olha só essa luxúria...

— Nãooo. É que aprecio a companhia feminina.

— Humm... Eu também.

— E meus amigos. Vou encontrar algum deles no inferno?

— Todos!

— Como? Todos eles? Até mesmo o Moisés? Ele é tão bonzinho.

— Sei, sei. Os quietinhos...sempre os piores.

— Puta que pariu! Então não tem jeito. Que danação!

— Mas e os castigos, são muito ruins?

— Os piores. Horríveis! É o inferno.

— Mas não se preocupe. Não é como se fosse ser preto, pobre, gay e morar no Brasil.

Robison Sá

Porto da Folha/SE

Um Mundo Feito de Mim

Se eu tiver que escolher,
escolho sempre a mim.
Nem meço as consequências,
não me interessa o porvir.
Quem quiser que busque o seu,
pois eu vou atrás do meu
do princípio até o fim.

Esse discurso viaja
e atinge muita gente,
espalhando o egoísmo,
deixando o mundo descrente
que o trabalho coletivo
é muito mais atrativo
e dá frutos permanentes.

Não se pode caminhar
com o outro no solado.
Pense em como não queria
ser também pisoteado.
Conhecendo a empatia
e vivendo com alegria
tudo é menos complicado.

Haja sempre com amor
em qualquer situação.
Compreenda a dor do outro,
dê-lhe um abraço, estenda a mão.
Se você anda sozinho,
qualquer curva no caminho
faz perder a direção.

O egoísmo é um mal,
nem devia existir.
Para que viver com muitos
se sozinho eu vou seguir?
Creia sempre na união,
no viver em comunhão
e não só em competir.

Caso queira competir,
que tal ser consigo mesmo?
Adquira habilidades,
conheça até seus trejeitos.
Se supere a cada dia,
seja cego, seja guia,
não se perca pelo medo.

https://www.facebook.com/robison.sa

https://www.instagram.com/prof.robison.sa

Rogerio Luz

Rio de Janeiro/RJ

Ana Carolina

Sentei-me no sofá frente à tevê
para conferir as notícias da manhã.

Minha cidade é marítima
onde poetas (aves de rapina)
bicam o corpo de meninas mortas
por balas achadas e perdidas.

Sala em Belford Roxo: Baixada Fluminense
Ana Carolina, oito anos, vê tevê
sentada no sofá
tingido por disparo impenitente.

Não fui ao cemitério de Irajá.

Ronaldo Dória Jr

Rio de Janeiro/RJ

A última vez

"Em algum momento da sua infância você saiu para brincar com seus amigos pela última vez. E nenhum de vocês sabia que seria a última."

Recebi essa mensagem no Whatsapp. Bem provável que você também já a tenha lido. Piegas? Talvez, mas a verdade é que isso ativou o lado melancólico - soturno mesmo - que anda sempre à espreita em mim. E me flagrei pensativo, relembrando alguns amigos e imaginando o momento em que uma cena dessas poderia ter acontecido na minha meninice.

Foi então que me lembrei do Adriano. Morava na Baixada, mas sua família tinha uma casa no meu bairro e eles vinham sempre nas férias e feriados prolongados. Gostei dele de imediato. Era muito magrinho e muito dentuço, mais magrinho e mais dentuço que eu. Ele me fazia lembrar um morcego, e assim comecei a chamá-lo. Entre nós ele passou a ser o Morceguinho, e nunca pareceu se incomodar. Aliás, ele não se importava nem mesmo com as zombarias realmente maldosas que faziam por conta de seu aspecto físico. Eu sempre me ressentia, tentava não demonstrar, mas me ressentia profundamente por eu ser como era e por não ter perspectivas de ser diferente. Mas não ele. Estava sempre feliz, com aqueles dentes grandes à mostra no seu sorriso amistoso. Ele jogava futebol no time dos "sem camisa", nos dias de calor ele também dispensava a peça de roupa. Isso para mim era impensável. Eu nutria uma admiração gigantesca por aquele garoto magricela, uma admiração que beirava a inveja. Tudo o que eu queria era ser feliz como era o meu amigo Morceguinho.

Um desses feriados estava nublado e frio. Todos os outros garotos estavam entocados em suas casas, não havia gente suficiente para uma pelada. Até que caiu a chuva e estragou definitivamente o dia. Nós nos despedimos, perguntei quando ele viria novamente e ele fez as contas de quando seria o próximo feriadão. Nunca mais o vi.

Muitos anos depois eu voltei à casa em que ele veraneava, mas o atual morador me recebeu cheio de reservas, e os vizinhos não souberam me informar nada. Um reencontro teria sido muito bom, eu penso. Porém, reflito e pergunto a mim mesmo: será? Mais de 20 anos se passaram, somos pessoas totalmente diferentes. É frustrante quando nos damos conta de que o tempo passou, que essa lacuna temporal nunca será preenchida, quando descobrimos que nãose tem mais nada em comum além de um passado longínquo retido na memória. Não

seria melhor deixar que prevaleçam as lembranças enevoadas da infância, quando tudo é maior, mais puro e mais bonito do que realmente é?Ou será que essas perguntas são apenas tentativas de encobrir a tristeza de saber que provavelmente jamais verei meu amigo outra vez?

Por coincidência, nesse mesmo dia recebi de uma amiga uma fotografia da minha colação de grau, em 2014, em que eu apareço abraçado com outras duas amigas. Ela estava fazendo uma limpeza nos arquivos do telefone quando se deparou com a foto e me enviou. Da infância passei às recordações da época da minha primeira graduação, aqueles anos corridos e plenos de muitas amizades, aprendizados e descobertas. São pouquíssimos os amigos daquele tempo com quem ainda me mantenho em contato. Uma das amigas da foto não usa redes sociais, então não temos nem ao menos esse vínculo frágil promovido pela internet, quando sabemos da vida de alguns de nossos amigos somente através dos seus posts de viagem ou quando publicam que estão num novo relacionamento. Quando foi nossa última vez?

Não acredito que haja culpados. Essas coisas acabam acontecendo mesmo, e nada há que se possa fazer. Outras vezes podemos, sim. Nesses dias de relacionamentos voláteis e amores líquidos, onde frequentemente deixamos nosso interlocutor falando sozinho para conferir a mensagem recém-chegada no celular, está ao nosso alcance tentar fazer diferente. Olhar no olho, dar atenção, demonstrar interesse. É preciso lutar diariamente contra essa onda que nos arrasta cada vez mais para dentro das redes sociais e nos torna empedernidos antissociais.

São recordações e pensamentos que talvez rendessem uma crônica. É possível que eu a escreva. Mas, primeiro, preciso escrever para minhas amigas, dizer que pensei nelas e que estou com saudades. Pode ser que ainda não tenha acontecido a nossa última vez.

Rosa Acassia Luizari
Rio Claro/SP

Os novos caminhos de nossos escritos

Escritas universais sobrevivem no mundo contemporâneo
Em meio a tribulações internas, florescem sólidas palavras
Enaltecem a alma discreta do poeta em páginas rebuscadas
Edificam adormecidos sonhos em tecnologias avançadas.

Livros belos em páginas distantes de nosso toque perturbador
Colecionam emoções em sofisticadas sintaxe e ortografia
Abrigam dizeres planejados que caem no mundo do esquecimento
Sufocam sentimentos nobres em sonetos de amor e lamento.

Escritos desenhados em coletâneas próximas ou distantes de nós
Esperam o momento para ganhar o universo singular dos livros
Encontram espaço em revistas e renomadas antologias digitais
Aguardam oportunidades para divulgar discursos de amor e paz.

Escritas que valorizam o saber contemporâneo em diversas áreas
Buscam inspiração nos ensinamentos da consistente filosofia raiz
Oferecem caminhos de sabedoria aos que crescem em ideias
Ao convencerem leitores vorazes em bibliotecas europeias.

Páginas estilizadas à maneira das editoras independentes
Que abraçam com carinho escritas de diversas partes do mundo
Expressam dedicação e desafiam o rápido tempo escasso
Valorizam a atividade do poeta em busca de merecido espaço.

www.facebook.com/rosaacassia.luizari

Rosangela Maluf

Nova Petrópolis/RS

Sonhos desfeitos em Brumadinho

1. Os bebês

Naquela sexta feira, Norma chegou em casa por volta das dez horas da manhã. Na mão trazia o resultado do exame que apanhara no laboratório antes de voltar para sua cidade. Ainda no elevador, abriu o envelope e teve então a certeza de que estava grávida. O resultado do exame impresso no papel: Positivo. Louca para contar ao marido, pegou rapidamente um taxi, mas antes passou no mercadinho. Sua mãe atendia à dona da pousada. Cumprimentou a dona Célia e falou "*bom dia, mãe*". Ficou esperando atrás do balcão. Queria contar para dona Eulália antes mesmo de falar para qualquer outra pessoa; afinal a mãe já cobrava, há um bom tempo, a encomenda de um bebê! E agora, o netinho ou netinha, estava a caminho - com seis semanas.

Olhou mais uma vez para o celular, na dúvida se ligava ou não para o Josias. Talvez uma mensagem no *what's.* Melhor não. Melhor esperar até o meio dia. "*Ele vem almoçar e aí eu mostro o exame e a gente conversa"*. Passou a mão na barriga. Tirou o tênis que apertava um pouco e se deitou. Começou a programar os próximos meses: o enxoval do bebê, a banheirinha de plástico, o bercinho, as roupinhas de cama. E o carrinho? Poderia pegar com a irmã Noêmia; o sobrinho caçula já não precisava mais. Quais as cores das roupinhas que comprariam? Azul? Rosa? Amarelinho e verde claro que serviriam aos dois? E os nomes? Elisa? Ygor? Outros? Não via a hora de Josias chegar para conversarem sobre a chegada daquele filho que tanto desejavam e com quem sonhavam há quatro anos. E marcar o ultrassom. *"Daqui a pouco tempo já saberemos se é menino ou uma menininha".*

Antes do meio dia Norma deixou a casa da mãe. O almoço quase pronto, dona Eulália insistiu, mas ela não quis comer. Preferia esperar que o Josias chegasse da mineradora. Comeriam juntos o mexidinho que ela haveria de preparar para os dois. *"Amanhã, sábado, poderemos sair, comer uma pizza, tomar um chopp e comemorar a boa notícia*", ela sorria enquanto imaginava a situação.

Colocou a toalha florida e pegou no quintal um maço de manjericão. O jarro sobre a mesa perfumava toda a cozinha. Separou os copos, pegou na fruteira as laranjas para o suco, bem na hora em que ele assobiasse, chegando ao portão. Na geladeira havia arroz, feijão e o resto do frango que sobrara do dia anterior.

Separou dois ovos. Josias gostava de um ovinho frito por cima do arroz. Lavou a alface, cortou em rodelas o tomate. Picou bem fininha a cebola e guardou a salada na geladeira.

Um barulho ensurdecedor se fez ouvir... E, apesar do susto e sem saber do que se tratava, Norma continuou fazendo o almoço e esperando por Josias. *"Santo Expedito, nos proteja"!*

2. Uma cadeira de rodas

A vida não era fácil para ele, pobre Edgar. Cuidar do pai doente, sem perspectiva de vida normal, asmático e com a saúde debilitada era sim, um peso enorme. Por mais que se calasse diante dos fatos, lá no fundo, se perguntava se este calvário ainda demoraria chegar ao fim. Fazia o sinal da cruz se redimindo do pecado que pensava cometer: desejar a morte do próprio pai.
Depois da separação, sua mulher voltara para o sul deixando a situação ainda pior. Apesar da sua limitação, o velho ainda conseguia fazer muita coisa, sozinho. Com certa dificuldade, se apoiava na bengala antiga e no seu ritmo segui, bem devagar. Entretanto, a cadeira de rodas ajudava nos passeios pela calçada, no final da tarde ou quando ele queria ficar só, no quintal, debaixo de uma árvore lendo um jornal antigo, ouvindo rádio e fumando seu cigarrinho de palha.
Naquela sexta-feira, o seu Teco da oficina ligara dizendo que a cadeira ficara pronta. Fez o mais rápido que pode; sabia que o velho precisava muito dela. Durante os dois dias em que a cadeira ficou no conserto, o pai do Edgar pedia alguns favores à vizinha. Dona Lita se oferecia para cuidar do velho toda as vezes que a sua ajuda se fizesse necessária. Missionária, caridosa e vivendo sozinha, residia na casa ao lado, na mesma Rua 8 e se dispunha a colaborar com quem dela necessitasse. Era só assobiar que a Dona Lita corria para ver do que o velho precisava. E, às vezes não era nada. Ele fizera um cafezinho e queria a companhia dela.
Entretanto, naquela manhã, desde muito cedo, uma pane no setor elétrico exigiu a presença de seis funcionários, todos da turma do Edgar. Algumas luzes não se acendiam. Um problema havia no grande painel de controle das esteiras transportadoras de minério. Experiente que era, com mais de quinze anos de trabalho, possuía uma equipe treinada e bem preparada para momentos assim. Mas naquele dia, alguma coisa não ia bem. Algo fora do normal. O que parecia ser um pequeno transtorno se arrastava sem solução. Já passava das 11h30 horas.
Edgar passou um *what's* para Dona Lita pedindo que ela avisasse ao seu Teco. Ele não almoçaria em casa. Nem buscaria a cadeira de rodas como combinado.

Surgira um imprevisto na mineradora e ele só pegaria a cadeira, depois do trabalho. Edgar desligou o celular, respirou fundo e, mais tranquilo, voltou ao painel elétrico onde estava o problema.
Dona Lita avisou o Seu Teco.
Seu Teco pode, com calma, terminar de lubrificar as rodas da cadeira.
Dona Lita foi ver se o velho precisava de alguma coisa..
O velho teria que esperar até o final do dia quando Edgar voltaria para a casa.
Um barulho ensurdecedor se fez ouvir. E sem saber do que se tratava, Edgar chamou o ajudante perguntando o que era aquilo, de onde vinha aquele ronco. Saíram os dois pra ver o que poderia ser. *"Meu Deus do céu, não pode ser"!*

3. Um vestido de noiva

Dona Dinha era uma costureira de mão cheia. Fazia maravilhas com os tecidos, era boa modelista. Mesmo sem jamais ter feito um curso, caprichava no corte das roupas. Era cuidadosa e caprichosa. Assim, quando a mãe de Taninha chegou com seu vestido de noiva, guardado há muitos anos, dona Dinha vislumbrou a mágica que poderia ser feita: um vestido lindo.
Taninha acabara de completar 20 anos e, cheia de sonhos, imaginava um casamento de princesa. Queria o vestido da mãe porque trouxera sorte ao casamento dos pais e o Lau, seu noivo, achava que, *"se deu certo com os sogros, daria com ele e Taninha também"*. Mais alguns metros de cetim foram comprados, mais uns retalhos de renda e mais metros de fita de gorgurão. Finalmente, no sábado seria a primeira prova do vestido. Tânia pediu a companhia da mãe e das duas irmãs, mas o Lau não poderia nem chegar perto, daria azar!
Naquela sexta-feira, Taninha estava especialmente alegre. Ansiosa. Contou para as amigas da cozinha que, no sábado, faria a primeira prova do vestido de noiva. As curiosas queriam saber dos detalhes. Mas, a sete chaves, ela guardava o segredo. Pacientemente colocava as batatas para cozinhar enquanto descascava e cortava aquelas já cozidas. O trabalho na cozinha era cansativo porque tudo precisava ser muito rápido. Mais de trezenas pessoas almoçavam no restaurante da mineradora. Tudo em grande quantidade e pouca gente para ajudar. Mesmo assim Taninha cantava enquanto enxugava o suor da testa. A cozinha já era quente e mais o calor que fazia lá fora!
O ar pesado e morno, o tempo abafado.
Um barulho ensurdecedor se fez ouvir. E sem saber do que se tratava, Taninha se colocou na ponta dos pés. Olhou pela janela. Nada viu. Abriu a porta da cozinha. Só o barulho. Um barulhão. *"Maria Santíssima, tem piedade"!*

4. O Neto

Já fazia tempo que era a encarregada dos Serviços gerais. Tinha com ela uma turma boa que trabalhava na limpeza há mais de 10 anos. Toda sexta feira preparava uma caixa para cada setor. Produtos de limpeza. Papel. Vassoura. Tudo para manter limpas as muitas seções da mineradora. Todas as salas, o restaurante, a cantina, o vestiário, os banheiros, os depósitos e as recepções.
Naquela sexta-feira o entregador levaria a bicicleta que comprara para o neto. Artuzin faria aniversário no sábado. Nove anos. Menino bom, estudioso, obediente, mas levado demais! Sabia que a bicicleta seria uma preocupação a mais para ela e sua filha, mãe do menino. Mas pela alegria de ver aqueles olhinhos brilhando, valia a pena.
Estava curiosa para ver a cara do garoto quando visse chegar o presente. Não tinha como deixar a surpresa para o dia do aniversário: a loja não entregava aos sábados. Não poderia escondê-la na vizinha do lado, ela viajara para a Bahia. A filha ficara em casa. Aquele final de semana era sua folga. Sendo assim, o mais provável é que o neto estivesse por ali quando chegasse o caminhão de entregas. Grandão. Aquele baú enorme, antecipando corações em disparada.
Ela sorria imaginando a cena. E sorria pensando no bolo que faria no dia seguinte. Nas nove velinhas já compradas. Os balões coloridos ainda por encher. Nos canudinhos de doce de leite. Os brigadeiros. Os guardanapos do Homem aranha! Chamou a Lisa e contou sobre o aniversário do neto. Falou entusiasmada sobre a festinha que preparava para não mais do que dez amiguinhos. Todos dali mesmo, da Rua 08.
O sinal do celular tocou. Era a filha dizendo da entrega. O menino enlouqueceu quando viu a bicicleta. Gostou muito que fosse verde e preta, cores do América Mineiro, seu time do coração. *"Quero falar com a vó..."*
De repente o sinal se perdeu. Ela chegou até à Portaria 1 para ver se retomava a ligação. Sorrindo, queria ouvir o neto falar do presente. Mesmo que a grande surpresa não fora possível, ela ficou contente e sorria de felicidade.
- *Alô...Artuzin? Alô...*
Um barulho ensurdecedor se fez ouvir. E mesmo sem saber do que se tratava sentiu um aperto no coração e pensou: a barragem. Foi o tempo de olhar para os lados de lá e nada mais. *"Jesus amado, não"*!

5.

Não houve a comemoração da gravidez, nem as compras de roupinhas de bebê. Não houve sorrisos de alegria pela chegada do filho ou da filha; nada de bercinho branco, com anjo da guarda dependurado e nem luminária de fadas coloridas,

girando ao vento. A foto da ultrassonografia, não haveria. Ninguém saberia o sexo do bebê. Qual bebê? A esperança de uma felicidade ainda maior, não veio. A lama levou tudo.
Não houve cadeira de rodas, nova e prontinha para passear pela calçada nos finais de semana. Não houve mais filho cansado, nem houve pai idoso e doente. Não deu tempo para arrependimentos, nem pedidos de desculpas ao velho. Nunca mais a vizinha prestativa. Nem o café na varanda. Nada mais. A lama levou tudo.
Não houve vestido de noiva, nem casamento. Não houve mãe nem irmãs com vestidos novos. Noivo também não houve mais. A costureira, seus tecidos, fitas e bordados também se foram. O horário na igreja, as músicas e as fotos. O álbum do casamento, também não haveria. Não sobrou nada. A lama levou tudo.
Não deu tempo de soprar as velinhas, nem andar na bicicleta nova. Não deu para esperar a avó e pular gritando de contentamento em seu colo quentinho. Pobre neto. Nada de festa. Não houve mesa colorida. A meninada não cantaria o parabéns. Os pacotes coloridos, os presentes, os abraços dos amiguinhos, nada. Tudo virou uma onda só, de lama.
E assim, aquele barulho ensurdecedor continua aqui, atormentando cada um de nós. Soa como bombas em nossos ouvidos. Joga ondas de lama em nossos jardins. Mareja com lágrimas quentes nossos olhos, deixando os corações dilacerados, num luto só. E assim estamos todos, doídos, intrigados, querendo saber o porquê de tudo ter acontecido assim; e, sem nada ter como fazer, seguimos…

6.

Eram 12h33 minutos quando tudo parou.
O barulho ensurdecedor e constante não pode ser identificado. Mas ele veio de uma só vez e chegou em todos os lugares. Aproximou-se devagar, com força destruidora. Cada vez mais perto e o seu roncar cada vez mais forte. As perguntas ficaram no ar. Suspensas entre uma respiração e outra. As pessoas pararam onde estavam. Ninguém teve tempo de gritar ou de correr. Na verdade, nem se deram conta do que acontecia. Ninguém percebeu a tempo que a gigantesca onda de lama ia chegar.
Mas ela chegou e com ela, o fim.

Rose Paz

Niterói/RJ

O Velório

E aí, ele morreu?

— Sei não, tá frio, e não sinto o pulso. Acho que sim.

Em meio a cervejas e copos vazios sobre a mesa, pairava o sentimento de surpresa entre o par de amigos de décadas, que observavam atônitos o ser barbudo e barrigudo debruçado sobre a mesa.

— Liga pro 190. - sibilou um.

— Que nada! Liga é pros bombeiros! - berrou o outro.

Bebuns, curiosos e o povo que passava, começaram a se aglomerar no barzinho da esquina, mas foi o dono do estabelecimento decadente quem tomou a iniciativa.

Um velho dito popular afirma que Deus protege os bêbados, as crianças e os loucos, mas não foi dessa vez para aquele pobre coitado que tinha o hábito de se comportar como os três.

A noite já ia alta quando puseram o defunto num caixão e sobre a mesa da sala para o velório simples, mas bem intencionado.

Tudo foi organizado às pressas, já que a polícia e os bombeiros estavam em greve. No interior costuma ser assim; basta a patroa reconhecer o presunto e o padre tomar conhecimento, que tá tudo certo.

Uma coroa de flores - enviada pelos amigos do bar - foi posta com cuidado à cabeceira, e a bandeira do time favorito aberta sobre o terço inferior do caixote lúgubre.

Crianças corriam, mulheres choravam e curiosos raspavam a torta salgada, sempre enviada por uma vizinha em tais situações. Um cheiro de velas derretidas empesteava o ar. A noite prometia ser longa e quente, e não havia tamboretes para todos.

As crianças foram aos poucos adormecendo nos colos de suas mães, e os conhecidos, um a um, saiam à francesa com as mais variadas desculpas e votos de força, foco e fé - ou algo parecido -, para a viúva inconsolável e revoltada. Vez ou outra, ela chegava à borda do féretro para beijar-lhe a testa: "- Adeus meu querido. Vá com Deus! Você vai fazer muita falta" - ou xinga-lo "- Seu bebum desgraçado! Tinha que me deixar com as crianças e as dívidas, né mesmo? Tu me paga, infeliz".

O ponto alto da reunião funesta foi a chegada do padre, que veio direto da festa de um casamento realizado por ele em outra paróquia. Visivelmente chateado por não ter mais café e só encontrar os farelos da famosa torta salgada, não se prendeu à delongas e, já aparamentado de sua casula preta, iniciou os trabalhos.

— Quem encomenda este defunto? - perguntou o padre.

Nesse exato instante, um vento forte escancarou as portas duplas de ripa, e uma mulher vestida de preto invadiu o ambiente com um par de gêmeos puxados pelas mãos.

— Eu, seu padre! O amor da vida dele.

Um minuto de silêncio foi o que bastou para a baixaria começar. Parecia um poltergeist. Velas, copinhos de plástico, chinelos, e o que mais pudesse servir de arma, voavam de um lado para outro entre as duas damas reclamantes do finado que, agarradas em lados opostos das alças do caixão, puxavam pra cá, puxavam pra lá, sem dar a menor importância para tamanho vexame. A coisa foi contagiante. Todos se estapeavam por velhos, atuais e novos motivos. A balburdia foi tanta, que a peruca do padre foi parar na travessa vazia da jazida torta. Foi então que um dos gêmeos gritou:

— Papai tá caindo!

Todos congelaram. O homem gordo e barbudo estava caído de bruços no chão. Ao menos foi o suficiente para parar com a celeuma.

Respeitosamente, os amigos de copo recolocaram o cadáver de volta ao seu lugar. As carpideiras (bruxas sem vassouras) deram um jeitinho no ambiente. . s gêmeos sentaram nos tamboretes. As viúvas se posicionaram em lados opostos da sala, enquanto o padre resgatava a dignidade de sua peruca abandonada na salada de maionese.

Enfim, quando tudo parecia ter acalmado e pairava no ar aquele silêncio constrangedor, um pum barulhento e fedido rompeu o ambiente. Todos se entreolharam com ar acusatório até que um arroto, vindo do caixão, espantou os presentes.

Lentamente, como se despertasse de um sono profundo, o defunto se assentou na caixa e perguntou:

— Mas, o que é que tá acontecendo aqui, minha gente? Um cristão não pode mais dormir em paz?

Rosely Frazão

Maceió/AL

AnaZulu

Ana adora pintar, **a**nil é sua cor preferida,
seu anel já é uma pista para a cor escolher
no dentista, a almofada o alerta viu artista?

Beatriz vê de um jeito bem diferente.
Ela usa a boca, o beiço e as bochechas
junto com a barriga
e braço. De bocada
em bocada tudo ela
belisca: *inhac-inhac*
Até o bumbum dela:
a linguiça! Iiiiiiissaa.

Clara tem cabelos
calorosos como sol,
sua mãe tem na pele
os Celtas, já no cavalo do papai vê cascos
de cisnes! E de sua irmãzinha, é claro, um
arco-íris é o desenho esperado. Que babado!

Davi vai ao teatro Deodoro e encontra
tanta da gente adiante que não consegue
andar! Do seu lado, uma dançarina vai
aos pulos dizendo apenas**:**
Dá licença!? Dá lincença?
Desculpinha! Danadinha**...**

Eloá vive esfumando elefantes e protegendo
suas eilemas de seu primo Élio, o encantador
de escorpião. No encontro eles se entreolham
com ares de
encrenca !!!
Eita! Cena?

Fernanda ama as flores!
Todo dia leva uma do farol
ao fundo do ex-formigueiro.
Tanto retira que tal
formosura acaba**…**
E agora Fê? O que
fazer? Só(ô) correr?

Gabriela galopa pelo gelo
quando vê Garuel, de pés no
chão, limpando todo o vidro
da estação com papel. Para o
ajudar chega com gel. De supetão estende a mão e
diz: Suas galochas guri! Sem mi mi mi, bote aqui!

Higor anda em sua hidro-cadeira de duas
grandes rodas que seu pai pintou como um
helicóptero. Na hora das corridas sempre
chega com honra, é o herói de Helena Sá.

Irapuã é
o melhor
amigo de
Ireu, uma
itapema**...**
A ave voa
triste por
lá do céu
ver a floresta imunda. Inventando
uma solução, chama todos para o
pega inovador: lixo ao pegador!!!

João mora num velho
jipe na rua São Juarez.
Sua diversão é olhar as
nuvens. Jaca, janela, Jó
jumento, jujuba! Jamais
esquece nada, pois ajunta
tudo no seu jarro jogador**.**

Kely tem a boca grande
no karaokê e nariz fino
que só cheira a ketchup.
Seus pais parecem kiwis
com cabelos enrolados feito kart, mas o amor
entre eles é gostoso feito o kit kat **…** Isso já é
chiclete… Eeeeccaaaaaa diz Kaele à Karlielle.

Laila não gosta de leão. Tudo de longe
lhe assusta, menos o leleu. Uma libélula
levanta seu cabelo! Tem espanto até de
levedo**…** Qual será seu segredo Lêdo?

Maria joga bola com Manu, menina
manhosa. Matagal, meio-fio, madeira,
morada, mangueira, muro… Enfim o
mundo é
moldura
para elas.
Molecas
molejam
também
a peteca!

Nicolas é tipo nerd.
Ele planta uns feijões
negros em copos com
cor neve com algodão.
Todo dia ele vai aguar.
Nada pode sair de lá!!
Até chegar nas nuvens de Nárnia ele não
para. Navegando ao vento ele vai lá, lá, lá.

Oliver não consegue se vestir e pede ao seu boneco Olaf:
Quero a camisa cor ocre, cor gema de ovo! Ao ouvir isso
a vó orquestra: cabeça, braço, ombro e outro. Essa presta!

Pedro pula pula sem
parar. Do pé de peras,
de pitangas e pêssegos
e pinhas**...** De tudo faz
piadinha**…** Para o pato
da piabinha e para Pita
faz um belo poeminha.

Quitéria mora em
Quito e lá come um
só queijo! O quarto
guarda um quadro de
quiches. Seu QI ultrapassa as quadrelas e
a beliche, mas seu queridinho mesmo:HQ!
quadro a quadro ela viaja ao ler**:** tu crê???

Rafael é um raio**…**
não fica quieto nem
rindo! Rapel, remo,
rafting, raquetebol, rodeio, rugby, rolê,
tudo inventa. Reinar é sua maior encrenca,
mas como delas é rei,
se reinventa! Oh Rafa
cuidado com as ventas.

Sofia quer fazer a slime para
montar um submarino rodeado
de sardinhas, siris e sapinhos**…** Puxando
esticando - amassando - dobrando. Splash!
Pronta a obra! Sorri para as selfies. Agora
posta! Não, não, troca, troca, ao
lado da porta! O Sorriso agora!

Tiago tem uma tia toy store. Traquino, traça tudo para tombá-la. Ela tola sempre topa! Tipo assim: trollagem típica de tropeiro, tlgado?
Tim-tim, tim-tim, toca o
rádio… é ele! O Tiago!

Úrsula sai todo
dia da Utinga só,
comendo as uvas.
Nas urtigas passa ui ui ui**…**
Uiva o cão, cai o umbu, voa
o urubu, mas a guria só quer
folia...*uhuuuuu*.
Vai ela até Catu
em cima cururu.

Willyams viaja pela web, como se tivesse
no windsurfe**...** Até para o wc leva o Iphone
e quando não consegue
ele usa o drone. Show é
o wi-fi de Washington
(EUA) que tudo lança.
Sua mãe Wilde sempre
o desliga, mas ele não é
tipo água de salsicha **…**
Clica>busca>acessa>sininho>compartilha e
pronto! Seu nome devia ser WWWill@ponto.

Yuri é yanomami que adora yakisoba.
Seus colegas são da macarronada com
futebol. Ele prefere yoga e yakult. Mas são tipo
yin-yang, então é melhor sempre deixar espaço para
brincar e o convite para com eles jogar. Porque é muito
legal trocar, mudar e de tudo inventar!

Valentina varre toda sujeira, vira todo
o lixo sempre na lixeira. Ela é veloz com
a limpeza e vê tudo
de sua varanda pera.
Limpa, lava, alveja!
Da vila às alamedas
Na banheira, molhar
é a brincadeira. Xuá
xuá, xuá **...** a vaca, a vela, o velho dado e
até o espantalho é alvo. Vixi que barato!!!

Xavier tem uma xícara do x-men onde
sua vó coloca a comida. Com seu tio ele
faz xixi na birra. Já o vovô ensinou com
xilofone a enganar saudade, isso é belas
arte! E ao dividir com a tia o xote canta
forte: xau, xau Xarlene, mamãe de sorte!

Zulu só anda em zig zag feito zumbi. Às vezes ouve
zumbidos tipo o barulhinho da espada do Zorro daí ele já corre *zuuuuuump***…** Ai meu miolo!

https://eureca-edu.wixsite.com/website/outros-projetos-1

Rosimeire Leal da Motta Piredda

Vila Velha/ES

Fragmentos de uma sinfonia

(Obs.: Poesia escrita logo após a morte do meu pai, Pedro Sabino da Mota – 1912/2007)

(Meu pai era do tempo do cangaço e seu Jeito de falar demonstrava uma personalidade forte e autoritária, mas para mim soava como uma opera acompanhada de orquestra, um drama musical perfeito!)

Composição longa, erudita!
Ópera interpretada por um experiente tenor.
Voz encorpada,
transmitindo a intensa carga dramática:
95 anos cantando a existência!
O maestro é o autor da vida.
Inesperadamente, a melodia invadiu o anoitecer
sem que a voz o acompanhasse.
Era um trecho extraviado de seu último fôlego,
desafinando o estilo musical.
Fragmentos de uma sinfonia que morria!
Os instrumentos choraram por algumas horas,
esperançosos de encontra-lo!
Por fim, o silêncio.
O sopro gelado da noite emudeceu a poesia lírica!
Nunca mais poderá ser ouvida novamente!
Mas, dentro do meu coração,
MEU PAI,
o senhor canta eternamente!

Esta poesia faz parte do livro:

• Livro "O Cair da Tarde" Editora CBJE - Rio de Janeiro - Brasil - Julho/ 2012 - Autora – Rosimeire Leal da Motta Piredda.

Sigridi Borges

São Paulo/SP

Voar

Ela sempre observou o horizonte
serena e intrépida.
Queria voar.
Correria pelos campos e daria
impulso,
alçaria voo
como um pássaro livre
sem viveiros ou gaiolas,
sem grades ou prisões.
Iria a lugares
que jamais, um dia, conseguiu
imaginar.
Nem em sonhos.
Cabelos ao vento,
soltos,
livres como águia,
gaivota ou falcão.
Voar.
Era só isso que queria,
mas primeiro precisaria
sonhar.

Tâmara Ramalho da Silva e Tristan Nathanael Veras Pedrosa
Teresina/PI

Um Pouco Sobre Leonardo Castelo Branco E *A Criação Universal*

Leonardo Castelo Branco dedicou-se à poesia, prosa, ciência e a mecânica. Além disso, teve participação na Batalha do Jenipapo. Nasceu na fazenda Taboca, margem do rio Longá, localizada no município de Parnaíba, onde hoje é Esperantina. Leonardo viveu a infância na casa de seu pai e lá recebeu uma boa orientação de leitura do mesmo, tendo este estudado num colégio Jesuíta. Recebeu ensinamentos de latim, português, física, geografia e matemática.

Tratando do Leonardo cientista, após frustrações políticas, em 1833, volta-se seus estudos para a realização do seu sonho de criança, a criação do moto-contínuo, máquina hipotética a qual reutilizaria indefinidamente a energia gerada pelo seu próprio movimento. Em Lisboa, sem escola formal, estudou mecânica e astronomia por quase quatorze anos e publicou alguns livros. Além disso, não conseguiu verba para a publicação do livro "Mecânica Astronômica" e, em vista disso, hoje se conhece apenas fragmentos dessa obra.

Leonardo fracassou nos seus experimentos, trabalhou até a sua morte na construção dessa máquina que, hoje, os físicos consideram impossível de se construir. No Rio de Janeiro, publicou em 1856 o poema *A criação universal*, com 4.247 versos.

A Criação Universal trata de temáticas relacionadas à mecânica, astronomia e filosofia. Inicialmente, fala da constituição do ser humano, como uma parte física e espiritual. A alma seria o espírito encarnado, o espírito que ocupa um corpo para realizar funções que necessitam dessa condição. De forma que o espírito é livre, desprovido de matéria. Ao colocar "Percebi que a minha alma transcendia", o eu lírico deixa de lado a matéria, o corpo, e passa a se enxergar como algo maior no universo, enquanto substância ativa imortal,

inteligente e fluída. Ao colocar "Com atributos de matérias alheias", ele nos leva a pensar na constituição da próprio corpo e do espírito que o ocupa.

Em seguida, o eu lírico introduz uma questão que será evidenciada mais adiante no poema, que é o fato do homem não enxergar a grandeza do universo, ao colocar "Debalde miras, numerar querendo os inúmeros sóis, que além do alcance da força dos teus vidros, zombam deles".

O eu lírico continua tratando da insignificância do ser humano diante da vastidão do universo, "E corre por todo o espaço indefinido; ou povoado, ou não de Orbes Celestes, que ao homem ignoto; o será sempre". Sendo assim, muito do universo continuará como desconhecido ao homem. Ainda nessa estrofe, o eu lírico intercede "Tu! Ó Herschell", referência a Willian Herschell, conhecido pela descoberta do planeta Urano e pela radiação infravermelha. "Na esperança, talvez, que os orbes todos", ou seja, que o ser humano seja visto como uma partícula constituinte do universo. Orbes, para a ciência, significa partículas suspensas no ar. Ao passo que, na visão não científica, podem ser vistos como partículas luminosas que representam os espíritos.

Adiante, o eu-lírico dá continuidade à temática que perpassa todo o poema, a insignificância do homem diante de todo o universo, ao colocar "cansaste, enfim; e apenas exploraste /Uma pequena parte desse espaço, /Que chamam-céu-, e a grandeza ignoram", aborda o fato do homem investigar apenas o que está ao seu redor, de fazer descobertas de novos planetas, mas ignorar a presença de algo bem maior, uma infinidade de possibilidades que talvez nunca sejam investigadas. Logo, o eu-lírico aponta essa transcendência da alma como possibilidade de "enxergar" esse infinito.

REFERÊNCIAS

MIRANDA, Reginaldo. Piauienses notáveis. Teresina: APL, 2017. Disponível em: http://www.portalentretextos.com.br/noticias/leonardo-castello-branco,2261.html. Acesso em: 25 de maio de 2019.

TAT (Thiago Alexandre Tonussi)
Londres (Inglaterra)

Poeta

quem é esta entre o poema
e a poesia? Quem é
este que com palavra
às vezes a mais feia
como a própria palavra feio
faz poema?

Quem é ela
antena?
Quem é ele
pescador?

Esponja? Catador?
É ela dor que finge?
É ele quem finge dor?

São não são quem são
ela e ele neste entre
dentre o poema futuro
e a poesia presente?

Tauã Lima Verdan Rangel

Mimoso do Sul/ES

Bailado do Colibri

Sob os raios luminosos e dourados do sol ardente
Dança em profusão frenética, um bailado quente
A pequena ave levita numa imensidão pelo vento
Traz consigo uma beleza singular, um doce alento

De flor em flor, segue formosa trilha tão melodiosa
Sem qualquer canto, apenas sua presença graciosa
Acaricia as flores de tons amarelados e alaranjados
Violetas, rosados, brancos e também avermelhados

Pequeno colibri de tantas cores, matizes delirantes
Reluz sob o brilho solar com as nuances inebriantes
Uma prece à graciosidade da criação contemplada
Em multicores, tons e beleza sem igual revelada

Plaina ao sabor da singela brisa em desejosa lufada
Com asas a bater em movimentação descontrolada
Segue a busca pelo doce néctar tão incessante
Uma ode à beleza em muitos detalhes constantes

Thiago Gonçalves Souza

Bragança/PA

Mantra Sinistro

só eu que me fodi
só eu que me perdi
e nunca me recuperei?

só eu desesperado
só eu que dei errado
e nunca me consertei?

só eu que fiquei quase doido,
triste, quebrado e torto,
e não soube mais sorrir?

até quando humilhado,
tão longe de ser exaltado?
até quando, até quando

noites insones, aos prantos,
encolhido, assustado
no fundo do canto do quarto?

Tristan Veras Pedrosa

Teresina/PI

A relação entre o poema "Posse"de Jorge Barbosa e o processo de colonização de Cabo Verde

Jorge Barbosa nasceu em 1902 na ilha de Santiago de Cabo Verde. Iniciou seu estudos na cidade de Praia, além disso, passou um período em Lisboa, retornando para Cabo Verde dois anos depois. Após o término de seus estudos, tendo completado dezoito anos, começou a trabalhar na Alfândega de São Vicente. Aposentou-se em 1967 na ilha de Sal e quatro anos depois, em 1971, devido a problemas relacionados ao coração. Diferente de outros poetas, a vida de Jorge Barbosa não foi marcada por grandes acontecimentos ou emoções relacionadas a uma rotina atribulada. Isso, contudo, não impediu que o poeta escrevesse belos poemas, inspirados em suas diversas viagens realizadas a trabalho.

Levando isso consideração, o poema "Posse" remete ao processo de escravização de Cabo Verde, que, por sua vez, é similar ao de outros países que também passaram por um processo de colonização, cabendo citar o Brasil, por exemplo. Em "Posse" o eu-lírico inicia tratando de como era o cotidiano dos povos, que viriam a se tornar escravizados, antes da chegada do homem branco. Nesse âmbito ainda imaculado da presença do colonizador, "Homens e mulheres viviam nus e amavam-se sem complicações" (sexto verso do poema). Em seguida, na segunda estrofe, há também uma nítida menção à cultura desses povos, descrevendo a dança e os rituais religiosos praticados por eles, como se observa abaixo:

> "Atletas e guerreiros dançavam ao som de búzios e tambores/ e as bailadeiras ondeavam contorcidos ritmos lentos/ na toada triste de instrumentos de uma só corda./ E tinham seus deuses, seus santos, seus sacerdotes, seus feiticeiros,/ e moravam em cubatas cobertas com palmas das palmeiras." (in jornal O Diabo, 1940, p. 3)

Todavia, a ideia de paz construída nas duas primeiras estrofes é posta em xeque, partir da terceira, na qual o eu-lírico aborda a figura dos colonizadores que "assentaram-se à volta de uma mesa com mapas em frente," / "falando de guerras," / "de bases para aviões," / "de pontos estratégicos...".

O desfecho, como esperado, a partir do nosso conhecimento da História, revela a exploração do povo escravizado, no qual teve que sair à força de seu local de origem para uma terra remota, onde sofreria maus tratos, trabalharia sem descanso até mesmo quando já não possuía forças. Ainda sobre poema, podemos observar que todo esse processo foi movido pela ganância dos colonizadores em fomentar um comércio marítimo.

Notamos, pois, que o poema Jorge Barbosa traz à tona resistência o processo de escravização de Cabo Verde, colocando o foco nos povos escravizados ao retratar sua dura trajetória. A escolha desse poema para a realização dese trabalho deveu-se ao sentimento de aproximação que senti como brasileiro e conhecedor da história de nosso país, afinal, os povos africanos aqui escravizados pelos portugueses estavam inseridos num contexto muito similar aos que foram levados para as ilhas de Cabo Verde. Além disso, o próprio processo de escravização corrobora na explicação do processo de colonização e descolonização de Cabo Verde, no qual será descrito a seguir.

A história de Cabo Verde tem início em 1460, com o "descobrimento" por parte dos portugueses de um conjunto de ilhas. Tal fato, entretanto, não lhes chamou a atenção de imediato visto que nessas ilhas não havia resquício de outra civilização, além da insularidade que era um fator de desinteresse para novos territórios encontrados. Sobre o "descobrimento", observemos o relato, abaixo, do explorador Alvise Cadamosto:

> Ao terceiro dia avistamos terra, e gritando todos Terra, Terra, muito nos maravilhamos, porque não sabíamos que naquelas paragens houvesse terra alguma; e mandando subir ao mastro dois homens, descobriram duas grandes ilhas: o que sendo-nos noticiado demos graças a Deus Nosso Senhor que nos levava a ver cousas novas; porque bem sabíamos que destas ilhas não havia notícia alguma em Espanha. Meus homens partiram, pois, mas não acharam nada mais que terra desabitada […] (Cadamosto, 1956, p. 194).

Com o tempo, contudo, a começar pela Ilha de Santiago e Ilha de Fogo, esse conjunto de ilhas passou a ser colonizado. Isso se deveu, sobretudo, à autorização dada pela Coroa em 1466, que tornou viável para aqueles que habitavam a Ilha de Santiago a comercialização com as sociedades ribeirinhas do continente africano e com a Europa. Isso atraiu pessoas interessadas na prática do comércio para a região.

Vale ressaltar, que o principal "produto" nesse comércio não eram especiarias, pedras preciosas ou quaisquer objetos, eram pessoas escravizadas. Nesse sentido, os escrizados eram arrancados de seu local de origem, no qual possuíam uma cultura e religião próprias e levados de forma desumana em um navio para serem comercializados. Ao chegarem nas ilhas, eram explorados de diversas formas, além da imposição de valores por parte dos colonizadores, caracterizando um processo de aculturamento. Logo, podemos observar que Cabo Verde prosperou em cima da exploração e tráfico de escravizados.

Essa situação veio mudar apenas a partir do século XIX, mais especificamente no ano de 1845, em que houve a abolição do tráfico de escravizados. Em consequência disso, pelo fato ser a base da economia de Cabo Verde, houve uma certa decadência econômica no país, que passou a ter como base a cultura de subsistência.

Quanto ao processo de independência de Cabo Verde, verificamos que foi gradual e partiu, principalmente, da insatisfação da elite crioula que protestava contra a apatia da metrópole portuguesa em relação ao país no qual enfreava vários problemas econômicos e sociais. Somado isso, a existência de uma elite intelectual em Cabo Verde corroborava para uma autossuficiência administrativa em relação a Portugal. Desse modo, a partir do século XX, inciou-se um processo de independência que só iria ter fim no ano de 1975, com a proclamação da independência, após a realização de vários acordos com a metrópole portuguesa. Vale ressaltar que nesse processo Cabo Verde esteve associada à Guiné Bissau, visando ambos o mesmo fim.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge. “Posse” (in jornal *O diabo*). Lisboa. 1940 .

CADAMOSTO, Luis de. “Navegação primeira de Cadamosto e Usodimare” e “Navegação segunda de Cadamosto e Usodimare”. In: Vitorino Magalhães Godinho (org.). Documentos sobre a expansão portuguesa. Lisboa: Cosmos. (v. III). 1956.

MADEIRA, João Paulo. *Manifestações culturais da identidadecabo-verdiana*, 2014.

Ubaldo Muller

Maceió/AL

Nós

Nós…

Na multidão dos olhos… sempre nós.

Na fé da sorte, o orgulho apenas permite: a vós.

E, na certidão da morte… sós.

Vera Raposo

Teresópolis/RJ

Colombina – Amor de Carnaval

Quando te vi com o Pierrô,
Com ciúmes, rasguei a fantasia
Você foi o pivô
E meu coração partia
Sem saber o que fazer
Juntei todos os pedaços
Foi medo de te perder
Me senti quase um palhaço
Reconstruí meu Arlequim
Pra de novo te encontrar
Vi o Pierrô num botequim
Suas mágoas afogar
Já esquentei meu tamborim
Vou pra avenida te esperar
Vesti meu Arlequim
Com minha Colombina vou desfilar

Vinícius Fonseca

Londrina/PR

O último adormecer

Essa história começa muito depois do felizes para sempre e eu sei que você gostaria de saber sobre isso. Essa parte das nossas vidas que os livros não contam, mas que despertam curiosidade.

Sim, adianto que fomos felizes para sempre. Hoje me considero bem menos feliz do que naqueles tempos. É como se não existissem mais Aurora, nem Dia, apenas uma escura e tenebrosa solidão.

Me lembro com clareza daquela noite. Ela repousava em nossa cama, suas vestes longas na cor púrpura. As marcas do tempo já tinham roubado a beleza de seu rosto, mas, depois de uma certa idade, já não se liga para isso. É como se a gente passasse a dar valor ao que é realmente belo, aquilo que vem de dentro.

Eu, sentado à beira da cama, também já não poderia me considerar tão encantador quanto nos dias de juventude em que nos conhecemos. Sentia, no entanto, que ela ainda me olhava com a mesma ternura e afeto.

Seu semblante era o de alguém cansado, sua respiração mais calma – fazia pausas constantes -, parecia mesmo estar perdendo as forças. Só que desta vez não houve agulha, nem tear, nem picada, apenas o fôlego da vida se esvaindo.

Eu, homem destemido, que enfrentei perigos, espinhos, maldições e até mesmo minha mãe, em nome daquele amor, agora passava a me sentir impotente. Mero espectador de um destino cruelmente inevitável.

Como bons amantes nos entendíamos pelo olhar e podíamos ficar por horas apenas nos observando sem dizer absolutamente uma só palavra. Dizem que esse é um privilégio do qual só bons amigos disfrutam. Era o que éramos, bons amigos, companheiros e apaixonados.

Talvez por não aceitar bem o que o futuro nos reservava, talvez numa tentativa de acalmar tanto o meu quanto o coração dela; eu menti:

— Vai ficar tudo bem! Nós já passamos por coisas bem piores antes. – disse.

Ela apenas me olhou e sorriu, não como a mesma intensidade dos sorrisos de outrora, mas com a costumeira beleza, que para mim era sem igual, se é que isso é possível. Parecia já ter aceitado sua condição:

— Beije-me agora, pois acredito que em pouco tempo o seu beijo não será capaz de me despertar. – Pediu, recordando-me de nossa história.

Assim que aquelas palavras me bateram eu pensei em recuar, porém conclui que um pedido como aquele não poderia ser negado à mulher mais Bela do reino e de toda minha vida.

Ela pareceu entender que, se nem sete pratos de ouro foram capazes de resistir as ferrugens impostas pelo tempo, quanto mais ela que era de carne e osso aguentaria tudo aquilo.

Cheios de tristeza, os serviçais do castelo se recolheram aos seus aposentos. Era tarde da noite, eles precisavam descansar e se preparar para o dia seguinte. Eu permaneci ao lado dela.

Ao perceber que minha eterna princesa havia fechado seus olhos, tomado de desespero, tentei lhe dar um beijo para que despertasse. Então vi que meus lábios já não teriam o mesmo efeito.

Essa é a uma pequena parte de depois que fomos "Felizes para Sempre". Esse é o exato momento da minha vida em que deixei de ser encantado e minha Bela adormeceu pela última vez.

@estrofes_livres

Wagner Azevedo Pereira
Nova Iguaçu/RJ

Sonho de Mulher?

Ela assim nasceu do choque de cores
Sem saber de qual encontro de amores
Se decerto mote se pode ou tenta fazer
Ou dentre encantos quer mesmo viver

De hortelã os lábios trilham o sentimento
Que desvendo o valor além do momento
do primeiro beijo em labirinto céu perdido
um desejo de mulher tão belo qual perdido

um encontro mágico de forma imediata
contempla o universo bem desejo ardente
sem nada cobrar o preço, amor semente

pra começar sinal vir tão premeditada
Que até imaginou-se um sonho por dia
Mas era tudo bem real, não era fantasia

https://www.facebook.com/wagner.azevedopereira.3

https://www.facebook.com/onomatopeias/

https://www.youtube.com/channel/UCMbvo_XnEpF2yAQvO7yAz0Q

William Fontana

Rio de Janeiro/RJ

Ardil Psíquico

Por qual motivo muitos necessitam de alguém para lançar suas culpas? A discriminação é uma constante na humanidade ainda que periodicamente alterne seu meios, focos e alegações. Discriminação é tudo que não te julga pelas próprias atitudes e atos, mas pela origem tal como cor, etnia, e etc. É um meio escuso de canalizar males a pretexto da projeção de outros males sobre o discriminado. É fingir que a vítima é a responsável pelos atos alheios.

Lei alguma seria capaz de deter o que tem profundas raízes na incapacidade humana de aceitar o que é diferente por meramente ser diferente. Mas talvez Johnny tenha chegado a raiz de toda discriminação ao desenvolver uma habilidade única como resultado de uma gravidez sob efeitos da droga G-9, ler pensamentos e intenções não exteriorizadas e verbalizadas. Antes, porém, discorreremos sobre os dependentes dessa droga que são facilmente condicionadas as crenças das mais absurdas como aquelas a qual pertencia a seita dos pais de Johnny. Estes em questão acreditam que para a bondade existir no mundo é necessária a existência do mal como precursora num dualismo que apesar de irreconciliável e forçado a existir.

Grande parte disso fora responsável por torna a vida de Johnny alvo de toda injustiça para que caridades e "bondades" aconteçam com terceiros. Essa superstição criminosa visa o reputar frequentemente por atos inexistentes como um para-raios ao fracasso moral de seus perpetradores. Sob efeito dessas drogas os impulsos de desejos se associam facilmente a subjetividade individual a acentuando de modo a tornar tais crendices mais vivas ao lhes conceder um suposto vislumbre espiritual as suas convicções.

Isso levava pessoas que passaram a crer que os astros eram deuses na antiguidade quando as propriedades ativas dessa droga devastadora foram descobertas e usadas com frequência entre os adeptos da oráculo de Delfos, o que lhe dava mais 'credibilidade' aos crédulos.

Os que eram usuários eram levados em grande parte das vezes a ilusões em massa, *folie deux*, eram comuns como num caso duas décadas atrás onde num atentando a droga fora diluída nas águas de uma cidade. Estes sob forte sugestão

passaram a crer que Johnny era Jesus Cristo e deveria ser crucificado pelos pecados deles.

Os moradores de uma cidade sofreram outrora de um experimento com os princípios ativos potencializados dessa droga que os tornavam apáticos e passivos a crerem até mesmo que pessoas brancas poderiam ser negras. Obviamente apesar de ter sido proibida após esses incidentes essa droga se tornou a mais desejada entre ditadores e líderes de cultos e seitas com a óbvia intenção de facilmente arrebanhar pessoas manipuláveis. A droga G-9 passou longos séculos no obscurantismo ao ser perdida desde seu uso por Delfos séculos antes de Cristo. Porém, em 2025 um arqueólogo que investigava a geologia do lugar onde ficava o antigo templo de Delfos e Dionísio descobriu uma propriedade num mineral desconhecido mesclado com elementos derivados de petróleo que eclodiam em gases que ao emergir inebriava a todos presentes no tempo. O batismo assim fora em decorrência da numeração das amostras de minerais colhidos metros abaixo do templo.

Décadas mais tarde o entardecer terreno era constatado por um declínio inexorável no sistema solar acarretado por um malfadado experimento científico sobre o sol que culminou numa reação em cadeia provocada pela liberação de uma antimatéria na parte cronal do Sol levando-o a antecipar em muitos milhares de anos sua vida útil, pois agora estava se tornando rapidamente uma gigante vermelha o qual o ápice engoliria a Terra.

A Terra rapidamente se tornou desolada enquanto os mares secavam rapidamente criando enormes desertos de sal por toda superfície. Doravante o caso, no entanto, levou a descobertas peculiares sobre o próprio mundo agora derradeiro. Há 200 quilômetros de Portugal, nas mediações da Ilha da Madeira uma grande cidade fora descoberta no leito do oceano, uma sociedade que se estendia por muitos quilômetros até aproximar-se de Creta, uma cidade de cultura antecedente a grega a qual muitos chamavam de Atlântida.

Por ser um terreno vasto e árido nenhum governo que agora em declínio era capaz de controlar a região o que levou a ficar entregue as moscas, de gangues e cultos fanáticos que partindo dos estudos preliminares de arqueólogos na região agora buscavam revigorar um suposto culto antigo dos Atlantis. Johnny, agora com seus 61 anos passava pela região afim de chegar numa misteriosa ilha paradisíaca que surgiram no meio do Atlântico com a evaporação crescente do mar mediante as pequenas porções de água que restavam. O nome do lugar seria Nova Éden.

O pobre homem portava apenas alguns livros e revistas como quadrinhos de 'Apenas um Peregrino' que não por menos se tornaram populares no período. Johnny não esperava que fosse ter o infortúnio de topar com a seita de Atlantis que habitava a região sul das ruínas da grande cidade perdida. Na verdade, ele pressentia os pensamentos daqueles homens vis há quilômetros de distância como o fedor de carne em putrefação. Maltrapilhos, os homens eram verdadeiros carniceiros pronto a qualquer crime com os incautos que tivessem a infelicidade de lhe cruzar o caminho.

Aqueles homens acreditavam que estabeleciam contato com um ancestral Atlantis do século 725 a.C., um poderoso feiticeiro que se utilizando da mesma droga G-9 deles buscava lançar sua consciência ao futuro justamente para encontrar aqueles homens do tempo de Johnny o qual se denominavam 'Filhos da Atlântida'. Invocavam para isso uma antiga entidade de parco conhecimento aos pós-modernos, mas conhecida entre os gregos pelo nome de Chronos.

Johnny havia partido de sua casa pois era perseguido por causa de seus perturbadores dons capazes de desvelar os mais nefastos segredos duma era permeada pela hipocrisia que os mantinham. Tão logo fora questão de tem de ser ver alvo de toda sorte de perseguição pois os poderosos temiam que a verdade sobre seus funestos atos ocultos fosse revelada em público. Mas pouco importava agora mediante o claro declínio daquele planeta outrora repleto de vida.

Johnny via as corrupções mais baixas, os conluios, intrigas, mortes e estupros que aqueles moralistas escondiam afim de manterem uma falsa reputação de integridade incólume, tinham um rosto de luminosos sorrisos ante uma população em crise, mas seus nomes ocultos era o terror. Porém, cada vez mais aquilo era comum para Johnny que agora passando-se por forasteiro perfilava a casas da cidade com suspeita ainda que ocultando seus dons indesejados que antecipavam muitas vezes atitudes.

— Eu não sei, mas parecem haver um padrão incomum nos desejos desse culto. Um padrão que demonstra um incomum sincronismo de pensamentos. — Murmurou o Johnny com seu cavalo — Talvez todos estejam sob o efeito da droga G-9 ante o líder. Mas fazia tempos que não via isso.

Porém, não havia jeito diferente de Johnny alcançar as ilhas, caso contrário teria que caminhar uma semana a mais desviando-se das ruínas de Atlântida sem suprimentos o bastante. Assim ele aproximou-se dos portões do lugar e fitando o homem que sentia o ódio deste contra forasteiros, não obstante com desejos doentios de depravações sexuais a força com ele.

— O que deseja aqui forasteiro! Não aceitamos estranhos entre os Filhos de Atlantis!

— Venho em paz, apenas preciso salvo conduto entre suas partes nas ruínas para chegar a Nova Éden. — Pediu Johnny tentando ser mais cordial o possível ante aquele homem no alto da torre. — Estou disposto a pagar bem por isso!

O homem hesitou por um momento quando então recuou indo a murmurar algo para alguém que a seguir parecia debater algo. O homem então voltou para o parapeito da torre e vociferou. Johnny, no entanto sabia de antemão o que ele diria, ofereceria uma proposta de pagamento.

— Quatrocentas gramas de ouro ou algo de valor equivalente!

Johnny aceitou ainda que relutante, mas sem escolha adentrou o lugar sendo recebido por três homens armados que exigiram a referente quantia como pedágio. Johnny assim fez e os homens deram passagem a ele que agora era seguido por dois homens a cavalo.

Todavia após uma hora de cavalgada ele sentiu-se mal e estranhamente atraído por um pensamento dominante o que indicava ser a do líder do grupo. Johnny sentindo-se tonto parou a montaria e desceu de seu cavalo indo jogar água em seu rosto quando então repentinamente tomado por um torpor tudo se escureceu e ele apagou.

Ao tornar-se lúcido novamente ele sentiu um torvelino de pensamentos murmurantes dizendo insistentemente que ele serviria aqueles homens, assim ele abriu seus olhos vindo a fitar este, o líder do grupo.

Assustado com aquilo, Johnny tentou resistir, mas mesmo com toda força mental ele não conseguia até que o homem disse.

— A Nova Éden não existe. Eu inseri as ideias dela em sua mente como uma miragem no deserto. Preciso de você para servir a nossa causa contra nossos inimigos. Somos dois lados da mesma moeda, você é um receptor universal de pensamentos e eu o emissor!

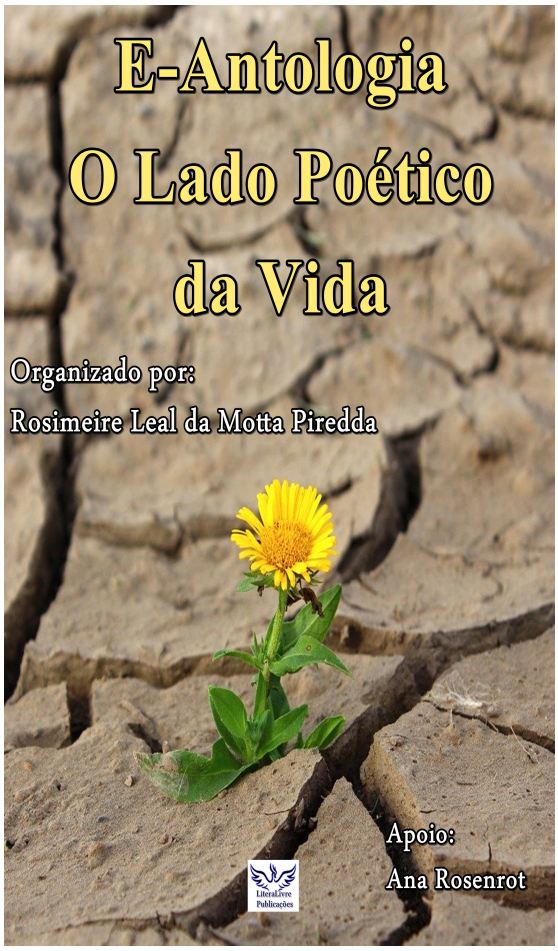
Johnny tentou resistir mentalmente com todas as suas forças, mas mesmo diante de pessoas com uma moral tão pequena ele não era capaz. Temia que se tornasse um robô degenerado sem vontade própria como aquele séquito daquele líder funesto, mas ele não conseguiu, caiu num ardil psicológico irresistível. Ele se tornou parte dos Filhos do Éden, uma legião de mortos em vida que perambulavam pelo mundo trazendo dor, roubo e destruição.

Lançamento do E-book E-Antologia: O Lado Poético da Vida

Organizado pela autora Rosimeire Leal da Motta Piredda, esta antologia conta com o apoio da escritora Ana Rosenrot, da Revista LiteraLivre e é o resultado do concurso de crônicas "O Lado Poético da Vida", que reuniu autores de todo o mundo.

O e-book está disponível para download no link:

https://drive.google.com/file/d/1p28hsGglrdginHDsmFmerOMBFJ5_q-I8/view



Sinopse:

Vários autores através de crônicas, demonstram o lado poético na vida das pessoas e no cotidiano, explicando o que é o lado poético.

Narrativas refletindo o dia-a-dia, contendo situações poéticas.

Observa-se no conteúdo desta Antologia, a diversidade de ideias e criatividade.

Estão neste e-book, TODOS os textos participantes, pois há várias visões sobre o que seja o lado poético da vida, alcançando o objetivo do concurso que é " estimular a reflexão e a análise", demonstrando o lado poético da vida no cotidiano.

Organizadores,

Rosimeire Leal da Motta Piredda

Maria Jose Zanini Tauil

Ana Rosenrot (Revista Literalivre)

Participem do Projeto "Cartas para a Vida"

Texto: Ananda Lima

O Projeto *"Cartas para a Vida",* nasceu de uma parceria da Academia Barreirense de Letras - ABL e a Polícia Militar da Bahia.

A proposta do projeto é levar palavras de esperança, de acalento a quem está vivendo problemas emocionais, especialmente os que têm pensamentos de morte e depressão.

Qualquer pessoa pode escrever, qualquer idade, formação...

Temos recebido cartas de cunho religioso, cartas simples, cartas mais elaboradas, cartas com relatos de superação... uma diversidade. Inclusive temos recebido poemas com mensagens lindas.

Quem escreve, tem ciência que as cartas serão publicizadas. Então, a pessoa decide se identifica ou deixa anônima. Temos as duas situações. Há quem usa pseudônimo.

Em qualquer ponto do planeta a pessoa pode escrever ou pode ter acesso à carta. Quem escreve, envia para o e-mail: *cartasparaavida2018@gmail.com*

As cartas serão publicadas nas redes sociais que poderão ser amplamente compartilhadas até chegarem aos seus destinatários, que pode ser eu, você, qualquer pessoa a depender do dia que estamos vivendo.

O projeto nasceu em setembro de 2018, com a força do Setembro Amarelo, mas não se restringe apenas a este mês. Ocorre permanentemente.

Agora, estamos organizando para ter um livro com as cartas já recebidas.

facebook - https://www.facebook.com/cartasparaavida/

Intagran - @cartasparaavida1

WhatsApp: (77) 9-9998-3406

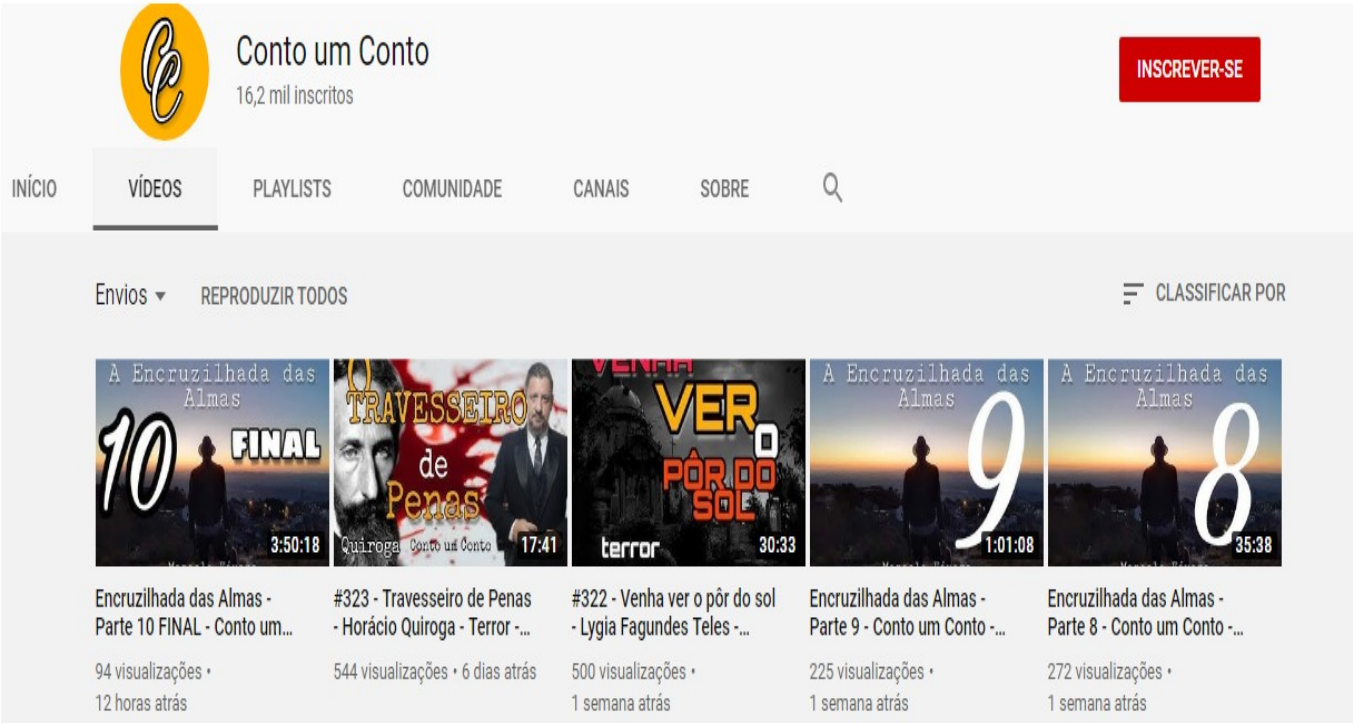
LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg



"Blog Concursos Literários"

Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

Blog: **https://concursos-literarios.blogspot.com.br/**

Facebook: **https://www.facebook.com/concursosliterarios/**

CONCURSOS

LITERÁRIOS

AAAHHrte é um zine-colagem de coisas interessantes encontradas por aí. O objetivo é apenas divulgar e valorizar a cultura, em suas variadas vertentes, para que seja apreciada, fomentada e preservada.
Quem quiser receber por mail o AAAHHrte 19 03 (PDF de 9,3 mb), ou as edições anteriores, é só pedir no wnyhyw@gmail.com .

Acesse para ler:

Zineteca Digital colaborativa:

https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VOSRYuN_id71RG9ks00clzH9nSTGxyGE

Academia Independente De Letras (AIL)

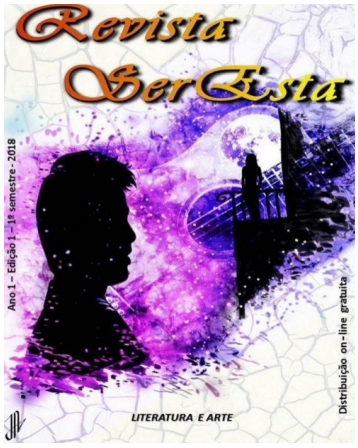
A ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL), situada na cidade de São João/PE é uma associação civil de direito privado, com finalidades culturais, sem fins lucrativos.

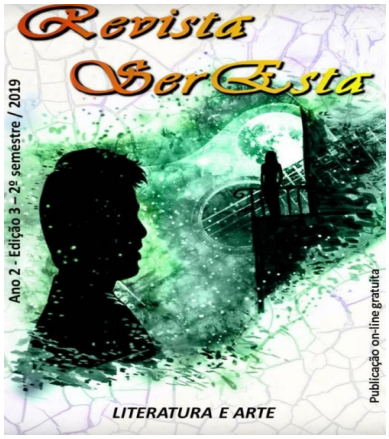
http://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/

Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.
A terceira edição traz uma entrevista com a ilustradora Wanessa Melo e homenageia o poeta Paulo Bomfim.

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edicoes.html





"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/

Verein
Casa Brasil
Liechtenstein

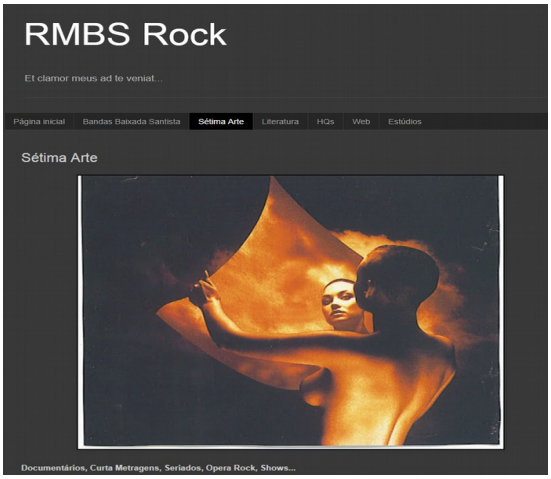
Blog RMBS Rock

Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

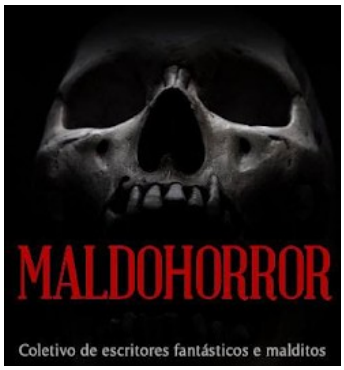
Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/



"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/



Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/

"Elemental Editoração"

Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Vamos mudar o mundo através das Palavras!!

https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/